



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN**  
**FACULTAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y DE LA COMUNICACIÓN**  
**MAESTRIA EM CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS  
E ADULTOS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO SESC - AMAZONAS**

**ELIANE SOUZA DOS SANTOS**

**Asunción - Paraguay**

**2023**

**Eliane Souza dos Santos**

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS  
E ADULTOS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO SESC - AMAZONAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Postgrado em Ciencias de la Educación da  
Universidad Autónoma de Asunción como requisito parcial para la obtención del título de  
Master en Ciencias de la Educación.

Orientador: Prof. Dr. Luis Ortiz Jiménez

Asunción - Paraguay

2023

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

Santos Souza dos, E. (2023). O Processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos: Desafios e Perspectivas do SESC - Amazonas. – p. 174.

Eliane Souza, Asunción: UAA/ Facultad de Ciencias Políticas, Jurídicas y de la Comunicación.

Orientador: Prof. Dr. Luís Ortiz.

Dissertação (Maestria)- UAA/ Facultad de Ciencias Políticas, Jurídicas y de la Comunicación

Referencias: p. 138

1. alfabetização 2. Educação de jovens e adultos 3. Ensino-aprendizagem

**Eliane Souza dos Santos**

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE  
JOVENS E ADULTOS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO SESC -  
AMAZONAS**

Esta tesis fue evaluada y aprobada para la obtención del título de Master en Ciencias  
de la Educación da Universidad Autónoma de Asunción- UAA

---

Dr.

---

Dr.

---

Dr.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por essa oportunidade em minha vida, de estar fazendo parte desse sonho alcançado.

A minha família, em especial aos meus filhos Max Bruno e o caçula Erick Endryl, pelas constantes mensagens de incentivo e compreensão pelo momento vivido de distâncias e saudades, as orações constantes de minha saudosa mãe Luzia.

Minhas cunhadas, sogra e marido pela força do jeito que puderam, principalmente ao cuidarem dos meus filhos nas minhas ausências.

As amigas que fiz no Paraguay, com incentivos, força, muita troca de conhecimentos e união.

Ao meu coordenador Doutor Luís Ortiz, pelas orientações.

A todos que direta ou indiretamente me apoiaram para conseguir meu grande objetivo, meu muito obrigada pelo apoio e dedicação, sou sabedora ciente de que sem todo suporte que tive ao longo dessa trajetória não conseguiria, amo todos.

### **Dedicatória**

Aos funcionários do Centro Educacional Fernando Matos de Souza – Sesc do Amazonas, por conduzir a socioeducação da melhor maneira possível, o que me impulsionou a questionar realidades e propor novas possibilidades na medida socioeducativa.

**Epigrafe**

” Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” **(Paulo Freire)**

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS .....	ix
LISTA DE FIGURAS.....	x
RESUMO .....	xi
RESUMEN.....	xii
INTRODUÇÃO .....	1
1. MARCO TEÓRICO .....	6
1.1. Fundamentos da educação brasileira .....	6
1.1.1. Os Jesuítas, a Reforma Pombalina e o Período Joanino .....	6
1.1.2. A Educação no Brasil do século XX .....	16
1.1.3. A Educação de Jovens e adultos na história da Educação Brasileira ..	22
1.2. O processo de alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos .....	31
1.2.1. A Alfabetização e o Letramento: processos indissociáveis .....	32
1.2.2. Os Métodos de alfabetização .....	37
1.2.2.1.Os Métodos Sintéticos .....	38
1.2.2.2.Os Métodos Analíticos .....	42
1.3. O método Paulo Freire para a Educação de Jovens e Adultos .....	45
1.3.1. O processo de alfabetização na epistemologia freiriana e a Educação de Jovens e Adultos .....	50
2. MARCO METODOLOGICO .....	60
2.1. Problema da investigação .....	59
2.2. Objetivos da investigação .....	62
2.2.1. Objetivo Geral .....	63
2.2.2. Objetivos Específicos .....	63
2.3. Decisões metodológicas .....	63
2.3.1. Tipo de investigação .....	64
2.3.2. Enfoque da investigação .....	64
2.3.3. Contexto da Investigação .....	66

2.3.4. Lugar e lócus da investigação .....	68
2.3.5. Participantes da pesquisa .....	69
2.3.6. Técnicas e instrumentos de coletas de dados .....	70
2.3.6.1. O Questionário .....	71
2.3.6.2. A Entrevista .....	72
2.3.6.3. A análise documental .....	74
2.3.7. Validação dos instrumentos de coleta dos dados .....	75
2.3.8. Técnica de análise de dados .....	75
2.3.9. Questões éticas da investigação .....	77
3. ANALISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS .....	81
3.1. Análise dos dados relacionados ao objetivo específico 1 .....	82
3.2. Análise dos dados relacionados ao objetivo específico 2 .....	87
3.3. Análise dos dados relacionados ao objetivo específico 3 .....	93
3.3.1. Primeiro bloco: Entrevista com os docentes da EJA .....	94
3.3.2. Segundo bloco: Análise documental .....	96
3.4. Análise dos dados relacionados ao objetivo específico 4 .....	101
3.5. Análise dos dados relacionados ao objetivo específico 5 .....	107
4. CONCLUSÕES .....	110
5. RECOMENDAÇÕES .....	117
REFERÊNCIAS .....	119
ANEXOS .....	125

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Participantes da pesquisa .....	69
<b>Tabela 2.</b> <i>Instrumentos de coleta de dados</i> .....	71
<b>Tabela 3.</b> <i>Critérios e indicadores que nortearam a análise documental do Projeto Político Pedagógico</i> .....	75
<b>Tabela 4.</b> <i>Siglas de reconhecimento dos participantes da pesquisa</i> .....	81
<b>Tabela 5.</b> <i>Perfil dos alunos da EJA em fase de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza/SESC LER</i> .....	82
<b>Tabela 6.</b> <i>O perfil leitor dos Alunos da EJA</i> .....	85
<b>Tabela 7.</b> <i>Análise Documental – Projeto Político Pedagógico do Centro Educacional Fernando Matos de Souza</i> .....	97
<b>Tabela 8.</b> <i>As dificuldades e as possibilidades dos alunos da EJA na fase de alfabetização escolar</i> .....	107

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Organização e sistematização do Método Paulo Freire .....	57
<b>Figura 2.</b> Elementos que nortearam a análise qualitativa da investigação .....	66
<b>Figura 3.</b> Município de Presidente Figueiredo – Amazonas .....	67

## RESUMO

Alfabetizar é proporcionar o ensino aprendizagem de nosso sistema alfabético presente na língua portuguesa, onde todos os alunos que vivenciam este processo deverão construir habilidades e competências para serem capazes de codificar e decodificar a partir da leitura e da escrita uma ação que são inerentemente humanas. A ação de alfabetizar na Educação de Jovens e Adultos é uma tarefa árdua e complexa, pois envolve especificidades relacionadas ao público a que se destina. Assim, objetivou-se com este estudo analisar os desafios e as perspectivas do processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza. A pesquisa aqui proposta no que concerne ao debate teórico está fundamentada em Freire (1979a, 1979b, 1980, 1982, 1986, 1989, 1994, 1991, 2011, 2016,) os estudos de diversos autores, sendo os mais citados: Abreu (2003, 2012), Arruda (2006), Barbosa (2015), Frade (2005) Gadotti (2008), Urbano (2009) dentre outros. Para tanto, utilizou-se a pesquisa descritiva com o enfoque qualitativo de investigação. A presente investigação ocorreu no Município de Presidente Figueiredo tendo como lócus de investigação o Centro Educacional Fernando Matos de Souza/SESC LER. Como instrumento de coleta de dados a pesquisa vislumbrou a aplicação de questionário com questões abertas e fechadas a 26 alunos da Educação de Jovens e Adultos em processo de alfabetização, entrevista semiestruturada para 06 (seis) professores que estão em efetiva docência em turmas de Educação de Jovens e Adultos, bem como a análise documental do Projeto Político Pedagógico da escola lócus de pesquisa. Os dados coletados foram analisados e interpretados a partir da análise descritiva de dados. Concluiu-se que a escola lócus de pesquisa apresenta os seguintes desafios no que concerne ao processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos: ausência de diagnóstico em relação aos alunos da EJA; a pedagogia de projetos desvinculada da realidade dos alunos; permitir a flexibilidade no planejamento e a participação dos professores na elaboração; utilizar metodologia para motivar os alunos; repensar a formação docente; ausência de recursos materiais e didáticos; a evasão escolar; dificuldades de aprendizagem por parte dos alunos. Como perspectivas: a escola ainda é reconhecida pelos alunos como ambiente de aprendizagem e como ferramenta de ascensão social; a Educação de Jovens e Adultos do SESC Ler proporciona a comunidade o retorno ao processo de escolarização; aprender a ler e a escrever e assim ser incluído em sociedade como sujeito letrado; utilizar a leitura e a escrita como reconhecimento de leitura de seu próprio mundo criando assim uma nova identidade de si e dos outros; melhora da qualidade de vida pessoal e profissional do aluno a fim de apresentá-lo como sujeito de direitos, fomentando condições para o exercício pleno da cidadania; realizar leituras diárias em sala de aula; ressignificar a proposta metodológica da escola; utilizar jogos pedagógicos como ferramenta de ensino aprendizagem para alunos em processo de alfabetização; melhorar os espaços físicos da escola, para que os professores possam realizar atividades diversificadas. O estudo apontou que a instituição precisa oportunizar o diálogo constante, haja vista a importância dele para avaliar os impactos da prática pedagógica junto aos alunos.

**Palavras –Chave:** Alfabetização, Educação de Jovens e adultos, ensino-aprendizagem.

## RESUMEN

La alfabetización es proporcionar enseñanza y aprendizaje de nuestro sistema alfabético presente en la lengua portuguesa, donde todos los estudiantes que experimentan este proceso deben construir habilidades y competencias para poder codificar y decodificar a partir de la lectura y la escritura una acción que es inherentemente humana. La acción de alfabetizar en la Educación de Jóvenes y Adultos es una tarea ardua y compleja, ya que involucra especificidades relacionadas con el público objetivo. Así, el objetivo de este estudio fue analizar los desafíos y perspectivas del proceso de alfabetización en la Educación de Jóvenes y Adultos en el Centro Educativo Fernando Matos de Souza. La investigación que aquí se propone respecto al debate teórico se basa en Freire (1979a, 1979b, 1980, 1982, 1986, 1989, 1994, 1991, 2011, 2016,) los estudios de varios autores, siendo los más citados: Abreu (2003, 2012) , Arruda (2006), Barbosa (2015), Frade (2005) Gadotti (2008), Urbano (2009) entre otros. Para ello, se utilizó una investigación descriptiva con un enfoque cualitativo de investigación. La presente investigación se desarrolló en el Municipio de Presidente Figueiredo teniendo como lugar de investigación el Centro Educativo Fernando Matos de Souza/SESC LER. Como instrumento de recolección de datos, la investigación previó la aplicación de un cuestionario con preguntas abiertas y cerradas a 26 estudiantes de Educación de Jóvenes y Adultos en proceso de alfabetización, entrevista semiestructurada para 06 (seis) docentes que se encuentran efectivamente enseñando en clases de Educación de Jóvenes y Adultos, así como el análisis documental del Proyecto Político Pedagógico de la escuela locus de investigación. Los datos recolectados fueron analizados e interpretados con base en el análisis descriptivo de los datos. Se concluyó que la escuela locus de investigación presenta los siguientes desafíos en lo que se refiere al proceso de alfabetización en Educación de Jóvenes y Adultos: falta de diagnóstico en relación a los alumnos de la EJA; la pedagogía de proyectos desconectada de la realidad de los estudiantes; permitir flexibilidad en la planificación y la participación de los docentes en la elaboración; utilizar la metodología para motivar a los estudiantes; repensar la formación docente; ausencia de recursos materiales y didácticos; Abandono de escuela; dificultades de aprendizaje de los estudiantes. Como perspectivas: la escuela sigue siendo reconocida por los estudiantes como un ambiente de aprendizaje y como una herramienta para el progreso social; La Educación de Jóvenes y Adultos del SESC Ler brinda a la comunidad un retorno al proceso de escolarización; aprender a leer y escribir y así ser incluido en la sociedad como sujeto alfabetizado; utilizar la lectura y la escritura como reconocimiento de la lectura de su propio mundo, creando así una identidad para sí mismo y para los demás; mejoramiento de la calidad de vida personal y profesional del estudiante para presentarlo como sujeto de derechos, propiciando condiciones para el pleno ejercicio de la ciudadanía; realizar lecturas diarias en el aula; resignificar la propuesta metodológica de la escuela; utilizar juegos pedagógicos como herramienta de enseñanza y aprendizaje para los estudiantes en el proceso de alfabetización; mejorar los espacios físicos de la escuela, para que los docentes puedan realizar actividades diversificadas. El estudio señaló que la institución necesita brindar una oportunidad para el diálogo constante, dada su importancia para evaluar los impactos de la práctica pedagógica con los estudiantes.

**Palabras clave:** alfabetización, educación de jóvenes y adultos, enseñanza y aprendizaje.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata do processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos no tocante aos desafios e as perspectivas do SESC – Amazonas. O tema é atual e desperta o debate entre educadores.

É importante destacar que o Brasil, apresenta máculas históricas relacionadas a desigualdades sociais e estas por sua vez reverberam na educação, dentre elas o analfabetismo.

Segundo o levantamento de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua, 2018) no Brasil a taxa do chamado “analfabetismo absoluto” no Brasil era de 6,8%, isso corresponde a 11,13 milhões de pessoas analfabetas com 15 anos ou mais de idade.

Os dados divulgados pelo PNAD Contínua (2018), apontam que é necessário corrigir a distorção idade série, como também, evitar a evasão escolar dos indivíduos que chegam à Educação de Jovens e Adultos com lacunas no tocante aos saberes relacionados a leitura e a escrita, como também ausência do contexto escolar.

Convém destacar que a Constituição Brasileira expressa a garantia ao direito à educação a todos na perspectiva de dar condições para que as pessoas possam exercer a cidadania. Destacamos que a formação cidadã materializa os direitos e os deveres que capacitam para o exercício da liberdade e da democracia como condições de sobrevivência para manutenção da dignidade humana.

Nesse véis a Educação de Jovens e Adultos- EJA necessita, sobretudo, respeitar o aluno diante suas possibilidades e seus limites de aprendizagem trazendo ao contexto suas experiências de vida para o fortalecimento dos conteúdos que estão sendo ensinados em sala de aula, como argumenta a epistemologia freiriana.

Partimos do princípio de que o processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos não é uma tarefa simples, já que envolve um emaranhado de fatores que ora

contribuem e ora desconstruem esta ação. É bem verdade que os alunos da EJA como todo aluno necessitam de oportunidades e acolhimento para que estes acreditem que a educação formal possa mudar sua condição de vida.

Segundo Domingos & Teles (2018) a Educação de Jovens e Adultos é conhecida como modalidade de ensino que abrange a todos que não tiveram a oportunidade de estudar ou abandonaram os estudos na idade correta.

Corroborando Gadotti (2008) afirma que

os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego (p.31).

A educação de adultos está condicionada às possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador. Daí ser importante pensar na metodologia, as quais têm reforçado o sistema “alienante” e não contribuinte para o enfrentamento da exclusão social, para o desenvolvimento da cidadania e da criticidade dos alunos.

Entendendo que a escola pode oferecer condições para mudança de vida para os alunos da EJA, brotam algumas inquietações, as quais são norteadoras desta investigação, são elas:

1. Qual o perfil dos alunos da Educação de Jovens e Adultos em fase de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza/SESC LER?
2. Quais metodologias são utilizadas pelos professores para o Processo de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza?
3. Quais os projetos voltados à leitura e a escrita são desenvolvidos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos?

4. Quais as possibilidades e os limites enfrentados pelos professores no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar?
5. Quais as dificuldades e as possibilidades dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar no que concerne a aprendizagem dos conteúdos e na relação de seu dia a dia na escola?

Estas geram, a luz da ciência, o desejo de buscar saber: Quais os desafios e as perspectivas do processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza?

Dado o exposto apresentou-se o objetivo geral: Quais os desafios e as perspectivas do processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza? Com base nele foram pontuados os objetivos específicos:

1. Apresentar o perfil dos alunos da Educação de Jovens e Adultos em fase de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza/SESC LER.
2. Verificar as metodologias utilizadas pelos professores para o Processo de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza.
3. Averiguar quais os projetos voltados à leitura e a escrita são desenvolvidos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos.
4. Identificar as possibilidades e os limites enfrentados pelos professores no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar.
5. Descrever as dificuldades e as possibilidades dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar no que concerne a aprendizagem dos conteúdos e na relação de seu dia a dia na escola.

Buscou-se, no referencial teórico buscou-se contextualizar a Educação de Jovens e Adultos ao longo da história da Educação do Brasil, e argumentos que embasassem o processo de alfabetização e letramento, os métodos de alfabetização, o método de Paulo Freire e o processo de alfabetização na epistemologia freiriana. Assim, o aporte teórico teve como base as teoria de Freire 1979a, 1979b, 1980, 1982, 1986, 1989,1994,1991, 2011,

2016,) os estudos de diversos autores, sendo os mais citados: Abreu (2003, 2012), Arruda (2006), Barbosa (2015), Frade (2005) Gadotti (2008), Urbano (2009) dentre outros.

O interesse em investigar a temática desta investigação é alimentado pela prática pedagógica como professora da Educação de Jovens e Adultos. A nossa experiência docente, com essa modalidade de ensino, onde ao longo dos anos tenho me deparado, com profissionais que implementam ações metodológicas, as quais têm reforçado o sistema “alienante” e não contribuinte para o enfrentamento da exclusão social, para o desenvolvimento da cidadania e da criticidade dos alunos. Entendendo que a escola pode oferecer condições para mudança de vida.

O tema é importante já que está ligado a uma questão que afeta a vida dos alunos, a discussão sobre ele propõe uma reflexão sobre o diálogo constante como postula Freire, haja vista a importância dele para avaliar os impactos da prática pedagógica junto aos alunos da EJA.

No que se refere à viabilidade, o estudo é viável, por não demandar da necessidade de investimentos financeiros.

Para o desenvolvimento da pesquisa optou-se pelo tipo descritivo com enfoque qualitativo. A escolha do enfoque parte da necessidade de adentrar na subjetividade, nas entrelinhas existentes em cada aspecto que se relaciona ao processo de alfabetização na EJA. Opção esta que justifica a utilização das técnicas e dos instrumentos que traduzem em evidências o registros de falas participantes da investigação. Diante desses pressupostos as transcrições e análises representam os contextos e as falas de seus respectivos participantes.

Assim sendo, o estudo foi estruturado em 05 (cinco) capítulos. No primeiro capítulo buscou-se trazer a abordagem teórica sobre a Educação de Jovens e Adultos ao longo da história da Educação do Brasil, o processo de alfabetização e letramento, os métodos de alfabetização, o método de Paulo Freire e o processo de alfabetização na epistemologia freiriana.

No segundo capítulo, apresentou-se a metodologia delineada para a pesquisa com base nos estudos de: Marconi & Lakatos (2017), Campoy (2018), Gil (2014), Sampiere, Lúcio e Collado (2013) dentre outros. Nele apresentou-se a metodologia delineada para a investigação que tem uma abordagem qualitativa. Utilizou-se, como

procedimentos para a coleta de dados, 03 (três) técnica: Análise documental, questionário e entrevista semiestruturada.

O lugar e lócus da investigação é o Centro Educacional Fernando Matos de Souza- SESC LER. Os participantes/ sujeitos investigados foram: 06 Professores, 01 Coordenador Pedagógico e 26 Alunos da EJA- turma Alfabetização.

No terceiro capítulo foram expostos a análise e interpretação de dados com foco nos objetivos específicos elencados para esta investigação.

No quarto momento apresentou-se a Conclusão, com base na avaliação e interpretação dos resultados (tratados no capítulo anterior) na perspectiva de responder a questão que moveu a pesquisa.

No quinto e último capítulo, segeriu-se algumas Recomendações para que se efetivassem ações pertinentes a temática investigada.

## 1. MARCO TEÓRICO

### 1.1. FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A educação ocupa um espaço relevante na construção da cidadania de um povo. É a partir dela que o cidadão percebe-se como sujeito de direitos e de deveres, nesse contexto as questões sociais, econômicas, culturais se entrelaçam compondo sua história, uma vez que como humanos somos “sujeitos do tempo”.

A vista disso podemos entender que a educação é uma conquista histórica, que sofre influência de cenários e enredos, onde muitos personagens ora harmoniosos ora conflituosos deixam suas marcas ao longo do tempo.

Com base nessa assertiva, a seguir iremos apresentar alguns pontos marcantes da história da educação no Brasil, iniciando com a chegada dos Jesuítas, a Educação de Jovens e Adultos e o processo de fortalecimento como processo de emancipação do povo brasileiro.

#### 1.1.1. Os Jesuítas, a Reforma Pombalina e o Período Joanino

A Educação no Brasil inicia em um contexto histórico de 30 anos após o chamado descoberto pelos Portugueses, diante disso “a história do Brasil no século XVI jamais poderia ser desvinculada dos acontecimentos da Europa” (Arruda, 2006, p.139).

Dito isto, Portugal estava enfrentando uma grande crise econômica que motivou a buscase um caminho para resolver seus problemas através da expansão comercial. E para isso tornou-se pioneiro nas grandes navegações e descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI, tal pioneirismo permitiu a Portugal conquistar novas terras “além-mar”, a exemplo do Brasil.

De acordo com Arruda (2006, p. 139) “as colônias valiam não somente para a ampliação do comercio, como também por fornecer produtos tropicais e metais

preciosos para as metrópoles”. Isto posto, o processo colonizador nas Américas por Portugal e Espanha buscaram assegurar o controle sobre o que era produzido e explorado nas suas áreas de domínio.

Ainda com base em Arruda (2006, p. 139) como levar mais tempo para encontrar metais preciosos em terras brasileiras os portugueses de início a exploração das terras brasileiras restringiram-se à extração do Pau Brasil e a algumas expedições exploratórias.

Em 1530, os portugueses implantam o sistema das Capitanias Hereditárias, o que deu origem ao processo de colonização, tendo como intenção a exploração da monocultura da cana de açúcar.

Urbano (2009, p. 12) corroborando com Arruda (2006) afirma que, somente após trinta anos do chamado descobrimento do Brasil, embora sem muita preocupação por parte do governo imperial de Portugal, teve início a colonização da Terra de Santa Cruz. O pensamento do governo em relação à nova terra é de exploração, num primeiro momento, deixando bem claro que a função da nova Colônia era propiciar lucros para a Metrópole, por isso até 1530 não esboçou nenhum projeto de ocupação.

Os portugueses enfrentaram inúmeras dificuldades no processo de colonização do Brasil (as quais contribuíram para o fracasso das Capitanias Hereditárias), pois o povo que residia nas terras brasileiras apresentavam cultura própria, crença e seu idioma, diante dessa realidade Portugal resolve ir buscar novas possibilidades e assim o Rei de Portugal resolve então criar o Governo Geral, a primeira forma de poder executivo que deveria zelar, cuidar e manter as capitanias hereditárias, todavia não obtiveram sucesso.

Com a escassez do pau Brasil, os indígenas que não aceitavam o regime de escravidão, o ouro que não era encontrado, a expansão do Protestantismo, Portugal percebeu que para ter sucesso no processo de colonização, precisava domesticar os selvagens. E para tal, utiliza a catequese e a instrução como meio “de controlar as investidas dos indígenas e, ao mesmo tempo, criar condições para o avanço no processo de colonização criando dessa forma muitas dificuldades para o avanço do processo de colonização” (Urbano, 2006, p. 13).

Arruda (2006, p. 139) contribui dizendo que a educação para o Rei de Portugal não era prioridade, uma vez que o desempenho das funções na agricultura não exigia formação especial. Mesmo assim, a fim de converter os índios, bem como fortalecer a

igreja católica como religião única e verdadeira eis que chegam as terras brasileiras os Jesuítas em uma ordem chamada Companhia de Jesus<sup>1</sup>.

Em 1549 juntamente com Tomé de Sousa, o primeiro governador geral do Brasil, chegam os Jesuítas, que no primeiro momento estavam chefiados pelo Padre Manuel da Nóbrega.

Convém ressaltar que, os Jesuítas são os responsáveis pelos primeiros indícios de educação formal no Brasil. Em 15 dias que chegaram nas terras brasileiras fizeram

[...] funcionar na cidade de Salvador, uma escola, de ler e escrever.

[...] Iniciou-se o processo de criação de escolas elementares, secundárias, seminários e missões, espalhados pelo Brasil até o ano de 1759, ocasião em que os jesuítas foram expulsos por Marques de Pombal. Nesses 210 anos, os jesuítas promoveram a catequese dos índios, a educação dos filhos dos colonos, a formação de novos sacerdotes e da elite intelectual, além do controle da fé e da moral dos habitantes da terra (Arruda, 2006, p.140).

A vista disto, o processo educacional não foi tarefa fácil. Os indígenas falavam um idioma diferente, a terra era estranha e também os portugueses que aqui estavam eram rudes e aventureiros. Para além, os jesuítas precisam conquistar as tribos indígenas e para isso tinham como meta como conquistar o chefe da tribo e desmascarar o pajé. Haja vista que, “o índio se encontrava à mercê de três interesses: a metrópole desejava integrá-lo ao processo colonizador; o jesuíta queria convertê-lo ao cristianismo e aos valores europeus; e o colono queria usá-lo como escravo para o trabalho” (Arruda, 2006, p.141).

Consideremos que a educação jesuítica possibilitou ao Brasil a separação de seu povo em os catequizados<sup>2</sup> e os instruídos<sup>3</sup>, já esboçando o princípio da dualidade na educação brasileira, isto é, a educação para o pobre e a educação para os ricos. Todavia, trouxeram benefícios a população, onde no campo da educação:

---

<sup>1</sup> A Companhia de Jesus é uma Ordem Religiosa, especialmente fundada para frear o crescimento do protestantismo e reparar os estragos ocasionados pela Reforma. O fundador foi Iñigo López de Oñaz y Loyola, que ficou conhecido por Inácio de Loyola; nascido em Azpeita, região Basca do norte da Espanha em 1491. Era um nobre fidalgo que em 1517 entra no exército e, a 5 de maio de 1521 foi ferido no cerco de Pamplona em batalha contra os franceses. Durante o tempo em que esteve convalescente no hospital

<sup>2</sup> Ação de cristianizar e pacificar tornando-os dóceis para o trabalho nas aldeias. (Arruda, 2006, p.142).

<sup>3</sup> Com os filhos dos colonos a educação poderia se estender além da escola elementar ler e escrever. (Arruda, 2006, p.142).

Os jesuítas montaram a estrutura dos três cursos a serem seguidos após a aprendizagem de ler e escrever e contar nos colégios:

a) letras humanas; b) filosofia e ciência (ou artes); c) teologia e ciências sagradas. Três cursos destinados à formação humanista, do filósofo e do teólogo (Arruda, 2006, p.143).

É oportuno frisar que:

Todas as escolas e colégios administrados pelos jesuítas eram regulamentados por um documento que começou a ser escrito pelo fundador, também chamado de general da Companhia, que ficou pronto de 1599, quarenta e três anos após sua morte. O documento chamado Ratio Atque Institutio Studiorum Societatis Jesu, Plano de Estudos da Companhia de Jesus, onde concentra sua programação com traços nitidamente da cultura europeia (Urbano, 2009, p. 17).

Em seus estudos, Arruda (2006, p. 143) enfatiza que no curso de humanidades, de grau médio, os jesuítas ensinavam latim e gramática para os meninos brancos e mamelucos. Todavia, é inegável o processo de segregação e de extermínio da cultura indígena em prol dos moldes europeus.

A presença dos Jesuítas no campo educacional convertia-se em uma conveniência para o governo colonial

[...] pois o método de ensino aplicado em seus colégios atendia os interesses daqueles que vinham para o Brasil e podiam oferecer aos filhos uma formação de qualidade aos moldes da Europa. Ao mesmo tempo, servia de articulação entre os interesses da Metrópole e as atividades coloniais. Na verdade, os colégios serviram para a formação de uma elite colonial (Urbano, 2009, p. 17).

Martins (2014, p.10) citando Paiva (2003) afirma que “foi através do ensino das crianças que os jesuítas buscaram atingir seus pais, já que, para realizar a catequese direta dos indígenas adultos, eram necessárias a alfabetização e a transmissão da língua portuguesa”.

Ainda segundo o pesquisador,

[...] o modelo econômico adotado e as atividades econômicas praticadas na Colônia não exigiam uma educação voltada para a população adulta não

alfabetizada, fosse ela composta por portugueses e seus descendentes ou muito menos para a população escravizada, indígena e africana (Martins, 2014, p. 10).

Apesar dos avanços e do legado dos jesuítas na educação brasileira, já no século XVII o ensino no Brasil encontrava-se estagnado, isto porque eles mantinham a educação centralizada na religiosidade, conservadora, a qual distanciava-se do acúmulo intelectual do povo brasileiro que ainda estava muito relacionado às pessoas com maior poder aquisitivo.

É oportuno destacar que

no decorrer do século XVII, cresce a animosidade contra a Companhia de Jesus. O governo temia o seu poder econômico e político, exercido maciçamente sobre todas as camadas sociais ao modelar-lhes a consciência e o comportamento. Ainda mais, desde os tempos de Nóbrega, a coroa se comprometera a destinar-lhe uma taxa especial de 10% da arrecadação dos impostos, além de doação de terras. A Companhia tornara-se então muito rica, com todos esses benefícios, mais a produção agrária das missões, altamente lucrativa (Arruda, 2006, p. 133).

Em 1750 D. José I nomeia como seu primeiro-ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, conhecido como Marquês de Pombal, o qual ocupará esse cargo até 1777. Segundo Urbano (2009, p. 26), buscando o fortalecimento da coroa portuguesa, Pombal empreende esforços, especialmente para recuperar a economia e a política de Portugal, ele inicia uma campanha contra as ideologias implementadas pelos Jesuítas no decorrer de 210 anos. É possível perceber, neste cenário, a desconstrução da educação brasileira para o início de uma nova era. Onde

para justificar sua perseguição alega que a Companhia é um empecilho na conservação dos poderes econômico e político e aponta como motivos seu enriquecimento e a orientação de sua clientela para o serviço da Ordem, e, não para os interesses do Império (Arruda, 2006, apud Urbano, 2009, p. 27).

Arruda (2006, p. 27) enfatiza ainda que “o ódio que Pombal nutre pelos jesuítas, faz com que endureça cada vez mais a relação, chegando a ponto de pedir, nove anos após chegar ao poder, sua expulsão”, mais de 500 missionários são banidos, tal situação promove um corte histórico na educação brasileira. Este período ficou conhecido como reforma pombalina.

É oportuno ressaltar que as decisões tomadas pela coroa portuguesa traziam como pano de fundo a autonomia, por outro, ela conseguiu um problemão pois, os jesuítas cuidavam de quase todos os colégios brasileiros. Então Portugal, instituiu a educação pública: escolas passariam a ser geridas pela coroa.

A análise crítica de Urbano (2009, p. 29) aponta que o ideal de Pombal era formar o nobre negociante, simplificar e abreviar os estudos, encaminhando maior número aos cursos superiores; aprimorar a língua portuguesa, diversificar o conteúdo incluindo o de natureza científica e torná-los os mais práticos possíveis.

No que diz respeito aos colégios, eles

tornaram-se dispersos, não havia mais a formação de mestres nem uniformidade de ensino, portanto. Existem queixas quanto à incompetência do mestre leigo, que são muito mal pagos. O centro de 29 decisões está no reino, o que torna a máquina administrativa extremamente morosa e ineficaz (Arruda, 2006, p. 134).

Cabe ressaltar que Pombal também extermina o idioma nativo, e reafirma a língua portuguesa como soberana em terras brasileiras. As escolas separavam homens e mulheres. Nesse véis buscava-se determinar

[...] a base fundamental da civilidade, que se pretende, haverá em todas as povoações duas Escolas públicas uma para os meninos, na qual se lhes ensine a Doutrina Cristã, a ler, escrever e contar na forma que se praticarem todas as Escolas das Nações civilizadas; e outra para as meninas, na qual além de serem instruídas na Doutrina Cristã se lhes ensinará a ler, escrever, fiar, fazer renda, costura e todos os mais ministérios próprios do seu sexo. (Beozzo, 2005, pp.11-12).

Na ótica de Urbano (2009) a coroa portuguesa propaga a ideia de que a educação brasileira está fracassando e para resolver o problema decide

abreviar os estudos, mas a maior preocupação era formar o perfeito nobre e para isso simplificaram a aprendizagem do latim, para o rápido ingresso nos cursos superiores. Essa nova proposta ainda objetivava um maior conhecimento da língua portuguesa; diversificação do conteúdo; levar o aluno a um maior contato com o mundo científico e tornar os estudos mais objetivos. Contudo, as

reclamações, por parte da população continuam, pois é notória a diferença entre essa nova proposta com a anterior (p. 33).

Outro ponto relevante diz respeito a contratação e o pagamento dos professores. Para tal, a coroa criou um novo tributo e taxou a produção de aguardente de cana-de-açúcar, o qual recebeu o nome de subsídio literário. Este imposto era baixo para não atingir os produtores e nem os comerciantes. Tal situação segundo Urbano (2009, p. 34) inicia no Brasil a desvalorização do magistério, como também a ausência da formação docente.

Como podemos vislumbrar, a educação brasileira retrocede e todo o legado deixado pelos jesuítas é extinto. O pesquisador afirma que apesar do fracasso um ponto positivo existiu, “surgiram novos métodos de ensino e os livros”, foram criadas as aulas régias de forma a substituir o ensino religioso que passaram a privilegiar a elite brasileira (Urbano, 2009, p. 34).

A leitura crítica sobre a educação brasileira, até o início do século XIX, aponta que ela estava praticamente na estaca zero. Pombal acabou com o sistema jesuítico, mas não ofereceu outro que, pelo menos, pudesse chegar próximo e assim dar continuidade ao que vinha sendo feito. (Urbano, 2009, p. 34).

Em 1808, com a chegada da Família Real, no Rio de Janeiro, o Brasil deixa de ser uma colônia e ganha o destaque de Reino Unido de Portugal. E neste cenário

[...] com a abertura dos portos, chegou o fim do monopólio e da dependência econômica do Brasil sobre o comércio, em relação à metrópole. Mas sua situação apenas foi transferida para outro país: de Portugal passa para a Inglaterra, que sustenta e mantém, naquele momento, a ideologia de aliada. Mais tarde, em 1822, com a Proclamação da Independência é oficializada, apenas no papel, a emancipação política do Brasil. (Urbano, 2009, p. 36).

Buscando satisfazer os interesses da família real e de todos aqueles que faziam parte de sua corte D. Joao VI, são criadas

várias instituições, entre elas pode-se destacar: a Imprensa Régia, em 13 de maio de 1808, que possibilitou a impressão do Jornal Gazeta do Rio de Janeiro, o primeiro jornal brasileiro, nesse tempo eram proibidas as editoras e a circulação qualquer tipo de impresso, pois tudo tinha de vir de Portugal; a Biblioteca Nacional tendo os seus primeiros volumes vindos da Biblioteca da Ajuda, Portugal; o Museu Nacional; Academias de 37 Guardas-Marinhas e Academia

Real Militar, escolas de ensino superior. A última deu origem a Escola Nacional de Engenharia; cursos superiores de cirurgia, anatomia e medicina no Rio de Janeiro e na Bahia; criação da Escola de serralheiros, oficiais de lima e espingardeiros, em 1812. No Rio é criado o primeiro laboratório de química, 1812; Em 1817 é criado o Jardim Botânico para estudos de botânica e análogos; cursos para formação de técnicos nas áreas de agricultura, 1814; química, abrangendo química industrial, geologia e mineralogia, 1817, no Rio de Janeiro e desenho técnicos, 1818. Esses cursos deveriam formar técnicos para as áreas de economia, agricultura e indústria. (Ribeiro, 2000 apud Urbano, 2009, pp. 36-37).

É bem verdade que

a expulsão dos jesuítas estagnou o processo educativo, mas com a chegada da Família Real em 1808, grandes mudanças acontecem nessa área. E aos poucos vai se esboçando o que será chamado de ensino imperial, uma vez que a cada dia que passa o governo português com sede no Brasil, deixa claro sua intenção de dar à Colônia ares de uma Corte à altura das europeias. Assim, no que diz respeito à educação, o ensino imperial viria a ser estruturado em três níveis: primário, secundário e superior (Urbano, 2009, p. 37).

Arruda (2006, p. 222) corrobora dizendo que “sem a exigência de conclusão do curso primário para o acesso a outros níveis, a elite educa seus filhos em casa, com preceptores”. Para os demais segmentos sociais, o que resta é a oferta de pouquíssimas escolas cuja atividade se acha restrita à instrução elementar: ler, escrever e contar.

A partir das incursões vislumbra-se que o ensino primário permanecia com a característica de ensinar a ler e a escrever. O ensino secundário partia do princípio de que as aulas regias ensinavam a gramática latina de forma ainda atrelada ao modelo de ensino de Marquês de Pombal. Os professores ainda eram nomeados pela coroa portuguesa e obedeciam às ordens do governo português. Em relação ao ensino superior não houve avanços significativos.

Ressalta-se que no ano de 1823 o Brasil possuía

uma população total de 4 milhões de habitantes, dos quais quase 1.200.000 eram escravos; em meados do século, para 5.520.000 habitantes livres contávamos com 2.500.000 escravos; mais de 30% da população estava a priori excluída de

qualquer participação de caráter educativo sistemático. [...] acerca das escolas para meninas, os 50% representados pelas mulheres eram em grande parte marginalizados do processo educativo escolar [...] Muito poucas frequentavam escolas: as mulheres do povo não recebiam instrução; as da elite eram educadas em suas casas [...] Em tais condições pode-se entender que a educação elementar tenha se expandido de forma tão irregular e limitada. As elites adotaram como prática o estudo individual com preceptor em suas próprias casas, a educação não era sentida como uma necessidade social e econômica muito forte (Paiva, 2003, p.73).

As intervenções de D. João VI na educação brasileira ficaram conhecidas como o Período Joanino. Nesse âmbito vislumbramos:

- a) No ensino secundário ocorreu a pseudodescentralização. Foi criado o Colégio D. Pedro II no Rio de Janeiro destinado a educar a elite intelectual e a servir o padrão de ensino para os demais liceus do país. O ensino era propedêutico, o currículo não era materializado nas escolas e algumas nem tinham este documento, em alguns casos as aulas eram avulsas. Os colégios leigos da época eram os mais progressistas e inovadores. (Arruda, 2006, pp. 225-226).
- b) O ensino superior a priori destinava-se a formação de sacerdotes. Foram criados dois cursos em nível jurídico, um em São Paulo e o outro em Recife que 1854 passaram ao status de faculdade, todavia institutos isolados sem interesse na formação de universidades. O ensino superior reforçava o caráter elitista e aristocrático da educação brasileira e apenas privilegiava o acesso aos nobres, aos proprietários de terra e a uma camada intermediária, surgida da ampliação dos quadros administrativos e burocráticos. Os cursos jurídicos destinavam-se a ocupação de cargos administrativos e políticos e em alguns casos para o fazer laboral na área do jornalismo. (Arruda, 2006, pp. 226-227).
- c) A formação de professores neste período ocorre o advento das escolas normais, onde a primeira escola Normalista foi a Escola Normal de Niterói fundada em 1835 que fechou em 1849 por não ter alunos. Com a duração instável, as escolas normais no Brasil não conseguiam se manter em sua função. Eram verdadeiras portas de “abre e fecha”. Não havia interesse na formação, pois para ser professor não era exigida formação profissional, onde se o candidato tivesse boa leitura, boa escrita, conhecia e sabia utilizar as quatro operações matemáticas

poderia exercer a função docente. Estes professores eram nomeados sem concurso público e estas nomeações estavam fortemente relacionadas aos laços de família e dos favores da corte portuguesa iniciando assim, a prática do nepotismo e do protecionismo. (Arruda, 2006, p. 227).

- d) Em relação aos cursos profissionalizantes este era bastante incipiente. A educação não era valorizada e nem estava atenda aos problemas práticos e econômicos. A mentalidade era escravocrata. O trabalho humano era humilhante e inferior quando feito com as próprias mãos. Posteriormente o governo iniciou o confinamento de homens para formar artífices e ocupar guarnições militares. Assim, em 1840 temos o curso de artífices na Casa de Estudante de Artífices com o ensinamento militar dando destaque ao Asilo de Meninos Desvalidos em 1875. (Arruda, 2006, pp. 228-229).
- e) A Educação da Mulher era percebida como uma situação de dependência e inferioridade. Em algumas famílias recebiam a leitura, todavia deveriam aprender boas maneiras, prendas do lar e a formação moral e religiosa visando então, o preparo para o casamento. Aprendiam a tocar piano, línguas estrangeiras, sobretudo, o francês. Em 1827, pela primeira vez no Brasil, aconteceram aulas regulares para mulheres com ensinamento das funções maternais. Em 1832, pela falta de professorado digno para o ensino feminino, em todo o império quase não tínhamos escola a atender este público que não chegava a 20 escolas. Somente em 1875, em escolas normalistas, as mulheres iniciam a profissionalização na carreira do magistério garantindo assim, a feminilização do magistério no Brasil. (Arruda, 2006, pp. 229-230).

É possível perceber que o império torna-se decadente e suas ações não atendem mais as necessidades do povo brasileiro e neste contexto como afirma Urbano (2009, p. 50) “os cafeicultores juntaram-se aos militares, pois muitos desses pertencem à classe média, buscaram apoio de outros pequenos grupos, também de insatisfeitos e, sem praticamente nenhuma participação popular proclamaram a República em 15 de novembro de 1889 por Marechal Deodoro da Fonseca”.

Figueira (2005, p. 300) contribui dizendo que “assim nasceu à chamada política do café com Leite, por meio da qual a oligarquia mineira e paulista passou a se revezar no poder até 1930”.

Arruda (2006, p. 246) afirma que de maneira geral as propostas educacionais do século XIX reafirmam no século XX a necessidade da escola pública, gratuita e obrigatória. Isso se deu pelo fato do crescimento da indústria e também pelo aumento populacional e também das migrações, onde as pessoas em busca de melhores condições de vida passaram a migrar do campo para a cidade. O ensino é ampliado em três níveis, o primário, o secundário e o superior.

### 1.1.2. A Educação no Brasil do século XX

A Era Vargas inicia em 1930 e apresentou grandes contribuições a educação brasileira. Ao assumir a presidência da República, Getúlio Vargas cria o Ministério da Educação visando organizar e também centralizar as políticas educacionais, como também reafirmar que a educação seria percebida, unificada em um grande sistema que iria atender o país como um todo. Dentro desse debate

ocorreram Conferências Nacionais de Educação, as quais foram tratados temas importantes para a educação nacional. Veremos algumas iniciativas relacionadas à qualificação do magistério que era composto em sua maioria por professores leigos. Estados, municípios e entidades privadas promoviam cursos de formação e aperfeiçoamento para seus professores. Nesse período, deu-se continuidade à rádio educativa, em favor da educação popular. Em 1930, foi criado o Ministério da Educação e Saúde e, no ano seguinte, o Conselho Nacional de Educação. Essas medidas anunciavam o propósito de intervenção da União na educação (Martins, 2014, p. 15).

Para, além disso, Getúlio Vargas queria integrar Estados e Municípios para promover a cooperação entre estas esferas e assim, relacioná-las as decisões do Governo Federal.

Em 1930 muitas leis regulamentaram o ensino no Brasil e neste processo legislativo, a educação foi dividida em nível fundamental, ginásial e supletiva. O ensino fundamental, atendia crianças a partir de 7 anos de idade até os 12 anos, ao final deste primeiro momento o aluno fazia uma prova (exame admissional) para poder ingressar em outro nível de ensino denominado de ginásial. Este possuía uma duração de 04 anos,

caso o aluno estivesse com idade superior aos 12 anos, este cursaria o supletivo, o qual teria um tempo mais curto, conteúdos menos extensos, visto que em 04 anos o aluno completaria o nível fundamental e o ginásial.

De acordo com Ghiradelli Junior (2000)

[...] no campo da educação, as atitudes do governo Vargas caminharam sob os mesmos parâmetros táticos de sua política trabalhista. Logo nos primeiros momentos após os acontecimentos que encerraram a Primeira República, desenvolveu-se um esforço governamental no sentido de controlar duas tendências do pensamento educacional esboçado nos anos 20. De um lado estavam as facções conservadoras, e até mesmo reacionárias, ligadas a Igreja Católica e que desaprovavam alterações qualitativas modernizantes nas escolas, e muito menos concordavam com a democratização das oportunidades educacionais a toda a população. De outro lado estavam os grupos influenciados pelos chamados “profissionais da educação”, os liberais, que desejavam mudanças qualitativas e quantitativas na rede de ensino público (p. 41).

Neste período o ensino médio também foi redimensionado, onde os ensinamentos passaram a preparar os alunos em um contexto cultural, mas principalmente para “prestar vestibular”. Na concepção do governo o aluno deveria saber reconhecer-se como sujeito da sociedade, respeitar o convívio familiar e estar apto ao mundo do trabalho, todavia sem o valor de sua formação como cidadão para o exercício da cidadania.

No que concerne ao ensino superior à década de 30 é demarcada pela reforma dos estatutos universitários. As faculdades que antes eram isoladas e em grande número, foram aglutinadas e transformadas em universidades. Assim, foram criados novos cursos e fomentado a pesquisa em terras brasileiras tendo em 1934 a criação da Universidade de São Paulo.

Cabe ressaltar que em 1932, um grupo composto de 26 docentes entre eles Lourenço Filho e Anísio Teixeira criam o movimento dos Pioneiros da Escola Nova e iniciam reflexões para que a educação brasileira assumisse de fato um ensino público, laico e para todos de forma igualitária, reconstruindo assim, nesta perspectiva toda a

estrutura educacional brasileira. Estes educadores passaram a exigir mudanças as quais deveriam perpassar pela democratização do ensino, onde nenhum tipo de segregação seria mais aceito. A escola deveria ser para todos.

Arruda (2006, p. 246) enfatiza que o escolanovismo resultou da tentativa de superar a escola tradicional excessivamente rígida, magiocêntrica e voltada para a memorização dos conteúdos. As realizações da Escola Nova defendiam uma educação ativista, a partir da renovação da pesquisa pedagógica, na busca por teóricos fundamentados na filosofia e em valores científicos para a prática educativa mais eficaz (Arruda, 2006, p. 263).

Neste véis, negros, brancos, pobres, ricos deveriam ter os mesmos direitos e com isso o Brasil estaria diminuindo toda e qualquer forma de preconceito e discriminação. As desigualdades sociais seriam diminuídas, uma vez que as escolas passariam atender as demandas de seu entorno e por isso as propostas pedagógicas e os currículos deveriam passar por um processo de reformulação. Então, a escola deveria repensar suas práticas pedagógicas a partir de seus alunos, com base na construção histórico-social de seus sujeitos. E neste cenário inicia o debate da importância da formação docente no Brasil, a direção desse estudo aponta que o magistério clamava pela formação superior. Como postula Arruda, ao afirmar que a

educação deveria dar atenção especial a formação do cidadão em uma sociedade democrática e plural que estimulava o processo de socialização da criança havendo então, o desempenho da individualidade, a autonomia, o que seria possível em uma escola não autoritária que permitisse ao educando aprender por si mesmo e aprender fazendo (Arruda, 2006, p. 263).

Além disso o movimento dos pioneiros da Escola Nova oportunizou a chegada de uma nova Constituição Federal. De acordo com a Carta Magna de 1934, a educação primária passou a conceber o antes ensino fundamental e ginasial e a educação brasileira passou a ser obrigatória. Com esta obrigatoriedade Getúlio Vargas constrói mais escolas em detrimento da demanda que a cada ano torna-se maior e isso afetava a economia brasileira, pois o investimento em educação estava cada vez mais onerando os cofres públicos. E por “não dar conta” e não ser o culpado de todo o fracasso o governo federal reafirma que os pais deveriam garantir a educação aos seus filhos.

O movimento da escola nova enfatizou os métodos ativos de ensino aprendizagem, deu importância substancial à liberdade da criança e ao interesse do educando, adotou métodos de trabalho em grupo e incentivou a prática de trabalhos manuais nas escolas; além disso, valorizou os estudos da psicologia experimental e, finalmente, procurou colocar a criança (e não mais o professor) no centro do processo educacional (Ghiraldelli Junior, 2000, p.25).

Em 1937 em detrimento do processo de revolução industrial é criado o ensino técnico profissionalizante com o pretexto, a priori, de garantir a profissionalização de alunos do supletivo que já estavam com idades avançadas. Aqui, faz-se oportuno frisar que:

- a distorção idade/série já se apresentava como sendo um problema na educação brasileira;
- são criadas as escolas com uma concepção tecnicista de educação;
- os cursos profissionalizantes tinham a duração de 02 anos e se apresentavam sob os moldes do ensino ministrado no supletivo;
- e o artigo 130 da Constituição de 1937, vem “macular” a gratuidade do ensino conseguida na Carta Magna de 1934.

O ensino primário é obrigatório e gratuito. A gratuidade, porém, não exclui o dever de solidariedade dos menos para com os mais necessitados; assim, por ocasião da matrícula, será exigida ao que não alegarem, ou notoriamente não puderem alegar, escassez de recursos, uma contribuição médica e mensal para a caixa escolar (Constituição de 1937 apud Ghiraldelli Junior, 2000, p. 82).

Em verdade, o que de fato ocorria no Brasil era a necessidade de mão de obra especializada, a qual exigia uma formação, “coisa” que o brasileiro não possuía. Arruda (2006, p. 303) reforça que embora tenha havido difusão das ideias dos pioneiros da escola nova, estas nem sempre foram possíveis de serem aplicadas ficando restritas em alguns lugares do Brasil e de certa forma acabou por desviar a universalização da educação popular para uma visão totalmente tecnicista de educação.

Saviani (2009) afirma que para a Escola Nova seria necessário um deslocamento do intelecto na condução do processo pedagógico para o sentimento, do aspecto lógico

para o psicológico dos conteúdos para os métodos ou processos de ensino, do professor para o aluno, do esforço para o interesse, da disciplina para a espontaneidade.

Mesmo com todos os esforços da ampliação do processo de escolarização as dificuldades de implantação das reformas educacionais esbarravam na dura realidade brasileira.

Além disso os professores eram leigos, não possuíam formação necessária para o estabelecimento de seu fazer pedagógico e isso só aumentava na década de 40. Em 1945, Vargas é deposto, todavia Lourenço Filho permanece como Ministro da Educação e escreve o primeiro anteprojeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Esta Lei tramitou por anos, sendo promulgada em 1961.

Ao se examinar o texto da LDB de 1961, vislumbramos que os pensadores defendiam uma educação descentralizada, onde a principal bandeira defendida era a concepção de uma educação pública, laica e gratuita. Como também, proporcionou a Implantação do Conselho Federal de Educação e o Plano Nacional de Educação sob a coordenação de Anísio Teixeira, onde neste plano 12% dos recursos federais seriam destinados à educação brasileira.

Os autores ainda destacam que com o golpe militar<sup>4</sup> de 1964 as experiências educacionais são interrompidas e a repressão aos professores, estudantes e demais profissionais da educação seguem o caminho da repressão, perseguição, cassação, torturas e assassinatos pelos novos detentores do poder. (Fernando, Barros & Pereira, 2017, p. 118). Neste contexto a perspectiva tecnicista<sup>5</sup> retorna à educação brasileira e as mudanças da educação brasileira vinculadas a este momento histórico perpetuam-se até hoje.

Nesse cenário ocorreram as inúmeras privatizações e com isso a escola para os ricos e a escola para os pobres retorna ao cenário do mundo educacional no Brasil e conseqüentemente a precarização da escola pública era notório. Escolas sucateadas,

---

<sup>4</sup> A ditadura militar durou 21 anos. Iniciou-se em 31 de março de 1964 com o golpe que depôs Joao Goulart e teve seu fim com a eleição indireta (via colégio eleitoral) de Tancredo Neves e José Sarney em Janeiro de 1985. (Ghiraldelli Junior, 2000, p. 163).

<sup>5</sup> Chamamos de educação tecnicista a adequação da educação às exigências ou necessidades da sociedade capitalista e industrial a educação voltada ao trabalho e não ao conhecimento amplo. (Fernando, Barros & Pereira, 2017, p. 126).

alunos sem perceber a importância do ensino aprendizagem, professores insatisfeitos com seus salários e sendo obrigados a calar.

Como podemos perceber a ditadura militar trouxe consigo a ferramenta de controle social, político, econômico e educacional. Além disso, o regime militar apoiou-se nos ideais tecnicistas e transformou o ensino em uma ferramenta de controle da educação brasileira. Isto posto, a educação tornou-se estática e o ensino configura-se como sendo mecânico.

Um fato que merece ser destacado deste período é que o povo não cabia o direito de pensar. Pensadores que defendiam o pensamento crítico a exemplo de Paulo Freire que é exilado no Chile. Os direcionamentos da educação brasileira são voltados para o processo de industrialização onde caberia ao povo ser capaz de cumprir tarefas mecanicamente.

Em seus estudos Ghiraldelli (2000, p. 170) aponta que a ditadura militar cria o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), objetivando torná-lo eficaz, chegou-se a dizer que o método de Paulo Freire poderia ser utilizado, desde que fosse desideologizado.

É, portanto, inevitável afirmar que este fato seria uma grande mentira. O método Paulo Freire não apresentava em sua concepção da educação bancária e nem uma pedagogia do calar e como afirma Ghiraldelli (2000, p. 170) o método de Freire autêntico não poderia conviver com uma educação que não conscientizasse a partir da constatação e denúncia do modelo econômico concentrador de renda que, de fato, atingiu duramente a clientela do MOBRAL.

Notabilizamos que em 1971 o vestibular torna-se obrigatório no Brasil e logo em seguida nos deparamos com reforma universitária regulamentada pela Lei nº 5692/71, este seu bojo dividiu a educação brasileira em: 1º grau, 2º grau e ensino superior. Na nova legislação a escola enquanto obrigatoriedade estende-se até os 14 anos e não havendo mais necessidade de nenhum tipo de exame admissional.

Na análise crítica de Ghiraldelli Júnior (2000)

A Lei 5.692/71 não significou uma ruptura completa da Lei 4.024/61. De fato, o regime de 64 não veio para efetivar uma ruptura econômica com o regime

anterior, mas veio sim, para uma alteração política justamente para o favorecimento da continuidade de um modelo econômico. A legislação educacional não encontrou motivos para não refletir tal continuidade. De fato, a lei 5.692/71 incorporou objetivos gerais do ensino de 1º e 2º graus expostos nos fins da educação da Lei 4.024/61. Tais objetivos diziam respeito à necessidade de “proporcionar ao educando formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania” (p. 182).

No estudo sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5692/71 evidenciamos que ocorreu a inclusão da disciplina estudos sociais e que as escolas normais foram extintas e para ser professor os cursos de formação docente apresentavam-se em períodos mais curtos.

No governo de Ernesto Geisel, o Ensino Fundamental é colocado nas mãos dos municípios, garantindo assim o processo de municipalização, democratização e descentralização do ensino no Brasil. Mas é com João Figueiredo, último militar a governar o Brasil que inicia a abertura do processo de redemocratização do ensino. Este resolve criar programas educacionais para a população menos favorecida, o que naquela época não proporcionou mudanças significativas.

No ano de 1986, o governo do General Figueiredo, colocou no tumulo a profissionalização obrigatória do ensino de 2º grau. Ele “não matou, apenas sepultou algo que já estava morto”. Ressalta também que a ideia de profissionalização obrigatória do ensino de 2º grau, de fato, nunca interessou a ninguém. Foi uma visão distorcida da evolução do capitalismo brasileiro, por parte da tecnoburocracia, que “produziu mostrengo legislativo” chamado 5.692/71 (Ghiraldelli Junior, 2000, pp.183 e185).

Dirijamos agora a nossa atenção para o fim da ditadura militar no Brasil, tendo José Sarney, com a morte de Tancredo Neves, o primeiro Presidente Brasileiro de uma república nova cheia de mazelas sociais, econômicas, políticas e educacionais. Neste cenário histórico da educação brasileira, aonde cada vez mais a população chegava à escola tardiamente é que chegamos ao debate da Educação de Jovens e Adultos. É oportuno destacar que não se pretende a seguir menosprezar os demais fatos que permeiam a história da educação brasileira seus personagens, os avanços, sucessos,

fracassos e retrocessos. Iremos colocar o zumbido na história da Educação de Jovens e Adultos.

### 1.1.3. A Educação de Jovens e Adultos na História da Educação Brasileira

A história da Educação de Jovens e Adultos, se produziu à margem do sistema de educação, incentivada pela luta dos movimentos sociais, assinalada pelo domínio e pela exclusão constituídos historicamente entre a elite e as classes populares brasileira.

Dito isto podemos afirmar que, ela está presente desde que o Brasil inicia seu processo de construção da escolarização, ou seja, com a chegada dos Jesuítas, recordemos que no processo de catequização os indígenas já eram adultos, o que permite dizer, que eles são nossos primeiros alunos nesta modalidade de ensino. Já no período Pombalino, a Educação de Jovens e Adultos desaparece, uma vez que as aulas régias (latim, grego, filosofia e retórica), enfatizavam a política pombalina, estas eram designadas especificamente para os filhos dos colonizadores portugueses (brancos e masculinos), convém destacar as populações negras e indígenas eram excluídas.

Visualizamos que a Constituição de 1891 exclui o adulto do contexto educacional. E com isso a educação permaneceu na linha da dualidade, pois

mais uma vez garantiu-se a formação das elites em detrimento de uma educação para as amplas camadas sociais marginalizadas, quando novamente as decisões relativas à oferta de ensino elementar ficaram dependentes da fragilidade financeira das Províncias e dos interesses das oligarquias regionais que as controlavam politicamente (Haddad e Di Pierro, 2000, p. 109).

Consideremos que “as primeiras políticas públicas nacionais destinadas à instrução de Jovens e Adultos foram implantadas em 1947, quando se estruturou o Serviço de Educação de Adultos do Ministério da Educação e teve início a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA)” (Oliveira, 2015, p. 51).

É essencial, lembrar que no ano de 1920 a educação de Adultos

passou a ter uma importância maior, embora ainda fosse discutida dentro da problemática do ensino elementar. No início do governo de Getúlio Vargas, teremos a primeira manifestação em direção da separação da educação dos adultos da educação elementar comum. Em 1931, o Convênio Estatístico instituiu a categoria ensino supletivo. A experiência do Distrito Federal também chamou a atenção para a educação de adultos (Martins, 2014, p. 17).

De acordo com Figueiredo (2018, p. 13) os pressupostos demarcam e afirmam o grande índice de analfabetismo do Brasil e conforme “essas taxas eram expressivas assombravam a ideia de desenvolvimento do país, vistas, inclusive, como um retrocesso para a economia nacional em pleno estímulo de crescimento”.

Ao lançarmos o olhar sobre os dados apresentados no Censo de 1920, podemos comprovar os

altos índices de analfabetismo: 61,2 % (população de 5 anos ou mais); 56,7 % (população de 10 anos ou mais) e 55,9% (população de 15 anos ou mais) e mais uma vez a problemática do analfabetismo concentrava as atenções. Assim, o tema passou a ter maior relevância e destacar-se como uma temática distinta daquela relacionada à difusão do ensino elementar das crianças em idade escolar (Ferraro, 2002 apud Martins, 2014, p. 17).

---

A situação descrita acima causou um “rebolicho” nacional e o governo sentiu-se pressionado a levar escolarização e também alfabetização à população brasileira que se encontrava em defasagem idade série, considerados de brasileiros iletrados. Este pesar do governo poderia ser uma alavanca a questão econômica do país que em pleno processo de desenvolvimento industrial não apresentava mão de obra especializada.

Enfatiza-se também que nas regiões norte e nordeste a situação de brasileiros analfabetos era maior ainda em relação as demais regiões e por isso eram percebidos como uma população que proporcionava atraso para o crescimento do país e para ter maior compreensão da seriedade da situação, estas pessoas do norte e nordeste passaram a migrar para os grandes centros urbanos em busca de melhores condições de vida, todavia não tinha formação e com isso causavam o inchaço populacional.

Ao nos debruçarmos nos estudos de Almeida e Corso (2015, p. 1287) evidenciamos que “Os analfabetos eram vistos de maneira preconceituosa, chegando-se

a atribuir a causa da ignorância, da pobreza, da falta de higiene e da escassa produtividade à sua existência”.

Dialogando com Figueiredo (2018, p. 14) “a campanha nacional de alfabetização lançada pelo governo brasileiro estava mais preocupada com o desenvolvimento econômico do país do que com a própria educação do cidadão”. Neste cenário, a escola não estava preparada para receber esta clientela e fazia de sua prática pedagógica uma forma de exclusão. Os professores não possuem formação para o ensino de adultos e ensinavam como se estivessem em sala de aula com crianças. E ainda havia a ausência de materiais didáticos pedagógicos apropriados para este momento.

Estando o Brasil sob o comando de João Goulart e Paulo de Tarso Santos a frente do Ministério da Educação é dado, nos anos 60<sup>6</sup>, a Paulo Freire a missão de estruturar e implementar o PNAA- Programa Nacional de Alfabetização de Adultos. Para Freire (2011) o processo de escolarização do adulto deveria ser entendido

como um ato de conhecimento, o processo de alfabetização implica na existência de dois contextos dialeticamente relacionados. Um é o contexto do autêntico diálogo entre educadores e educandos, enquanto sujeitos de conhecimento. É o contexto teórico. O outro é o contexto concreto, em que os fatos se dão a realidade social em que se encontram os alfabetizados (Freire, 2011, p. 40).

O plano de alfabetização era destinado a 2 (dois) milhões de pessoas que não sabiam ler e nem escrever. Em 1964 o programa de alfabetização idealizado por Paulo Freire é interrompido pelos militares e todas as ideias pensadas por ele e seus colaboradores são reprimidas. Neste cenário Martins (2014, p. 25) reforça que “A alfabetização deveria partir de situações concretas e o diálogo” e seria o único caminho possível dentro de uma perspectiva de “processo de alfabetização pela conscientização”.

---

<sup>6</sup> No início dos anos de 1960, surgiram alguns dos movimentos mais expressivos de educação e cultura popular do Brasil: Movimento de Cultura Popular – MCP (1960), inicialmente implantado no Recife, depois estendido para outras cidades do estado de Pernambuco; Campanha “De Pé no Chão também se Aprende a Ler”, de Natal (1961); Movimento de Educação de Base – MEB (1961), ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (1961); Centro Popular de Cultura da UNE – CPC/UNE (1961), que se desdobrou em vários CPCs estaduais; e Campanha de Educação Popular da Paraíba – CEPLAR (1961) (Brasil, 2009, p.15)

Ademais, “o golpe militar<sup>7</sup> de 1964<sup>8</sup> produziu uma ruptura política em função da qual os movimentos de educação e cultura populares foram reprimidos<sup>9</sup>, seus dirigentes, perseguidos, seus ideais, censurados.” E o Programa Nacional de Alfabetização foi interrompido e desaparecido, tendo os seus dirigentes, presos e os materiais apreendidos. (Haddad & Di Pierro, 2000, p.113).

Quando os militares assumiram o controle, resolvem implementar o Movimento Brasileiro de Alfabetização, o MOBRAL<sup>10</sup>, conforme citamos anteriormente. Ele traz em sua concepção características conservadoras e assistencialistas de educação. Este teve sua expansão na década de 70 em todo território brasileiro.

Figueiredo (2018, p. 16) destaca ainda que se iniciou “a oferta da educação de adultos para a sociedade durante o governo militar, com uma oratória convincente com objetivos nobres, porém ela somente contribuiu na manutenção de mão-de-obra para o mercado e na legitimação do regime autoritário”.

Cabe ressaltar que

O MOBRAL foi implantado com três características básicas. A primeira delas foi o paralelismo em relação aos demais programas de educação. Seus recursos financeiros também independiam de verbas orçamentárias. A segunda característica foi à organização operacional descentralizada, através de Comissões Municipais espalhadas por quase todos os municípios brasileiros, e que se encarregaram de executar a campanha nas comunidades, promovendo-as,

---

<sup>7</sup> No período do Regime Militar, mais propriamente, o processo histórico educacional brasileiro dos anos de 1964 – 1985 revelou uma preocupação com o desenvolvimento econômico disfarçada de política educacional e bem-estar social. Isso se refletiu na educação de jovens e adultos, que por algum motivo não concluíram o estudo na idade certa. (Figueiredo, 2018, p.16).

<sup>8</sup> Paiva (2003) apud Martins (2014) com o Golpe Militar de 1964, a maior parte dos programas de educação de adultos desapareceu ou sofreu a repressão do governo militar. Os programas de alfabetização promovidos pelos movimentos de educação popular apresentados anteriormente representavam uma ameaça ao novo governo ditatorial, isto é, um perigo à estabilidade do regime político que se impunha naquele momento. Entre os inúmeros movimentos de educação de adultos, apenas sobreviveu o MEB, em função de sua vinculação à CNBB, mas foram feitas mudanças em sua metodologia, em seus materiais didáticos e em sua orientação. (p.26).

<sup>9</sup> A repressão foi à resposta do Estado autoritário à atuação daqueles programas de educação de adultos cujas ações de natureza política contrariavam os interesses impostos pelo golpe militar. A ruptura política ocorrida com o movimento de 64 tentou acabar com as práticas educativas que auxiliavam na explicitação dos interesses populares. O Estado exercia sua função de coerção, com fins de garantir a “normalização” das relações sociais. (Haddad & Di Pierro, 2000, p.113).

<sup>10</sup> O Movimento Brasileiro de Alfabetização foi criado pela Lei 5.379, de 15 de dezembro de 1967, como Fundação MOBRAL, fruto do trabalho realizado por um grupo interministerial, que buscou uma alternativa ao trabalho da Cruzada ABC, programa de maior extensão apoiado pelo Estado, em função das críticas que vinha recebendo. (Haddad & Di Pierro, 2000, p. 114).

recrutando analfabetos, providenciando salas de aula, professores e monitores. Eram formadas pelos chamados “representantes” das comunidades, os setores sociais da municipalidade mais identificados com a estrutura do governo autoritário: as associações voluntárias de serviços, empresários e parte dos membros do clero. A terceira característica era a centralização de direção do processo educativo, através da Gerência Pedagógica do MOBREAL Central, encarregada da organização, da programação, da execução e da avaliação do processo educativo, como também do treinamento de pessoal para todas as fases, de acordo com as diretrizes que eram estabelecidas pela Secretaria Executiva. O planejamento e a produção de material didático foram entregues a empresas privadas que reuniram equipes pedagógicas para este fim e produziram um material de caráter nacional, apesar da conhecida diversidade de perfis linguísticos, ambientais e socioculturais das regiões brasileiras (Haddad & Di Pierro, 2015, p. 115).

Ainda focando o MOBREAL, uma das iniciativas que merecem destaque é a criação do PEI- Programa de Educação Integrada que trazia em sua essência o ensino primário de forma reduzida e também condensada e que garantia ao MOBREAL a emissão de documentos que comprovavam a escolaridades daqueles do processo de alfabetização.

Na década de 80, o MOBREAL é extinto, pelo descredito da sociedade bem como pelas novas demandas da sociedade e também pela abertura política que já se fazia presente neste momento da história. Enfatizamos que

as práticas educacionais utilizadas no período do regime militar, no programa Mobreal, eram totalmente opostas aos fundamentos pedagógicos desenvolvidos por Paulo Freire, que lutava por uma educação conscientizadora do cidadão perante a sociedade. (Figueiredo, 2018, p. 16)

Com a extinção do MOBREAL, é criada a Fundação Educar, que trazia o investimento em um contexto financeiro e técnico ao governo e a sociedade garantindo assim, a alfabetização e também a escolarização de adultos. A qual é extinta na década de 90 no Governo Collor e os municípios ficaram “totalmente perdidos”, ou seja, não sabiam o que fazer com a educação de jovens e adultos e se questionavam quem iria manter esta clientela na escola, mesmo assim acabaram assumindo esta

responsabilidade mantendo os jovens e os adultos na escola mesmo sem receber qualquer investimento para a educação destes alunos.

Como vimos, a Educação de Jovens e Adultos- EJA manteve-se ao longo da história como uma parcela do povo brasileiro, onde o processo de escolarização era sempre duvidoso, excludente e segregador. Fazendo uma metáfora, como se fosse um favor do Estado. A EJA chega à década de 90 clamando por um currículo específico para a Educação de Jovens e Adultos, clama por reformulações pedagógicas, professores qualificados em ensinar e aprender com alunos que tem uma aprendizagem diferenciada e esta ação permanece no governo de Fernando Henrique Cardoso, como afirma Carvalho (2010),

a EJA prosseguiu com pouca iniciativa do governo federal em prol da educação “nas gestões de FHC houve a retirada ou, no mínimo, a tentativa de retirada de muitos dos direitos sociais que as classes populares haviam conquistado com muitas dificuldades, como muitos dos preceitos garantidos na Constituição Federal de 1988.” (pp. 50 -51).

Para Guimaraes (2015, p. 10) a EJA tinha características de um modelo de educação desenvolvimentista, neotecnicista, e atendia as teorias das grandes financiadoras internacionais o que pese entender que de alguma forma o modelo brasileiro de educação indicado na Constituição Federal de 1988 seria um pouco fadado a abranger as exigências do mercado mundial.

Ampliando o debate, Domingos e Teles (2018, p. 83) corroboram ao dizer que a EJA no Brasil, necessita de um currículo específico, o qual “relacione os conhecimentos sistematizados do educador, quanto considere os conhecimentos de mundo e o contexto sociocultural dos alunos”. Convém salientar que são pais, mães, trabalhadores, que algumas vezes estão a anos sem sentar em uma carteira escolar e que precisam de um ensino aprendizagem diferenciado, mas que de fato promova a escolarização e a inclusão social destes possibilitando o exercício da cidadania como também a inserção no mercado de trabalho. Segundo Domingos & Teles (2017) a Educação de Jovens e Adultos é

conhecida como modalidade de ensino que abrange a todos que não tiveram a oportunidade de estudar ou abandonaram os estudos na idade correta, a

Educação de Jovens e Adultos (EJA) é amparada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que prevê o acesso de todos à educação escolar (p. 82).

No que concerne a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB nº 9394/96 a Educação de Jovens e Adultos ressalta que:

Artigo 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

1- Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

2- O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Artigo 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

1- Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

2- Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (LDB, 9394/96).

Além disso, a referida Legislação Educacional está consolidada e em consonância com a Constituição Federal de 1988, na Emenda Constitucional nº 59 de 11

de novembro de 2009 que reafirma em seu artigo 208 nos incisos I e VII o direito a escolarização de jovens e adultos descritos da seguinte forma:

I – “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; VII – atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde” (Constituição Federal de 1988).

No ano de 2002, o presidente Lula assumiu o compromisso de valorizar a educação. Para tal desenvolve várias ações voltadas para as modalidades da educação brasileira, na perspectiva de resgatar os valores sociais do ser humano, promover inclusão social através da educação no intuito de reduzir a pobreza. Nesse contexto a EJA assume aspecto prioritário, todavia desafiador, pois entende-se que a escolarização dos jovens e adultos era relevante no processo de inclusão social e na educação brasileira. (Guimaraes, 2015, p. 11)

Em 2003 o MEC lança o Programa Brasil Alfabetizado (PBA) e é criada a Secretaria Extraordinária e uma comissão Nacional de Alfabetização. O gerenciamento do programa é partilhado com os governos subnacionais.

Convém destacar que,

a governança da EJA foi mantida na Coordenação Geral na Secretaria de Educação Básica do MEC, e suas principais tarefas foram a ampliação de apoio técnico e financeiro realizada através dos Estados e Municípios, “rebatizada como fazendo Escola, e a publicação de matérias para a formação de educadores, ao passo que o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) suspendia temporariamente a realização do Exame Nacional de certificação” (Haddad & Di Pierro, 2000, p.207).

Com base em todas as discussões até aqui mencionadas, percebeu-se que a educação brasileira perpassou por um cenário bastante complexo entre idas e vindas, encontros e desencontros. A educação no Brasil caminhou sempre pelos interesses da burguesia, em um contexto de um processo de escolarização dualista. Pensar na Educação de Jovens e Adultos é também pensar em um processo de exclusão.

A análise crítica sobre a trajetória da educação brasileira aponta para

a grande necessidade de concretizar o ensino destinado para Jovens e Adultos, pois o número de pessoas excluídas da sociedade, pelo fato de serem analfabetos, ainda é expressivo. As políticas públicas funcionam no papel, na prática a oferta da educação voltada para adultos é defasada, e mesmo quando é ofertada pelas secretarias de educação através das escolas, essa exclusão é notória. Quando a escola não traça um objetivo com base em boas estratégias de ensino, por meio do norteador que é o Plano Político Pedagógico, que mostra falha no sistema educacional, pois não tem uma prática pedagógica voltado para o ensino da EJA (Figueiredo, 2018, p.21).

Sabe-se que mesmo com os aparatos legais a EJA enfrenta problemas vinculados principalmente ao descaso do poder público, a visão de uma educação assistencialista e que acaba adentrando ao mundo dos altos índices de evasão, reprovação fadando ao fracasso desta modalidade de ensino.

## 1.2. O processo de alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos

A Educação de Jovens e Adultos faz parte da Educação Básica atendendo alunos em defasagem idade série, ou alunos que não concluíram seus estudos e que necessitam buscar a escolarização como ferramenta para o exercício de sua cidadania.

Gadotti (2008) contribui dizendo que

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego (p.31).

Um programa de educação de adultos, por essa razão, não pode ser avaliado apenas pelo seu rigor metodológico, mas pelo impacto gerado na qualidade de vida da população atingida. A educação de adultos está condicionada às possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador. Os programas de

educação de jovens e adultos estarão a meio caminho do fracasso se não levarem em conta essas premissas, sobretudo na formação do educador. (Gadotti, 2008, p. 32).

Demo (2002) ao comungar com Gadotti (2008) diz que o professor precisa conhecer e se interessar por seus alunos de forma a “conhecer suas motivações e seus contextos culturais, e estabeleça com ele um relacionamento de confiança mútua, tranquila, sem decair em abusos e democratismos”. (p.17).

Gadotti (2008) contribui ao dizer que os professores a fim de superar estas dificuldades devem “respeitar as condições culturais do jovem e do adulto analfabeto”. (p.17). “Eles precisam fazer o diagnóstico histórico-econômico do grupo ou comunidade onde irão trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico (erudito) e o saber popular”. (p. 17).

É notório que ser professor na EJA não é tarefa fácil e exige saberes e fazeres diferenciados que busquem uma prática pedagógica motivadora e para ensinar a ler e a escrever faz-se necessário também repensar metodologias que possam fortalecer a aquisição de conhecimento, mas que façam do processo de ensino aprendizagem um momento acolhedor, de incentivo e prazeroso.

#### 1.2.1. A Alfabetização e o Letramento: processos indissociáveis

Durante muito tempo pensar em alfabetização seria levar o aluno o conhecimento das letras, fazer com que ele aprenda a ler e a escrever. Neste cenário alfabetizar é ação de adentrar no mundo do código linguístico que para nós brasileiros é o aprendizado da língua portuguesa. Todavia,

Estudos e pesquisas dos últimos vinte anos têm mostrado que as práticas que centram a alfabetização apenas na memorização das correspondências entre sons e letras empobrecem a aprendizagem da língua, reduzindo-a a um conjunto de sons a serem representados por letras. Em função disso, essa visão mais tradicional da alfabetização vem sendo questionada. Isso não significa que não seja necessário aprender as letras e os sons correspondentes. Significa que isto é

apenas uma parte do conteúdo da alfabetização. A alfabetização é uma aprendizagem mais ampla e complexa do que o “bê-a-bá (Abreu, 2012, p.7).

De acordo com Santos, Pessoa et al (2016, p. 3) afirmam que alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar, para aprender a ler e escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual, ele não só precisa saber o que é a escrita, mas também de que forma a ela representa graficamente a linguagem.

Corroborando Soares (2004) afirma que

[...] poderíamos chamar de acesso ao mundo da escrita – num sentido amplo – é o processo de um indivíduo entrar nesse mundo, e isso se faz basicamente por duas vias: uma, através do aprendizado de uma “técnica”. Chamo a escrita de técnica, pois aprender a ler e a escrever envolve relacionar sons com letras, fonemas com grafemas, para codificar ou para decodificar. Envolve, também, aprender a segurar um lápis, aprender que se escreve de cima para baixo e da esquerda para a direita; enfim, envolve uma série de aspectos que chamo de técnicos. Essa é, então, uma porta de entrada indispensável (p. 1).

Pode-se afirmar que alfabetizar não significa decodificar símbolos previamente “decorados” em uma ordem, pois é comum ao apresentarmos o alfabeto para os alunos estes gravarem a ordem A, B, C, D e assim sucessivamente. Pelo contrário requer técnica para ensinar e técnica para aprender.

Todavia, esta ação perdurou e ainda se apresenta na escola, onde as práticas pedagógicas de alfabetização permanecem atreladas ao ensinar as letras, juntar as sílabas e assim ir paulatinamente construindo a ação de ler e escrever dos alunos. O grande problema a partir das incursões é que os alunos memorizam e não internalizam os conhecimentos tornando assim dificultoso este processo.

Outro elemento importante nesse debate diz respeito a forma de ensinar a escrita, citada anteriormente, constrói uma aprendizagem segregada e que não permite ao aluno a reflexão e a interpretação daquilo que ele lê ou escreve já que ele reproduz símbolos e que em alguns momentos nem entendem como símbolos. Para alguns alunos são desenhos que eles transcrevem aos seus cadernos sem nenhuma relação e ou apropriação de conhecimento.

Neste caso não houve alfabetização, visto que

uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações grafônicas, em outras palavras, sabe que sons as letras representam, é capaz de ler palavras e textos simples, mas não necessariamente é usuário da leitura e da escrita na vida social (Carvalho, 2010, p. 66).

Gómez e Terán (2009) enfatizam que “a aprendizagem supõe uma construção que ocorre por meio de um processo mental que implica na aquisição de um conhecimento novo.” (p.31) . Ainda sobre aprendizagem “aprender é um processo complexo e multifacetado que apresenta bloqueios e inibições em todos os seres humanos.” (p.30). e neste sentido nem sempre a aprendizagem ocorre como uma “linha reta”, perfeita, sem oscilações.

Pois, como afirma Barbosa (2015) “mesmo que tenhamos facilidade para assimilar e compreender algumas coisas, sempre haverá outras que nós teremos mais dificuldade para aprender, contudo essa dificuldade não significa que a aprendizagem não possa ocorrer”. (p.13).

Em seus estudos Soares (2004, p. 1) preconiza que não é preciso primeiro aprender a técnica para depois aprender a usá-la. E isso se fez durante muito tempo na escola: “primeiro você aprende a ler e a escrever, depois você vai ler aqueles livrinhos lá”. Ela ainda enfatiza também que dissociar leitura e escrita em um contexto técnico de ensino aprendizagem é um “engano sério”, pois as “duas aprendizagens se fazem ao mesmo tempo, uma não é pré-requisito da outra”.

Isto posto, para que haja a relação do que aprendeu no processo de alfabetização na utilização da leitura e da escrita como elemento de prática social precisa-se relacionar a ação de alfabetizar com a ação de letrar, pois apesar de distintos alfabetização e letramento caminham juntos, são indissociáveis.

Alfabetizar é muito mais do que codificar e decodificar o código alfabético, por isso letramento se soma com a alfabetização e, o educador precisa saber o momento certo para articular leitura e produção de texto, fazer as intervenções adequadas para o aluno progredir, pois é uma fase de libertação, aquisição da escrita e não pode ser entendida como um recurso memorativo, alfabetizar é

oferecer ao aluno a oportunidade de se expressar dando a oportunidade do mesmo construir o seu próprio conhecimento (Santos, Pessoa et al, 2016, p. 6).

Santos e Dias (2018, p. 2) afirmam que “a alfabetização é definida como o processo de aprendizagem onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever de maneira adequada e utiliza dessa habilidade como um código de comunicação”. Afirmam também que “o letramento serve para que o aluno entenda o que lê e relacione com o seu meio social”.

Assim, letrar é a materialização das técnicas e práticas pedagógicas do processo de alfabetização. É ter a ação da leitura e da escrita como meio de relação com as situações sociais inerentes ao ser humano que se alfabetiza e que potencializa o seu letramento.

De acordo com Santos e Dias (2018, p. 4) o letramento surgiu como objetivo de completar a alfabetização no contexto social, desenvolvendo habilidades nos alunos de forma que eles consigam interagir com segurança de si, no seu meio social, trazendo para os alunos os usos sociais da leitura e escrita.

Podemos dizer que o letramento é decorrente “da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassam o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível da aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização” (Soares, 2003, p. 20).

Na concepção da autora a

alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos ou sobrepostos, e que se torna relevante a distinção entre eles, ao mesmo tempo em que é importante também aproximá-los: a distinção se faz necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele (Soares 2003, p. 90).

Este pressuposto teórico está embasado na ideia de que é necessário que o aluno esteja engajado no mundo da leitura e da escrita a partir de seu processo de alfabetização e letramento e para tal, ele precisa compreender os dois aspectos indissociáveis na visão de Soares (2004) e Freire (1991).

Nesse âmbito, primeiramente o aluno deve ter o domínio do sistema alfabético e das questões que envolvem a ortografia e este domínio ele irá construir a partir do processo de alfabetização. Em segundo, quando este aluno passa a materializar as aprendizagens construídas, lendo e escrevendo e, sobretudo, relacionando a leitura e a escrita nas situações e contextos de seu cotidiano ele estará aplicando o letramento e assim, demonstrando que letramento e alfabetização caminham juntos, são ações indissociáveis, inseparáveis, todavia processos distintos.

Para Freire (1991) não basta saber que “Eva viu a uva”. É preciso saber muito mais que isso. O aluno ao ler o que a Eva viu precisa adentrar no contexto social, perceber quem trabalhou pra que a uva vista por Eva estivesse “ali”, naquele lugar. Nesse âmbito ele nos mostra é que a leitura e a escrita se apresentam em um contexto de vida do ser humano e este por ser um ser historicamente social não pode negar as relações políticas e econômicas que se entrelaçam o tempo todo na sociedade.

É importante que o professor, consciente de que o acesso ao mundo da escrita é em grande parte responsabilização da escola, conceba a alfabetização e o letramento como fenômenos complexos e que perceba que são múltiplas as possibilidades de uso da leitura e da escrita na sociedade.

Neste ponto, torna-se indispensável trazer ao debate teórico sobre alfabetização e letramento, os métodos de alfabetização a fim de conceituá-los e caracterizá-los. Dentro desse debate,

um método específico, como o silábico, o fônico, o global; um livro didático de alfabetização proposto por algum autor; um conjunto de princípios teórico-procedimentais que organizam o trabalho pedagógico em torno da alfabetização, nem sempre filiado a uma vertente teórica explícita ou única ou um conjunto de saberes práticos ou de princípios organizadores do processo de alfabetização, (re)criados pelo professor em seu trabalho pedagógico. (Frade, 2005, p.15)

Diante do exposto pode-se afirmar que em uma escola, em uma sala de aula, as formas e ou métodos de alfabetização não se encontram “como receitas e ou bulas de remédios”. O que se quer dizer é que ao criarmos nossa forma de alfabetizar ela se constrói na medida em que a prática pedagógica é materializada em sala de aula e isso também depende das diferentes demandas que nela se apresentam. (Frade, 2005, p.15)

É essencial, mesmo que, os professores apropriam-se dos conhecimentos teóricos para a efetivação da prática, toda via não se pode ignorar ou negar que cada aluno ali presente é um ator individual neste processo e por suas especificidades não se pode eleger uma forma de alfabetização.

Zorzi (2009) elenca algumas ações indissociáveis a prática docente como as seguintes habilidades e competências de:

Desenvolver a capacidade para segmentar palavras, partindo destas como um todo, passando pelas sílabas e chegando ao nível dos fonemas, identificando-os e gerando um conjunto; compreender, ou constatar que as diferentes palavras constituem-se a partir da combinação dos fonemas que compõem tal conjunto; compreender que, para cada fonema existe, no mínimo, uma letra para representá-lo. Isto significa aprender o valor sonoro das letras e estabilizar as correspondências fonemas-grafemas. Desta forma, a um conjunto limitado de fonemas também corresponde um conjunto limitado de símbolos gráficos; compreender que, para escrever uma palavra, o ponto de partida é analisar sua estrutura sonora, identificar cada um dos fonemas componentes e atribuir a eles as letras correspondentes; compreender que, para ler, deve-se atribuir às letras os sons que elas representam, unir os fonemas em sílabas e as sílabas em palavras. (p.153)

Do mesmo modo na sala de aula a ação de alfabetizar perpassa por decisões metodológicas, as quais dizem respeito aos caminhos a serem seguidos para alcançar o objetivo fim: o ensino aprendizagem. Por essa razão, as decisões metodológicas no que concerne aos

procedimentos de ensino são tomadas em função dos conteúdos de alfabetização que se quer ensinar e do conhecimento que o professor tem sobre os processos cognitivos dos alunos, quando estes tentam compreender o sistema alfabético e

ortográfico da linguagem escrita e seu funcionamento social (Frade, 2005, p. 16).

Em seus estudos, o autor, ressalta que o professor

alfabetizador precisar entender os métodos clássicos de alfabetização, precisa ainda tomar decisões relativas a diversas ordens de fatores. Seu trabalho implica decisões relativas a métodos, à organização da sala de aula e de um ambiente de letramento, à pesquisa sobre práticas culturais de escrita na família e na comunidade, à definição de capacidades a serem atingidas, à escolha de materiais, de procedimentos de ensino, de formas de avaliar, sempre num contexto da política mais ampla de organização do ensino (Frade, 2005, p. 16).

### 1.2.2. Os Métodos de Alfabetização

Neste ponto do trabalho, abordaremos os métodos de alfabetização, os quais na ótica de Frade (2005) estão organizados em dois grupos: sintéticos e analíticos.

#### 1.2.2.1. Os Métodos Sintéticos

Dialogando com Frade (2005, p. 22) os métodos sintéticos vão das partes para o todo, neles, temos a eleição de princípios organizativos diferenciados, os quais privilegiam as correspondências fonográficas.

O método sintético

é o mais antigo, com mais de 2000 anos de existência, perdurou por toda a Antiguidade e chegou também na Idade Média, quando foi adotado também em países da Europa, como, por exemplo, a França, que utilizava esse método para ensinar inicialmente o Latim, para depois inserir a língua materna (Souza e Silva, 2017, p. 499).

Na perspectiva de Almeida (2015, p. 4234) os métodos sintéticos "seguem a marcha que vai das partes para o todo, ou seja, primeiro a criança internaliza as

unidades menores (fonemas), para depois gradativamente chegar às unidades maiores". Eles partem das menores unidades. Nesse véis, primeiramente o aluno deve aprender as letras, uma por uma, depois ele passa a juntar as sílabas e assim para finalizar forma as palavras.

Consideremos que

os métodos sintéticos se baseiam num mesmo pressuposto: o de que a compreensão do sistema de escrita se faz sintetizando/juntando unidades menores, que são analisadas para estabelecer a relação entre a fala e sua representação escrita, ou seja, a análise fonológica. Dependendo do método, essas unidades de análise podem ser escolhidas entre letras, fonemas ou sílabas, que se juntam para formar um todo. A aprendizagem pelos métodos sintéticos leva à decodificação ou decifração (Frade, 2005, p. 23).

Os métodos sintéticos dividem-se em: alfabético, silábico e fônico. Conforme Frade (2005) o método alfabético é o mais antigo. Este consiste em apresentar aos alunos as letras do alfabeto que ao se juntarem formavam as sílabas e depois as palavras, neles

os aprendizes, primeiro, deveriam decorar o alfabeto, letra por letra, para encontrar as partes que formariam a sílaba ou outro segmento da palavra; somente depois viriam a entender que esses elementos poderiam se transformar numa palavra. Mais tarde, criou-se o procedimento de soletração, que gerou exaustivos exercícios de “cantilenas” (cantorias com os nomes das letras e suas combinações) e também o treino com possíveis combinações de letras em silábrios. Essas atividades eram sem sentido, porque se demorava a chegar ao significado. Imaginem uma pessoa decorando e cantando combinações (be-a-ba, be-e-be, etc.) e soletrando para tentar decifrar a palavra bola: “be-o-bo, ele-a-la = bola”. (Frade, 2005, p. 23).

É oportuno destacar que, ele ainda é muito utilizado no processo de alfabetização, o mesmo segundo Frade (2005, p.23) método alfabético conduz o aluno por “um caminho tortuoso”, no que tange, a leitura e a escrita. Imaginemos que as letras ao estarem separadas produzem um som e ao formarem palavras produzem novos sons diferentes. Tal situação causava dificuldade e por sua vez, assume uma

característica desafiadora ao processo de alfabetização. O cenário projetado é complicado para as crianças, imaginemos no Ensino de Jovens e Adultos.

É oportuno, de fato, mencionar que o método alfabético também é conhecido como método de soletração. Nele o aluno carece ser estimulado de forma auditiva e também visual, visto que ele precisa decorar, memorizar, nesse viés o mesmo deve associar o nome das letras a imagem que a representa e assim formar as sílabas e memorizar as palavras que a partir delas se formam. Ele une letras e sons.

A partir de agora vamos voltar nossas atenções ao método fônico. De acordo com Frade (2005, p. 25) “a unidade mínima de análise é o som”. O aluno inicia a aprendizagem pelo som, ele escuta o som da consoante e da vogal para depois pronunciar a sílaba que se formou. Neste método, a atenção encontra-se direcionada à dimensão sonora da língua, portanto, inicia-se o processo ensinando a forma e o som das vogais, depois os das consoantes, em seguida, cada letra é aprendida como um fonema que, unido a outro, irá formar as sílabas e depois as palavras.

Segundo Frade (2005, p. 26) o método fônico apresenta vantagens e desvantagens do método fônico. Em relação as vantagens ele afirma que “nos casos em que realmente há uma correspondência direta entre um fonema e sua representação escrita, os aprendizes vão decifrar rapidamente, desde que entendam essa relação e decorem as correspondências”. Como desvantagens, ele argumenta que as variações linguísticas promovem a instabilidade ao método, já que dependendo de cada região brasileira o som das palavras pode ser diferente. Sem contar, nas questões de que algumas letras podem apresentar diferentes sons, como no caso de palavras que tem a letra S. Nela a letra S faz o som de Z, entre outras palavras onde o S apresenta sons diferenciados.

Outro método sintético de alfabetização é o método da silabação. Neste método, conforme Frade (2005, p. 27) a principal unidade a ser analisada pelos alunos é a sílaba. No entanto, em várias cartilhas, o trabalho inicial centra-se nas vogais e seus encontros, como uma das condições para a sistematização posterior das sílabas. O alfabetizador apresenta

[...] palavras-chave, utilizadas apenas para indicar as sílabas, que são destacadas das palavras e estudadas sistematicamente em famílias silábicas. Estas são

recompostas para formar novas palavras. O método permite que se formem novas palavras apenas com as sílabas já apresentadas e formam-se, gradativamente, pequenas frases e textos, forjados para mostrar apenas as combinações entre sílabas já estudadas (Frade, 2005, p. 29).

O autor destaca que o método silábico, apresenta vantagens, pois

ao se trabalhar com a unidade sílaba, atende-se a um princípio importante e facilitador da aprendizagem: quando falamos, pronunciamos sílabas e não sons separados. Assim, suprime-se a etapa tortuosa pela qual o aluno passa ao tentar transformar letras ou fonemas em sílabas, como no método de soletração (alfabético) ou no fônico. Além disso, o método silábico se presta bem a um trabalho com determinadas sílabas às quais não se aplica o princípio de relação direta entre fonema e grafema (Frade, 2005, p. 29).

Apesar das vantagens, Frade (2005, p. 30) alerta que deve-se atentar que o método silábico traz “textos fabricados para treino das sílabas” artificiais, as quais muitas vezes não apresentam sentido e são descolados do uso social.

Passemos agora a abordar os métodos sintéticos. Estes seguem uma marcha sintética, pois partem todo (da análise para a síntese). Eles demonstram rigidez no controle das aprendizagens e tendem a priorizar apenas a decodificação, ou seja, a “análise fonológica, com pouca ênfase no sentido dos textos e no uso social da escrita” (Frade, 2002, p. 30).

Ao se examinar o que foi apresentado até o momento sobre os métodos sintéticos, é nítido que não há relação entre alfabetização e letramento. Isto posto, ao enveredar por esse caminho, a prática docente no processo de alfabetização caracteriza-se pela ação de memorizar e não de compreender, interpretar e fazer relação da leitura e da escrita como elementos para o seu uso num contexto social. Lembrando que

as práticas sociais requerem do aluno uma atividade reflexiva de que, por sua vez, favorece a evolução de suas estratégias resolução das questões apresentadas pelos textos. Essa atividade é realizada com a intervenção do professor, que deverá colocar-se na situação de principal parceiro, agrupar os alunos de forma a favorecer a circulação de informações entre eles, procurando garantir que a heterogeneidade do grupo seja um instrumento a serviço da troca, da

colaboração e conseqüentemente, da própria aprendizagem, principalmente quando a turma é grande e o professor não pode atender a todos os alunos do mesmo modo e ao mesmo tempo (Santos, Pessoa, Garandau & Lima, 2016, p. 2).

Ademais quando a alfabetização é alicerçada na memorizar das letras, do alfabeto sequenciado e das sílabas, o aluno vai acumulando dificuldades, podendo inclusive tornar-se analfabeto funcional no futuro, visto que esse processo ensina apenas o significado das palavras e não o contexto, situação essa que limita a capacidade de interpretação e com isso torna-se inviável alcançar os grandes objetivos da Educação são: ensinar a aprender, ensinar a fazer, ensinar a ser, ensinar a conviver em paz, desenvolver a inteligência e ensinar a transformar informações em conhecimento. Estes objetivos só serão atingidos se o trabalho de alfabetização desenvolva o letramento. Nessa ótica o letramento é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia (Soares, 2017, p.19).

Dialogando com Rios e Libânio (2009, p. 33) não há como separar a alfabetização do letramento, dado que “são processos que se mesclam e coexistem na experiência de leitura e escrita nas práticas sociais, apesar de serem conceitos distintos”.

Na concepção de Santos, Pessoa, Garandau & Lima (2016)

[...] o letramento inicia-se quando a criança começa a letrar-se a partir do momento em que convive com pessoas que fazem uso da língua escrita, vive em ambiente rodeado de material escrito. Desta forma ela vai conhecendo e reconhecendo prática de leitura e da escrita. E a alfabetização, por sua vez, começa quando a criança passa a frequentar a escola, concretizando o hábito e as práticas da língua escrita (p. 7).

#### 1.2.2.2. Os Métodos Analíticos

Os métodos analíticos estão atrelados a questão da linguagem, o ensino tem como prioridade a palavra, a frase e ou texto.

A linguagem funciona como um todo; existe um princípio de sincretismo no pensamento infantil: primeiro percebe-se o todo para depois se observar as partes; os métodos de alfabetização devem priorizar a compreensão; no ato da leitura, o leitor se utiliza de estratégias globais de reconhecimento; o aprendizado da escrita não pode ser feito por fragmentos de palavras, mas por seu significado, que é muito importante para o aprendiz (Frade, 2005, p. 32).

Tendo como prioridade a palavra, a frase e ou o texto, os métodos analíticos podem ser divididos em: palavração, sentencição e global.

De acordo com Frade (2005, p. 33) o método da palavração apresenta “uma palavra que, posteriormente, é decomposta em sílabas”. Apesar de parecer que estamos diante do método silábico, a diferença é que na palavração:

As palavras não são decompostas obrigatoriamente no início do processo, são apreendidas globalmente e por reconhecimento. A escolha de palavras também não obedece ao princípio do mais fácil ao mais difícil. São apresentadas independentemente de suas regularidades ortográficas. O importante é que tenham significado para os alunos (Frade, 2005, p.33).

As palavras significativas são apresentadas em agrupamento retiradas de um texto ou de uma história e os alunos aprendem a partir da visualização e pela configuração gráfica, ou seja, o mesmo faz a relação da palavra com a imagem elaborando uma análise dos dois elementos.

Assim, deve ser colocada “uma lista de palavras ditas e compreendidas num processo oral, usando, assim, a técnica da memorização, para o reconhecimento global de certa quantidade de palavras da lista em combinações diferentes”, para que os alunos construam “sentenças significativas e, na sequência, trabalhar as sílabas/letras até” que eles “se tornar capaz de fazer, de forma automática, as conversões letras/sons” (Morais, Albuquerque & Leal, 2008, p. 17).

Soares (1986, apud Frade, 2005) enfatiza que Comenius é o introdutor do método da palavração. Para, além disso;

Em suas aplicações, as figuras podem acompanhar as palavras, no início do processo, e a repetição garante a memorização. Ao mesmo tempo em que são

incentivadas estratégias de leitura inteligente, a atenção do aluno pode ser dirigida a componentes da palavra escrita ou falada, como letras, sílabas e sons. Essas duas estratégias reunidas garantiriam o enfrentamento de textos novos (Frade, 2005, p. 33).

Ademais, o método utiliza cartões para fixação, com palavras de um lado e gravuras de outro, exercícios cinestésicos para o ensino do movimento de escrita de cada palavra, entre outros recursos e procedimentos (Frade, 2005, p. 33).

No que concerne o método da sentencição,

[...] a unidade inicial do aprendizado é a frase, que é depois dividida em palavras, de onde são extraídos os elementos mais simples: as sílabas. Já no global, também conhecido como conto e estória, o método é composto por várias unidades de leitura que têm começo, meio e fim, sendo ligadas por frases com sentido para formar um enredo de interesse da criança. Os críticos deste método dizem que a criança não aprende a ler, apenas decora (Visvanathan, 2009, p. 5).

Em seus postulados Frade (2005, p. 34) existem poucas informações sobre a aplicação dele no Brasil, além disso há duas vantagens do método de sentencição: trabalhar a frase, como unidade mais complexa da língua; enfatizar um tipo de leitura que dê dicas do contexto para auxiliar a compreensão.

Segundo o autor este método apresenta a mesma desvantagem da palavração, visto que há o perigo de se gastar muito tempo com a memorização e de se dar pouca atenção à análise de palavras.

Sequenciando essas reflexões sobre os métodos analíticos, passamos agora para o global (também conhecido como método de historietas ou contos). Ele apresenta primeiro a estrutura de textos com começo meio e fim e segundo.

Corroborando Frade (2005, p. 34, 37) enfatiza que os métodos globais seguem a marcha analítica (do todo para as partes, da síntese para a análise) e que eles pretendem priorizar o sentido e estabelecem algum tipo de progressão na fragmentação das unidades que serão analisadas.

Ainda segundo a ótica do autor,

os métodos globais têm uma vantagem. A linguagem é apresentada de uma maneira que se aproxima mais do uso efetivo do que nos outros métodos, porque não se dissocia a forma do significado. Apesar do tom artificial de alguns textos e mesmo quando se elege a organização por palavra ou sentença, a criança tem acesso a uma significação, podendo “ler” palavras, sentenças ou textos desde a primeira lição, por reconhecimento global. Supõe-se que, assim, mantém-se o interesse desde o início do processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Esse tipo de leitura, com foco na memorização global, possibilita que os alunos não se percam na tentativa de decodificação e que leiam com rapidez palavras conhecidas (Frade, 2005, p.37).

Para finalizar o debate teórico sobre os métodos analíticos, evidenciamos que eles apresentam um contexto da alfabetização mais amplo com mais sentido, tendo na palavra, na frase e no texto a possibilidade de compreender os significados que a leitura e a escrita proporcionam. Assim caminha de unidades maiores a unidades mais simples, uma vez que ao partir da palavra, por exemplo, promove uma aprendizagem que relaciona a ação visual e as ideias que os alunos possuem em relação ao mundo que o cerca.

Achamos oportuno destacar que se o professor não possuir o domínio da técnica, os alunos podem sentir dificuldades, principalmente pelas palavras novas que surgem em frases e ou textos, fazendo com que a memorização, aspecto dos métodos sintéticos retorne ao contexto do processo de alfabetização.

Destacamos que “o ambiente escolar deve oportunizar a construção da alfabetização e do letramento, assegurando a relação com a leitura e a escrita enquanto conhecimento de vida, de mundo e de si mesmo” (Abreu, 2012, p.82).

### 1.3. O método Paulo Freire para a Educação de Jovens e Adultos

O Pernambucano Paulo Freire é um grande nome na educação brasileira, isso devido ao legado sobre a educação construído por ele, no tocante a educação popularizada, onde educar diz respeito a construção da consciência, do pensar em uma abordagem que valorizasse a escolarização para a libertação.

A teoria freiriana traz grandes e profundas contribuições a educação brasileira e mundial. Ao entender que a educação deve libertar e não oprimir. Dentre as várias obras produzidas por ele destacamos a obra *Pedagogia do Oprimido*, a qual apresenta uma proposta de alfabetização com uma abordagem dialética.

Destacou-se por trabalhar na área da educação popular e um de seus objetivos centrais era a formação da consciência crítica. É considerado um dos educadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica (Martins, 2014, p. 65).

A teoria freiriana professa que o ato de educar precisa contemplar o ato de pensar, contrapondo-se a mera reprodução de ideias impostas, nesse caminhar a alfabetização deveria estar em sinônimo com a reflexão, a argumentação e a criticidade. Esta teoria

[...] não é a favor de cartilhas que são elaboradas para todo um país e que fatalmente ficarão distantes da realidade dos educandos. Para ele, as cartilhas não contribuem com o processo de criação do adulto em processo de alfabetização. Afirma que as palavras devem ser criadas e não “doadas”. O alfabetizando é o sujeito e não objeto da alfabetização. As cartilhas, inevitavelmente, não favorecem a esta concepção (Dreyer, 2011, p. 3590).

Nessa ótica o alfabetizado deve ser o sujeito do processo então,

a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador. (Freire, 1979, p. 72).

O epistêmico, não era a favor do uso de cartilhas para alfabetizar. Freire iniciou suas pesquisas e confirmou que o que desmotivava os alunos para a aprendizagem da leitura e da escrita relacionam-se com os materiais didático-pedagógicos e também com as metodologias utilizadas pelos professores no processo de alfabetização.

Do mesmo modo, ele dizia que seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-bebi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não

pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados.

Freire (1989, p. 13) ainda enfatizava que o ato de conhecimento no processo de alfabetização é um ato criador no qual o alfabetizado é o seu sujeito, por isso esta ação deveria estar sempre vinculada ao estímulo da criatividade e da autonomia do educando e não anulá-lo com frases prontas e sem significado, onde

tanto o alfabetizador quanto o alfabetizando, ao pegarem, por exemplo, um objeto, como laço agora com o que tenho entre os dedos, sentem o objeto, percebem o objeto sentido e são capazes de expressar verbalmente o objeto sentido e percebido. [...] A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora (Freire, 1989, p.13).

Dreyer (2011, p. 3591) corrobora ao dizer que o educador deveria saber ouvir o educando em suas experiências e através delas elaborar seu roteiro de ação, apresentando materiais que apresentassem sentido para a vida dos alfabetizando, proporcionando a eles ricos momentos de reflexão. Esta ação possibilitaria o respeito aos conhecimentos dos alunos, a leitura de mundo que eles têm.

Neste caso, os alunos não seriam “meros depósitos de conhecimento”, pelo contrário, eles seriam participantes do processo extinguindo assim a característica bancária de educação fortalecida pela sociedade capitalista.

Na ótica de Freire no que diz respeito a educação bancária<sup>11</sup>,

o educador é o que educa; os educandos, os que são educados; o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os

---

<sup>11</sup> Na visão bancária da educação, o saber é uma doação dos que se julgam Sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão - a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (Freire, 1987, p. 33).

que seguem a prescrição; o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam; o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos se acomodam a ele; o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos. (Freire, 2016, p. 34).

Em verdade, o professor é o ser que doma, o que detém o poder, o saber e o controle do que se deve ensinar e o que se pode aprender. O aluno é o depósito, a escuta sem reflexão, o acúmulo de conteúdo sem que este faça relação com os conhecimentos que estes possuem e, sobretudo, com as práticas sociais que estão atreladas ao homem enquanto ser histórico social e que é desconfigurada pela educação bancária.

Para Freire a educação bancária é opressora e apresenta características que retratam esta opressão, são elas a:

- Conquista: A necessidade de conquista se dá desde as mais duras às mais sutis; das mais repressivas às mais adocicadas, como o paternalismo;
- Divisão: Na medida em que as minorias, submetendo as maiorias a seu domínio, as oprimem dividi-las e mantê-las divididas são condições indispensáveis à continuidade de seu poder;
- Manipulação: Através da manipulação, as elites dominadoras vão tentando conformar as massas populares a seus objetivos. E quanto mais imaturas politicamente estejam, tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras que não podem querer que se esgote seu poder;
- Invasão cultural: a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão de mundo, enquanto lhes freia a criatividade, ao inibirem sua expansão. (Freire, 2016, pp. 78- 86).

Sabe-se que, a opressão é ação contrária à libertação. A opressão não garante à educação a característica da reflexão. Ela não permite problematizar. É algo estático, a escola não tem movimento. As aulas estão presas ao repasse de conteúdo. O domínio é estabelecido pelas maiorias que detém o capital e que por serem “oportunistas” impõe sua forma, sua concepção para que todos se tornem seguidores fieis, sem pensamento político, sem capacidade de expor seus pensamentos e nem de lutar por seus direitos.

Para Freire esta concepção de opressão deve ser superada, exterminada e assim trazer a educação a libertação, onde o aluno produz conhecimento, demonstra e aciona suas criatividade, pensa, redimensiona seu pensar, e assim, “o conhecimento parte da realidade concreta do homem e este reconhece o seu caráter histórico e transformador” (Dreyer, 2011, p. 3592).

Contraopondo-se a Educação Bancária, Freire (2016, p. 80) nos convida a vivenciar a Educação Problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, a qual implica num constante ato de desvelamento da realidade. Visto que busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade.

Dento desse debate, são características da Educação Libertadora a:

- Colaboração: a ação dialógica só se dá coletivamente, entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de função, portanto de responsabilidade, somente pode realizar-se na comunicação;
- união: a classe popular tem de estar unida e não dividida, pois significa a união solidária entre si, implica esta união, indiscutivelmente, numa consciência de classe;
- organização: é o momento altamente pedagógico, em que a liderança e o povo fazem juntos os aprendizados da autoridade e da liberdade verdadeiros que ambos, como um só corpo, busca instaurar, com a transformação da realidade que os mediatiza;
- síntese cultural: consiste na ação histórica, se apresenta como instrumento de superação da própria cultura alienada e alienante faz da realidade objeto de sua análise crítica. (Freire, 2016, p. 96-104).

A educação pensada e proposta por Freire como podemos perceber baseia-se em uma educação conscientizadora, que adentra na realidade dos educandos e que tem como premissa ressignificar esta realidade. Destacamos que “quanto mais se articula o conhecimento frente ao mundo, mais os educandos se sentirão desafiados a buscar respostas, e conseqüentemente quanto mais incitados, mais serão levados a um estado de consciência crítica e transformadora frente à realidade” (Dreyer, 2011, p. 3594).

Nesse véis, alunos e professores são atores do processo, desde que haja uma relação harmônica na aquisição de conhecimento. Professores e alunos aprendem juntos, uma vez que no processo de ensino e aprendizagem exista espaço para o diálogo.

Dreyer (2011, p. 3594) afirma que na perspectiva de Freire há um posicionamento do homem como participante de um meio e dos pressupostos que envolvem a educação. E nestes pressupostos estão envolvidos aspectos culturais, históricos, políticos, sociais, econômicos e políticos.

### 1.3.1. O processo de alfabetização na epistemologia freiriana e a Educação de Jovens e Adultos

De acordo com Martins (2014, p.75) “para estudarmos o processo de alfabetização de jovens e adultos no Brasil, é imprescindível que recorramos ao pensamento de Paulo Freire, pois o educador consolida um novo paradigma pedagógico com referencial teórico próprio”. Nele,

o ato de aprender a ler e escrever começa a partir de uma compreensão abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra; seria impossível escrever se antes não tivesse havido a fala. Não é possível ler sem falar, do ponto de vista de uma compreensão filosófica, global do ato de ler; a leitura da palavra foi precedida de um passado sem palavra oral e um passado depois da oralidade; a leitura da palavra escrita implica a fala, implica a oralidade. A capacidade de falar, por sua vez, demandou antes o transformar a realidade. Isso é escrever o mundo; ninguém é analfabeto porque quer, mas como consequência das condições onde vive. Há casos, onde o “analfabeto é o homem ou mulher que não necessita ler e escrever”, em outros é a mulher ou o homem a quem foi negado o direito de ler e escrever; enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito (Barreto, 2004, pp. 77-78).

É relevante neste cenário também destacar que o analfabetismo<sup>12</sup> está relacionado com as questões socioculturais que demarcam a nossa existência. Existem povos que desconhecem a necessidade de alfabetização, sendo assim, nesta cultura que é iletrada não existem pessoas analfabetas como afirmam alguns teóricos, a exemplo de Martins (2014).

Tomando como base essa assertiva, Barreto (2004, apud Martins, 2014) nos apresenta ideias freirianas importantes para a alfabetização, segundo ele

é necessário tomar a alfabetização como consequência de uma ordem social injusta. O problema do domínio da escrita é tomado num contexto mais amplo, no qual a escrita aparece como um bem social desigualmente distribuído; compreender que o aprendizado da leitura e da escrita não pode ser feito como algo paralelo à realidade concreta dos alfabetizandos. A linguagem está absolutamente conectada à realidade. Há um ir e vir constante da leitura do mundo à da palavra e da leitura da palavra à releitura do mundo; o processo de alfabetização é um ato com o qual se reconhece que o povo já possui conhecimentos. Assim, é preciso propor um texto, um pensamento ligado ao contexto social e histórico como objeto da curiosidade e do conhecimento do alfabetizando e, na apreensão desta totalidade, apreender a parcialidade que é a escrita da palavra; conceber a alfabetização como um ato criador. A relação alfabetizador-alfabetizando é uma relação em que o conhece a escrita provoca, estimula o outro para que, através da prática de ler e escrever chegue a esse conhecimento (Barreto, 2004 apud Martins, 2014, p. 77).

Assim sendo, a leitura proporciona a ampliação da visão de mundo, ao ler o leitor estabelece um diálogo com o autor. Ademais por meio das vivências cotidianas, o leitor vai construindo uma representação mental do mundo.

Neste ponto, devemos lembrar que Freire era um professor reflexivo que, partia dos problemas que percebia, assumindo a função de mediador de aprendizagem e construía intervenções pedagógicas, sobretudo, intervenções de mundo.

---

<sup>12</sup> Aceitando que o analfabeto seja uma pessoa que existe à margem da sociedade, vemo-nos conduzindo a considerá-lo como uma espécie de “homem doente”, para qual a alfabetização seria medicamentos “curativos”, que lhe permitiria “voltar” a estrutura “sadia” da qual havia sido separado. (Freire, 1979, p.40)

Segundo a ótica freiriana a proposta de alfabetização deveria ter como base:

- um método ativo, crítico, dialógico;
- o conteúdo programático deveria ser transformado, ressignificando;
- as técnicas de alfabetização deveriam reduzir o processo de decodificador.

A epistemologia freiriana afirma que, devemos experimentar “métodos, técnicas, processos de comunicação” e “superamos procedimentos”. Todavia

nunca, porém, abandonamos a convicção que sempre tivemos, de que só nas bases populares e com elas, poderíamos realizar algo de sério e autêntico para elas. Daí, jamais admitirmos que a democratização da cultura fosse a sua vulgarização, ou por outro lado, a doação do povo, do que formulássemos nós mesmos, em nossa biblioteca e que a eles entregássemos como prescrições a serem seguidas. (Freire, 1994, p. 110).

O epistêmico ainda afirma que

[...] reconhecer-se como o ‘agente de mudança’ atribui a si a exclusividade da ação transformadora que, sem dúvida, numa concepção humanista, cabe também aos demais homens realizar. Se sua opção é pela humanização, não pode então aceitar que seja o ‘agente da mudança’, mas um de seus agentes (Freire, 1979a, p. 52)

Um aspecto importante a considerar é que Freire nunca escreveu ou afirmou que estaria criando um método de alfabetização como muitos afirmam a existência do método de Paulo Freire. Pelo contrário, suas reflexões estavam atreladas para uma prática alfabetizadora crítica, dialógica, onde a prática de alfabetizar fosse ressignificada.

Para o teórico o aluno trazia uma mala de conhecimentos e que deveriam ser valorizados e aproveitados no contexto de sala de aula. Era a proposição da educação do homem, a educação popular, de massa, que desvalorizava a dualidade, onde os sujeitos de aprendizagem deveriam ser conscientes, ativos tanto na escola quanto na sociedade para o exercício de sua cidadania. Desta feita, prática pedagógica libertaria o indivíduo, pois viabilizaria a saída do mundo da opressão.

Santos (2018, p. 35) preconiza que “Freire, não acreditava num modelo tradicionalista de educação estabelecido. Para ele, a educação tradicional reforçava o status quo do sujeito opressor para com o oprimido”. Sendo assim

[...] a alfabetização idealizada por Paulo Freire considera o meio social que o alfabetizando está inserido, mais que ensinar a ler e a escrever, Freire estava preocupado em tornar sujeitos conscientes do seu papel dentro de uma realidade social injusta (Santos, 2018, p. 36).

A proposta desenvolvida por Freire, para a uma educação libertadora, presa pela a valorização do contexto social que os educandos estão inseridos. Essa valorização é afirmada no momento em que o educador parte do universo vocabular que envolvem o lugar de pertencimento do sujeito (Santos, 2018, p. 37).

Buscando a ampliação do debate, a partir deste momento iremos estabelecer uma ponte entre o processo de alfabetização na epistemologia freiriana e a alfabetização de Jovens e Adultos.

De acordo com Dreyer (2011, p. 3589), “a alfabetização de Adultos no Brasil é uma demanda dramática” e neste cenário é indispensável criar situações de aprendizagem, como afirma Durante (1998, p. 19) que considere “a idade adulta não como uma fase estável e sem transformação, mas de continuidade de desenvolvimento psicológico”, uma vez que, “o homem é o ser que gera, transmite e transforma cultura. Não só um produto do seu meio, mas um ser criador e transformador deste meio”.

Os pressupostos apresentados até aqui apontam que dada a especificidade dos alunos da EJA, o processo de alfabetização requer uma metodologia que permita realizar o dialogo verdadeiro, haja vista que

o “diálogo” não como uma técnica apenas que podemos usar para conseguir obter alguns resultados. Também não devemos entender o diálogo como uma tática que usamos para fazer dos alunos nossos amigos. Isso faria do diálogo uma técnica para manipulação, em vez de iluminação. (Freire, 1986, p. 122).

Como já foi discutido anteriormente, o processo de alfabetização Freireano baseia-se na relação entre o educador e o educando. O educando tem saberes e estes

precisam ser relacionados aos novos saberes que a alfabetização propõe-se para a aquisição da leitura e da escrita. Esta para além da aquisição de apenas saberes escolares preso ao currículo.

Partimos da ideia de que o aluno tem conhecimento, sendo assim ele aprende de modo mais efetivo quando estes são considerados. Neste processo o educando constrói autoestima, pois se percebe como ator principal do contexto de sua aprendizagem e a perspectiva de Couto (1999, p. 43) “isso melhora também a sua participação na sociedade, pois assume um maior protagonismo agindo como sujeito no processo de transformação social”.

Arágon e Diez (2004, apud Junior, 2010) que corrobora ao afirmar que autoestima O que pensamos de nós, a forma pela qual nos avaliamos e aceitamos e os sentimentos que experimentamos a esse respeito, bem como o modo com o qual nos comportamos em relação a nós mesmos como resultado de tudo isso. (p. 11).

A autoestima faz parte de nossas atitudes. Nossa atitude com relação a alguma coisa ou pessoa é o que pensamos e sentimos sobre ela, a forma pela qual a avaliamos e aceitamos e a maneira como consequentemente agimos como referência a ela. (Arágon e Diez, 2004, apud Junior, 2010, p.10)

Além disso a alfabetização pautada por Freire tem como base princípios:

- O primeiro baseia-se na politicidade do ato educativo. Este versa que a educação é um benefício, onde a sociedade cria e recria possibilidades, as quais podem transformar a realidade do homem como ser sócio histórico. Neste sentido a educação não é neutra e nem estática, onde diante a ação, intervenção e, sobretudo a capacidade reflexiva pode ser transformada. A ação educativa neste caso é construída e reconstruída.

O alfabetizando é desafiado a refletir sobre seu papel na sociedade enquanto aprende a escrever a palavra sociedade; é desafiado a repensar a sua história enquanto aprende a decodificar o valor sonoro de cada sílaba que compõe a palavra história. Essa reflexão tem por objetivo promove a superação da consciência ingênua - também conhecida como consciência mágica - para a consciência crítica (Couto, 1999, p. 44).

- O segundo princípio é a dialogicidade do ato educativa. Neste momento a ação alfabetizadora tem como fundamento as possíveis relações entre o educador e o educando e também do educando em sua ação constante ao objeto do conhecimento. As visões de mundo são ressignificadas e ampliadas e para isso a importância do diálogo no processo de aquisição de conhecimento, Isto porque “a atitude dialógica é, antes de tudo, uma atitude de amor, humildade e fé nos homens, no seu poder de fazer e de refazer, de criar e de recriar” (Freire,1982, p. 81).

Ademais a “alfabetização direta”, focada na democratização da cultura e que introduz uma experiência propensa de tornar compatíveis com o mundo do aluno e o material utilizado para construir aprendizagem. Nesse prisma é necessário pensar

numa alfabetização que fosse ao mesmo tempo um ato de criação, capaz de gerar outros atos criadores; uma alfabetização a qual o homem, que não é passivo nem objeto, desenvolvesse a atividade e a vivacidade da invenção e da reinvenção, características dos estados de procura (Freire, 1980, p. 41).

Além disso, a alfabetização de adultos na concepção freireana tem o dialogo como um elemento chave para o processo de ensino e aprendizagem. Sendo necessário que os educadores descubram o universo vocabular<sup>13</sup> dos educandos, a cultura, quem são estes sujeitos de aprendizagem, onde vivem e como vivem. O educador deve parte das histórias dos alunos para assim construir conhecimento organizado e significativo.

A ação de conhecer os educandos inicia pelo diálogo. São conversas informais que indagam de forma prazerosa sobre o mundo dos educandos. Estes momentos favorece a seleção das palavras geradoras que serão trabalhadas. Dentro desse debate, a alfabetização então passa a ter sentido a partir do próprio contexto social do educando. Importa aqui ressaltar que uma palavra geradora “possibilita um processo de conhecimento, quando constitui um estimo intelectual e afetivo” (Barreto, 2004, pp. 101-102).

---

<sup>13</sup> O universo vocabular na concepção de Freire, deve atender aos seguintes critérios: a) o da riqueza silábica; b) o das dificuldades fonéticas. As palavras escolhidas devem responder às dificuldades fonéticas da língua e coloca-se na ordem de dificuldade crescente e c) o conteúdo prático da palavra, o que implica procura o maior compromisso possível da palavra numa realidade de fato, social, cultural, política. (Freire, 1979, p. 23)

Terminado o momento de investigação dos saberes dos alunos, parte-se para a necessidade de tematizar. Este momento é demarcado pela tomada de consciência do mundo em que o aluno está inserido e como este aluno percebe este mundo. Feito isso, parte-se para a problematização. Na fase de problematização o educador cria desafios aos alunos a partir de situações-problemas e motiva estes a irem à busca de suas respostas.

Substancialmente Lima (2019, p. 10) afirma que “a aprendizagem não é um processo de absorção passiva, mas um processo dinâmico que envolve a participação total e global do indivíduo em seus aspectos físicos, psicológicos, emocionais, sociais e intelectuais”. Neste sentido,

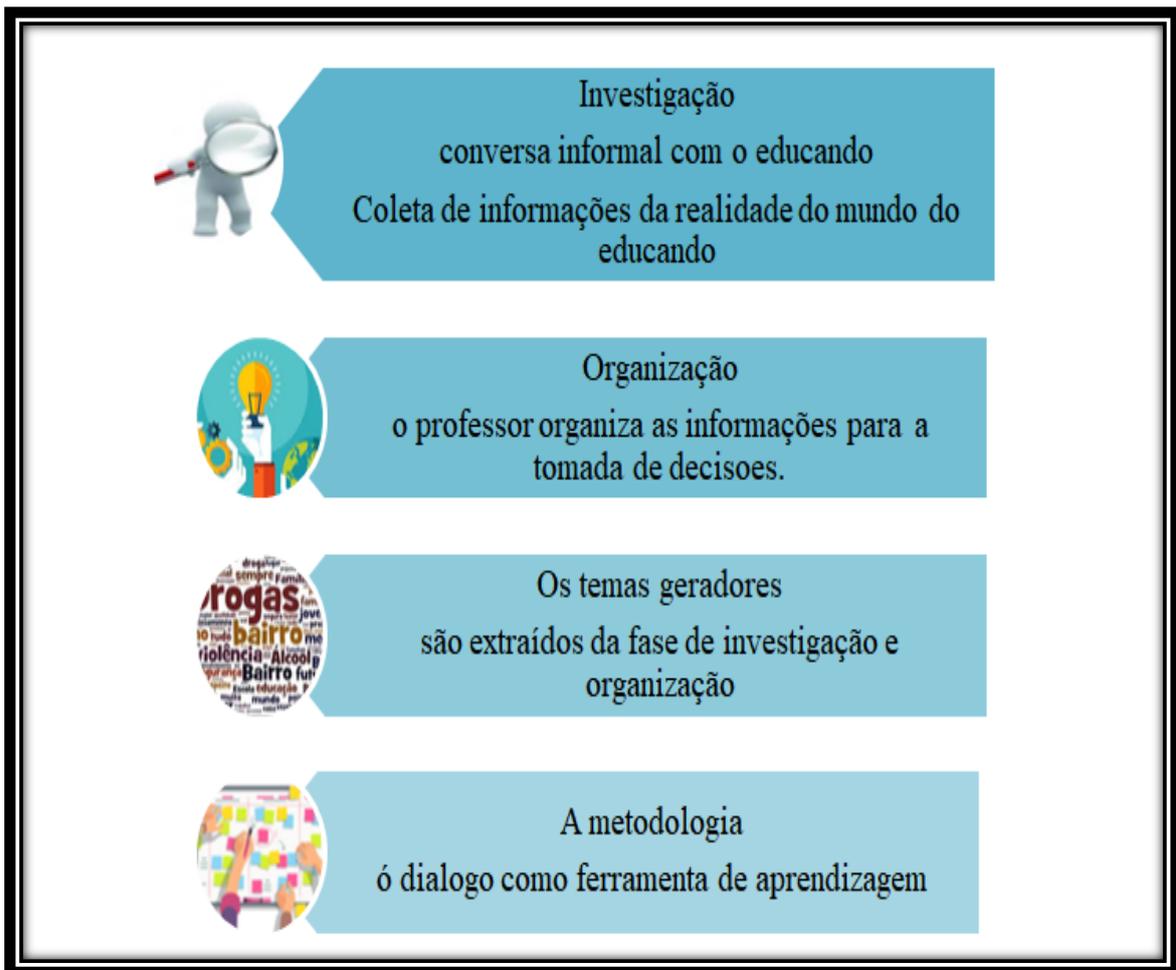
não é só o aluno que aprende (como muitos dos professores acham que acontece) a aprendizagem ocorre de todas as formas na interação entre os indivíduos, portanto o professor ensina, interage e aprende com os alunos, que ensinam, interagem e aprendem com o professor. (Freire, 1986, p.34).

Como vimos até o momento a metodologia para alfabetizar preconizada por Freire estimula os adultos mediante a discussão de suas experiências de vida entre si, através de palavras presentes na realidade dos alunos, que são decodificadas para a aquisição da palavra escrita e da compreensão do mundo.

Objetivando tornar mais explícita a abordagem sobre a metodologia de Paulo Freire, a seguir apresentamos a imagem 1, a qual sistematiza o pensamento do teórico.

### **Figura 1**

*Organização e sistematização do Método Paulo Freire*



Diante do exposto percebemos que o método de Paulo Freire:

Parte do saber, do conhecimento trazido pelo educando é um dos pontos principais do método, o educador deve fazer a mediação desses saberes, demonstrando ao educando que ele conhece muitas coisas, que surgem de sua realidade. Atitude esta que não é concebível ou perceptível em outro modelo educacional, como naquele citado e criticado muitas vezes por Freire, a educação bancária, que objetiva, como o próprio nome sugere, depositar conteúdos, conhecimentos, saberes nos “alunos”, do termo latino “sem-luz”, “alunado” e que precisa de uma luz, que é dada pelo professor unicamente por ele (Maciel, 2017, p. 21836).

Com essas argumentações o autor professa que:

Freire jamais deixa de lado a luta pela superação da opressão, da desigualdade do analfabetismo, e, considera que a transformação da sociedade só é possível através da educação, daquela que permite aos sujeitos reconhecerem-se como agentes transformadores, com possibilidades para tal ação. Isso nos deixa claro

um dos primeiros princípios do método de Freire, a politicidade do ato educativo, pois para Freire não existe educação neutra, qualquer ação educativa tende a um objetivo (Maciel, 2017, p. 21836).

É relevante salientar que o método freiriano está organizado em fases, as quais apresentamos em sequência:

A **primeira fase**, de elaboração e aplicação do método: a "descoberta do universo vocabular" dos grupos com os quais se há de trabalhar se efetua no curso de encontros informais com os habitantes do setor que se procura atingir. **Segunda fase:** Seleção de palavras, dentro do universo vocabular. Esta seleção deve ser submetida aos seguintes critérios: a) O da riqueza silábica; b) O das dificuldades fonéticas. As palavras escolhidas devem responder às dificuldades fonéticas da língua e colocar-se na ordem de dificuldade crescente; c) O do conteúdo prático da palavra, o que implica procurar o maior compromisso possível da palavra numa realidade de fato, social, cultural, política. **Terceira fase:** criação de situações existenciais típicas do grupo com o qual se trabalha. Estas situações desempenham o papel de "desafios" apresentados aos grupos. Trata-se de situações problemáticas, codificadas, que levam em si elementos para que sejam decodificados pelos grupos com a colaboração do coordenador. Uma palavra geradora pode englobar a situação completa ou referir-se somente a um dos elementos da situação. **Quarta fase:** elaboração de fichas indicadoras que ajudam os coordenadores do debate em seu trabalho. Tais fichas deverão simplesmente ajudar os coordenadores, não serão uma prescrição rígida e imperativa. **Quinta fase:** Consiste na elaboração de fichas nas quais aparecem às famílias fonéticas correspondentes às palavras geradoras. Uma vez elaborado o material, em forma de dispositivos ou cartazes, constituídas as equipes de supervisores e de coordenadores, devidamente treinados nos debates relativos às situações já elaboradas, e de posse de suas fichas indicadoras, começa o trabalho efetivo de alfabetização (Maciel, 2017, p. 21838).

Como já foi assinalado anteriormente Freire a proposta metodológica para alfabetizar jovens e adultos acabou gerando uma nova teoria do conhecimento, a qual está para além dos bancos escolares, da educação bancária fruto de uma educação dualista ao longo da história da educação Brasileira. Dito isto, a educação para massa

não pode assumir uma característica opressora, mas deve libertar o homem em todas as suas dimensões de ser racional e que constrói conhecimento.

Em verdade, o processo educacional proposto por Freire conduz o homem a formação integral, onde o seu mundo e seus conhecimentos do mundo compreendem o início de sua aprendizagem escolarizada.

## 2. MARCO METODOLOGICO

Em verdade, pensar no marco metodológico para a construção dos caminhos de uma investigação científica é reafirmar a importância do conhecimento científico na perspectiva de trazer as respostas que a ciência precisa.

Marconi & Lakatos (2017, p. 4) afirmam que “o conhecimento científico diferencia-se do popular<sup>14</sup> muito mais pelo que se refere a seu contexto metodológico do que propriamente por seu conteúdo”. Visto que, “o conhecimento científico é factual, lida com as ocorrências e fatos”. Ele diz respeito a um conhecimento contingente, visto que as hipóteses ou proposições tem sua autenticidade ou falsidade versada “por meio da experimentação e não apenas pela razão”, como ocorre no conhecimento filosófico<sup>15</sup>. O conhecimento científico é assim:

Sistemático, já que se trata de um saber ordenado logicamente, formando um sistema de ideias (teoria) e não conhecimentos dispersos e desconexos. Possui a característica da verificabilidade, a tal ponto que as afirmações (hipóteses) que não podem ser comprovadas não pertencem ao âmbito da ciência. Constitui-se como um conhecimento falível, em virtude de não ser definitivo, absoluto ou final, por esse motivo é aproximadamente exato, pois novas proposições e o desenvolvimento de técnicas podem reformular o acervo de teoria existente (Marconi & Lakatos, 2017, pp.6 - 7).

Com base nessa perspectiva, a investigação estar pautada no conhecimento científico, o qual requer uma metodologia para buscar informações verdadeiras e relevantes, as quais viabilizarão a compreensão, a verificação, a correção e a aplicação do conhecimento como postula Campoy (2018, p. 31).

### 2.1. Problema da investigação

---

<sup>14</sup> O conhecimento popular caracteriza-se por ser predominantemente superficial (conforma-se com a aparência), sensitivo (refere-se às vivências, estado, animo, emoções da vida diária), subjetivo (é próprio do sujeito que organiza suas experiências e conhecimentos), assistemático (as ideias não são sistematizadas e nem validadas) e acrítico (não possui reflexão e nem criticidade). (Ander-Egg (1978) apud Marconi & Lakatos (2017, pp. 03-04).

<sup>15</sup> Este tipo de conhecimento procura o sentido, a justificação, as possibilidades de interpretação do objeto de interesse. Procura compreender a realidade em seu contexto universal. Sua preocupação é a autorreflexão do espírito sobre a razão do seu comportamento, aspirando a uma inteligência geral. Ideal, a uma visão racional de mundo. (Michel, 2015, p. 18).

É a partir da Constituição Federal de 1988 que se materializaram direitos civis e assim, ocorreu a ampliação dos direitos sociais trazendo ao ser humano princípios da dignidade e garantindo o direito à educação a todos para a construção da cidadania e também para fomentar aspectos democráticos no dia a dia do brasileiro.

Neste sentido, de respeito à dignidade e de prevalência dos direitos humanos passou-se a entender a necessidade de uma prática pedagógica para jovens e adultos em uma perspectiva também humanizadora, não somente preocupada com os conhecimentos em nível de conteúdos, mas uma educação para um público diferenciado que deveria também aprender a construir um olhar crítico na sociedade.

Tal perspectiva é evidenciada no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos - PNEDH de 2006, nele é reafirmada a necessidade de uma Educação de Jovens e Adultos que eduque a partir dos direitos humanos, pressupondo assim, a formação de cidadãos que percebam e materializem seus direitos e seus deveres sendo capaz de exercer a democracia como condição de sobrevivência para a manutenção da dignidade humana. Assim, a Educação de Jovens e Adultos- EJA deve, sobretudo, respeitar o aluno diante suas possibilidades e seus limites de aprendizagem trazendo ao contexto suas experiências de vida para o fortalecimento dos conteúdos que estão sendo ensinados em sala de aula.

A vista disso, o público da EJA é composto por indivíduos que por algum motivo não conseguiram concluir os estudos na idade regular e que sentem necessidade de retomar os estudos. No Centro Educacional Fernando Matos de Souza/SESC LER (Serviço Social do Comércio), este público encontra acolhimento na instituição, ela é referência no município em alfabetização em adulto, principalmente idosos, tanto que a mesma é conhecida como escola dos velhinhos, os quais vão à escola buscar um espaço para convivência social (percepção nossa).

É bem verdade que os alunos da EJA como todo aluno necessitam de oportunidades e acolhimento para que estes acreditem que a educação formal possa mudar sua condição de vida.

Tomando como elemento motivador a nossa experiência docente, com essa modalidade de ensino, onde ao longo dos anos tenho me deparado, com profissionais que implementam ações metodológicas, as quais têm reforçado o sistema “alienante” e não contribuinte para o enfrentamento da exclusão social, para o desenvolvimento da cidadania e da criticidade dos alunos. Entendendo que a escola pode oferecer condições

para mudança de vida, surgem algumas inquietações, as quais nomeamos de questões norteadoras da investigação, são elas:

6. Quem são os alunos da Educação de Jovens e Adultos em fase de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza/SESC LER?
7. Quais metodologias são utilizadas pelos professores para o Processo de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza?
8. Quais os projetos voltados à leitura e a escrita são desenvolvidos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos?
9. Quais as possibilidades e os limites enfrentados pelos professores no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar?
10. Quais as dificuldades e as possibilidades dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar no que concerne a aprendizagem dos conteúdos e na relação de seu dia a dia na escola?

Estas suscitam, a luz da ciência, o desejo de saber: Quais os desafios e as perspectivas do processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza?

## 2.2. Objetivos da investigação

Para respondermos as perguntas (específicas e a geral) que movem esta investigação, elencamos os objetivos específicos os quais permitirão responder à pergunta geral.

Campoy (2018, p. 69) afirma que os objetivos representam o propósito de uma investigação, pensando neles são dirigidos recursos e esforços para cumprir o plano. A seguir apresentamos o objetivo geral, o qual constitui elemento fundamental para se chegar à resposta da pergunta geral.

Em sequência, elencados os objetivos específicos, os quais foram elaborados com base no objetivo geral, estes darão suporte para responder a problemática da investigação.

### 2.2.1. Objetivo Geral

Analisar os desafios e as perspectivas do processo de alfabetização na educação de jovens e adultos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza.

### 2.2.2. Objetivos Específicos

1. Apresentar o perfil dos alunos da Educação de Jovens e Adultos em fase de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza/SESC LER.
2. Verificar as metodologias utilizadas pelos professores para o Processo de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza.
3. Averiguar quais os projetos voltados à leitura e a escrita são desenvolvidos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos.
4. Identificar as possibilidades e os limites enfrentados pelos professores no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar.
5. Descrever as dificuldades e as possibilidades dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar no que concerne a aprendizagem dos conteúdos e na relação de seu dia a dia na escola.

### 2.3. Decisões Metodológicas

Ao se pensar nas decisões metodológicas que iremos trilhar a fim de responder o problema da investigação e alcançar os objetivos aqui propostos, foram considerados os seguintes elementos:

- Tipo de investigação;
- Enfoque da investigação;
- Contexto de investigação:

- Lugar e lócus da investigação;
- Participantes;
- Técnica de coleta de dados;
- Técnica de análise de dados; e
- As questões éticas da investigação.

### 2.3.1. Tipo de investigação

O estudo aqui proposto é do tipo descritivo, uma vez que ela tem como objetivo primordial a descrição das características de uma determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis (Gil, 2014, p. 28).

De acordo com Cervo; Bervian e Silva (2007, p. 60) nesse tipo de investigação “observa-se, registra-se, analisa-se, correlaciona-se fatos ou fenômenos sem manipulá-los”.

Sampieri, Collado e Lucio (2013, p.101) afirmam que os “estudos descritivos medem, avaliam ou coletam dados sobre diversos aspectos, dimensões ou componentes do fenômeno a ser pesquisado”, como também que “a pesquisa descritiva busca especificar propriedades e características importantes de qualquer fenômeno que se analisa”.

Corroborando Campoy (2018, pp. 155-156) postula que no método descritivo é realizada uma descrição precisa e cuidadosa do fenômeno, dos fatos e das situações sem realizar intervenções sobre eles. Assim sendo, busca-se realizar a descrição das tendências de um grupo ou de uma população, para responder: como o quê, quem, onde, quando e como.

No caso dessa investigação o fenômeno social é a alfabetização de jovens e adultos em um cenário de desafios e perspectivas.

### 2.3.2. Enfoque da investigação

A presente investigação possui o enfoque qualitativo. A escolha do enfoque parte da necessidade de adentrar na subjetividade, nas entrelinhas existentes em cada aspecto que se relaciona ao processo de alfabetização na EJA.

Ressalta-se que,

Na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Pressupõe-se, pois, que elas têm um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam a concepção de vida e orientam as suas ações individuais. Isso significa que a vivência diária, a experiência cotidiana e os conhecimentos práticos reflitam um conhecimento crítico que relacione esses saberes particulares com a totalidade, as experiências individuais com o contexto geral da sociedade (Chizzotti, 2014, p.83).

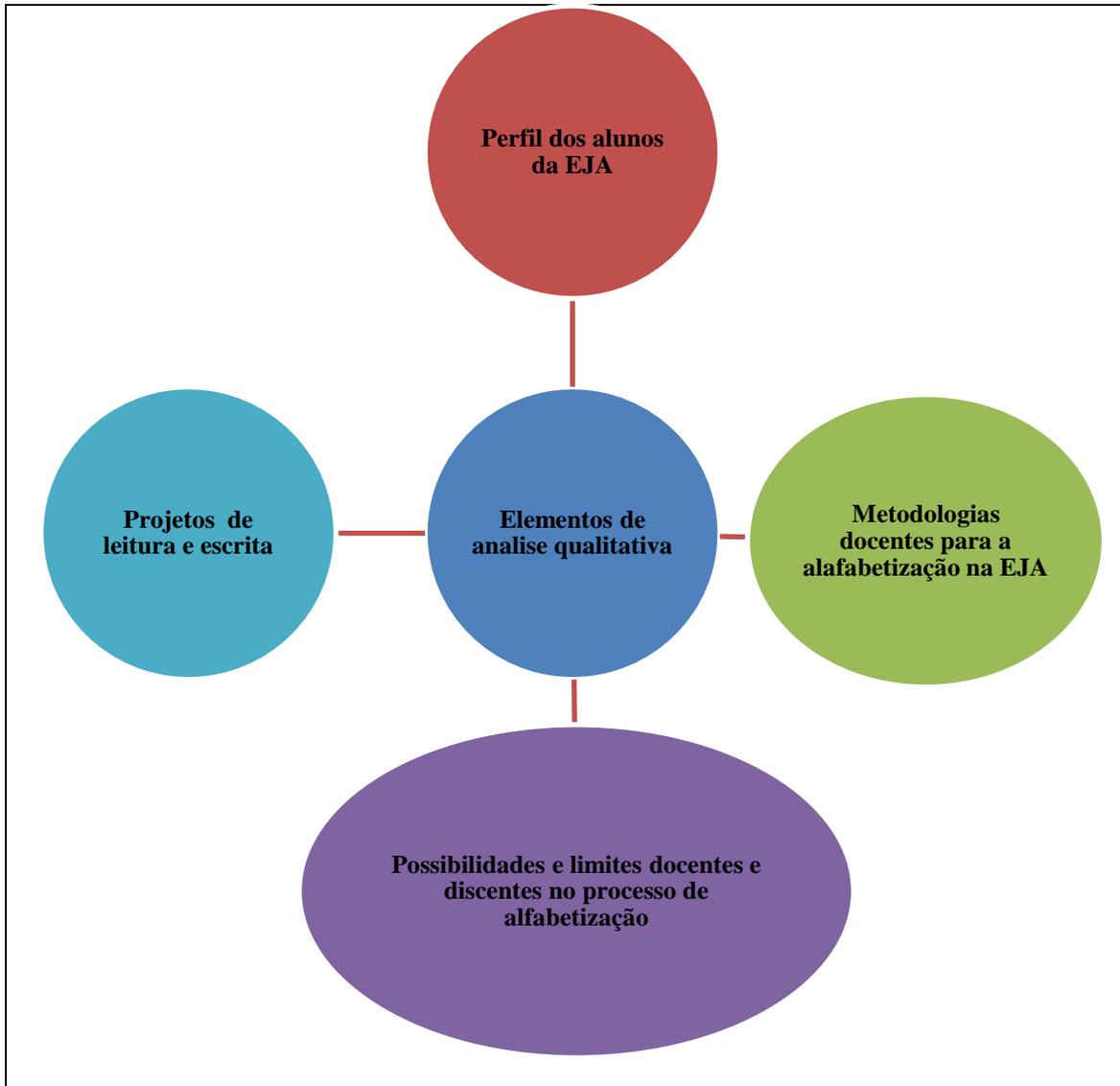
Segundo Denzin & Lincoln (2011, p. 3, apud Campoy, 2018, p. 254) postulam que o enfoque qualitativo estuda as coisas no ambiente natural, na tentativa de interpretar ou dar sentido aos fenômenos no que concerne os significados que as pessoas atribuem a elas. Desta feita o investigado coloca-se no mundo, através de um conjunto de materiais práticos e passíveis de interpretação para tornar o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo.

Para, além disso, Campoy (2018) enfatiza que o enfoque qualitativo a realidade tem múltiplas concepções, isto porque a realidade é constituída de sistemas bem complexos. Daí a necessidade de partir de uma abordagem indutiva á análise da realidade social com base no levantamento de hipóteses. Tendo como objetivo principal compreender os fenômenos, o investigador coloca-se na condição de passividade total, ele interage com o ambiente através da observação para descrever os casos individuais. Como também faz uso de técnicas não estruturadas para coletar dados, estes são de natureza narrativa (textual ou visual) as quais possibilitam uma análise interpretativa.

Dito isto, passamos neste momento a apresentar na imagem 2 os elementos que nortearam a análise qualitativa dessa investigação.

**Figura 2**

*Elementos que nortearam a análise qualitativa da investigação*



### 2.3.3. Contexto da Investigação

A localidade do Brasil onde foi realizada essa pesquisa foi o Município de Presidente Figueiredo, situado no Estado do Amazonas.

### Figura 3

*Município de Presidente Figueiredo – Amazonas*



Nota: Adaptado de <https://www.viagensecaminhos.com/2015/09/presidente-figueiredo-terra-das-cachoeiras-do-amazonas.html>

O município de Presidente Figueiredo está localizado na Região Metropolitana de Manaus, no estado do Amazonas, o mesmo ocupa uma área de 25 422,235 km<sup>2</sup> e tem uma população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) era de 33 703 habitantes (dados de 2016). Ele é o vigésimo-segundo município mais populoso do Estado, sendo o mais populoso de sua microrregião. O mesmo integra a Região Metropolitana de Manaus, sendo ela a maior região metropolitana brasileira em área territorial e a mais populosa da Região Norte do Brasil.

O município esbanja riquezas naturais e com isso proporciona os atrativos turísticos com as mais de 100 cachoeiras e cavernas, sendo 49 catalogadas e 35 visitáveis, a Usina Hidrelétrica de Balbina, a Mineração Taboca e a Reserva Indígena Waimiri – Atroari. Mesmo assim, a população clama por uma oportunidade de emprego nas indústrias e nos comércios locais pois anseiam por uma renda fixa. É oportuno citar que o custo de vida é alto e é não compatível com a renda da população que em sua grande maioria é carente.

#### 2.3.4. Lugar e lócus da investigação

O lugar e lócus da investigação é o Centro Educacional Fernando Matos de Souza- SESC LER. O prédio atual da instituição está localizado bem na entrada da cidade próximo a BR 174, na Av. Joaquim Cardoso, nº 51 no Bairro José Dutra.

No ano de 1999 a instituição estabeleceu uma parceria com a Prefeitura Municipal de Presidente Figueiredo na Escola Municipal Dr. Octávio Lacombe, inicialmente com uma turma da EJA - Educação de Jovens e Adultos. Ainda neste ano com a implantação do Projeto Sesc Ler aumentou consideravelmente o número de alunos e qualidade dos serviços.

Com o aumento do público do projeto, o presidente do Sesc Amazonas em diálogo com o Prefeito da época Romeiro José Costeira de Mendonça conseguiu um terreno para a construção do prédio fixo da unidade. Em 12 de novembro de 2001 o Sesc Ler de Presidente Figueiredo foi inaugurado.

A partir de 2004, além das turmas da EJA começaram a funcionar as turmas do PHE – Projeto Habilidades de Estudo, com aulas lúdicas e criativas aos filhos dos alunos da EJA e comunidade figueiredense que tinham dificuldades nos estudos. E como a procura por parte da população aumentava, foram abertas vagas para toda a comunidade, nos turnos da manhã e tarde, tornando como referência da complementação dos estudos às crianças que estudam no ensino regular com faixa etária de 06 (seis) a 12 (doze) anos idade.

Após a inauguração do prédio, o Sesc passou a ser chamado de Centro Educacional Fernando Matos de Souza em homenagem ao Sr. Fernando Matos de Souza, empresário proprietário já falecido da Empresa Santa Cláudia, fonte de água mineral que abastece a cidade, localizada na Cahoriera Santa Cláudia, na área urbana da cidade.

Na época da realização dessa pesquisa, esse centro educacional atendia um total de 99 alunos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), matriculados no 1º Segmento do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), organizado em sistema de ciclos ou etapas (1º e 2º ciclos) com a duração de 1 ano em cada ciclo e distribuídos nos turnos matutino e noturno. Além do EJA funcionava nesse estabelecimento de ensino o Projeto de Habilidades de Estudo – PHE, onde eram atendidas 75 crianças com idade de 6 a 12

anos que estudavam na rede pública de ensino nas séries 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, no turno vespertino.

Ademais nos sábados oferecia a Educação Complementar, a qual funcionava com 04 (quatro) turmas do Curso de Inglês tendo, cujo público era em média 20 alunos por sala. Este compreende outro projeto consolidado em parceria com a Prefeitura Municipal, onde o Sesc oferece um preço simbólico exclusivo aos munícipes figueiredenses e algumas bolsas de estudo conhecida como PCG (Programa de Comprometimento a Gratuidade), em contrapartida a Prefeitura Municipal fornece a alimentação dos professores vindos da capital de Manaus.

O Centro Educacional Fernando Matos de Souza está localizado no bairro José Dutra quase que paralelo ao centro da cidade. Embora esteja localizado em um bairro de classe média com tendência para baixa, este apresenta muitos problemas, a exemplo da pavimentada, rede de esgoto e a iluminação pública aos redores da unidade.

### 2.3.5. Participantes da pesquisa

Em se tratando de uma pesquisa que se debruçou no enfoque qualitativo, os participantes da pesquisa elegidos são: seis professores (4 graduados em Pedagogia e 2 graduados em Normal Superior), um coordenador pedagógico e alunos do 1º segmento da Educação de Jovens e Adultos (1º ao 5º ano do Ensino Fundamental). Sampiere, Lúcio e Collado (2013, p. 252) diz que precisamos definir os interesses e delimita os sujeitos para iniciar a coleta dados.

Na tabela 1, destacamos os participantes da presente investigação científica.

**Tabela 1**

*Participantes da pesquisa*

<b>Participantes</b>	<b>Número</b>
Professores	06
Coordenador Pedagógico	01
Alunos da EJA- turma Alfabetização	26

A escolha dos participantes da pesquisa ocorreu a partir da elaboração de critérios que estão dispostos a seguir:

- Professores

Critérios: Ter habilitação no Magistério das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Ser professor em efetiva docência em turmas do 1º segmento de Educação de Jovens e Adultos (1º ao 5º ano), do Centro Educacional Fernando Matos de Souza (SESC/LER);  
Aceitabilidade em participar da Pesquisa;  
Ter disponibilidade em participar da pesquisa.

- Coordenador Pedagógico

Critérios: Exercer a função de técnico em educação em apoio pedagógico as turmas do 1º segmento de Educação de Jovens e Adultos (1º ao 5º ano), do Centro Educacional Fernando Matos de Souza (SESC/LER);  
Disponibilidade em participar da pesquisa;  
Aceitabilidade em participar da Pesquisa.

- Alunos

Critérios: Estar regularmente matriculado em Turmas de 1º segmento de Educação de Jovens e Adultos (1º ao 5º ano), do Centro Educacional Fernando Matos de Souza (SESC/LER) em processo de alfabetização;  
Disponibilidade em participar da pesquisa.  
Aceitabilidade em participar da pesquisa.

#### 2.3.6. Técnicas e instrumentos de coletas de dados

As técnicas adotadas para coleta de dados foram: Análise documental, questionário e entrevista semiestruturada.

Para eleger técnica e instrumento de coleta de dados partimos da sistematização de que para cada objetivo de investigação adotaremos um instrumento a fim de que

possamos alcançá-los e assim, portanto responder à questão problema desta investigação.

Esta organização possibilitou garantir um olhar detalhado em como vamos chegar aos dados, em como iríamos trazer os elementos que a pesquisa qualitativa previamente aqui delimitada iria mostrar seus diferentes significados. Assim, os instrumentos de coleta de dados encontram-se dispostos da seguinte forma:

**Tabela 2**

*Instrumentos de coleta de dados*

Nº	Objetivos específicos da investigação	Instrumento
1.	Apresentar o perfil dos alunos da Educação de Jovens e Adultos em fase de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza/SESC LER.	Questionário com questões abertas e fechadas aos alunos da educação de jovens e adultos em processo de alfabetização.
2.	Verificar as metodologias utilizadas pelos professores para o Processo de Alfabetização e aprendizagem significativa no Centro Educacional Fernando Matos de Souza.	Entrevista semiestruturada com os docentes
3.	Averiguar quais os projetos voltados à leitura e a escrita são desenvolvidos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos.	Análise Documental: PPP- Projeto Político Pedagógico do Centro Educacional Fernando Matos de Souza
4.	Identificar as possibilidades e os limites enfrentados pelos professores no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar.	Entrevista semiestruturada com os docentes
5.	Descrever as dificuldades e as possibilidades dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar no que concerne a aprendizagem dos conteúdos e na relação de seu dia a dia na escola.	Questionário com questões abertas e fechadas aos alunos da educação de jovens e adultos em processo de alfabetização.

### 2.3.6.1. O Questionário

Cabe ressaltar que

o questionário é um formulário, previamente construído, constituído de uma série de perguntas em campos fechados e abertos, que devem ser respondidas por escrito e, preferencialmente, sem a presença do pesquisador. Por isso, deve-se atentar para o cuidado na elaboração das perguntas, para que não haja duplicidade de interpretação. É importante que o pesquisador conscientize de que em uma pesquisa de dados remota nem sempre há envolvimento e, conseqüentemente, necessita do cuidado para garantir a verdade e a completeza das respostas (Michel, 2015, p. 91).

O questionário para esta investigação foi pensado com foco no objetivo: apresentar o perfil dos alunos da Educação de Jovens e Adultos em fase de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza/SESC LER e descrever as dificuldades e as possibilidades dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar no que concerne a aprendizagem dos conteúdos e na relação de seu dia a dia na escola. Para tanto o explorou os seguintes elementos de análise: sexo, idade, raça, religião, estado civil, renda familiar, moradia, pessoas de convívio, filhos, escolarização do pai e da mãe, fazer laboral do participante, assuntos de interesse, evasão escolar, repetência e os motivos que os levaram a evadir e ou a repetir de ano.

Para além do perfil iremos descrever as dificuldades e as possibilidades dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar no que concerne a aprendizagem dos conteúdos e na relação de seu dia a dia na escola, onde iremos nos debruçar nos seguintes significados: ausência e ou presença do processo de alfabetização, fatores que impedem a aprendizagem da leitura e da escrita em sala de aula, dificuldades apresentadas pelos alunos para a aprendizagem da leitura e da escrita, atividades que são realizadas pelos docentes para que os alunos da EJA sejam alfabetizados, tipos de textos que os alunos da EJA costumam ler em seu dia a dia e em que a escola é atrativa ou não atrativa aos alunos da EJA.

#### 2.3.6.2. A Entrevista

No que concerne as entrevistas Campoy (2018, p. 345) afirma que: através dela é estabelecido um diálogo, utilizado para chegar ao conhecimento. Ainda no contexto da entrevista observa-se que,

as entrevistas podem ser utilizadas para todos os segmentos da população: analfabetos e alfabetizados; fornece melhor amostragem, maior flexibilidade, mais precisão; permite esclarecimentos, perguntas, confirmações. É a técnica de coleta de dados que dá maior oportunidade de avaliar atitudes, condutas, registro de reações, gestos, enfim, obter dados relevantes que não se encontram em fontes documentais, as informações podem ser comprovadas de imediato (Michel, 2015, p. 86).

Para Marconi e Lakatos (2017, p. 319) com a utilização da entrevista qualitativa o investigador deve buscar compreender “as perspectivas e experiências dos entrevistados, conhecer o significado que o entrevistado dá aos fenômenos e aos eventos de sua vida cotidiana, utilizando seus próprios termos”. Ressalta-se que deve ser oportunizado “um ambiente de confiança”, deve-se evitar elementos que prejudiquem a conversa, ou seja, interrupções, ruídos, música, telefonemas, etc. a entrevista deve ser um diálogo espontâneo, porém profundo, aberto, cuidadoso, descartando perguntas muito diretas (Marconi & Lakatos, 2017, p. 320).

Dentre os tipos de entrevista optamos pela semiestruturada, por permitir ao investigador “a liberdade de desenvolver o tema da interação em qualquer direção que considere adequada” (Marconi & Lakatos p. 321). Nessa ótica, o roteiro das questões previamente elaboradas, no decorrer da entrevista podem surgir elementos novos objetivando trazer informações mais detalhadas.

Nesta investigação a entrevista semiestruturada pretende trazer o alcance dos seguintes objetivos:

- Verificar as metodologias utilizadas pelos professores para o Processo de Alfabetização e aprendizagem significativa no Centro Educacional Fernando Matos de Souza. Neste objetivo a entrevista irá trazer os seguintes elementos de análise: materiais didáticos para o processo de alfabetização na EJA, o planejamento das aulas, metodologias utilizadas pelos docentes e as dificuldades para a implementação destas metodologias.
- Averiguar quais os projetos voltados à leitura e a escrita são desenvolvidos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza para o fortalecimento do processo

de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos. Assim, a entrevista busca saber sobre: como ocorre a implementação de projetos voltados ao processo de alfabetização, como estes são planejados, os tipos de projetos e quais os avanços que estes trouxeram para a alfabetização na EJA e também as reflexões da coordenação pedagógica de elementos que possam fomentar a otimização do processo de aquisição de leitura e da escrita na EJA.

- Identificar as possibilidades e os limites enfrentados pelos professores no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar. Para isso fomos à busca de elementos como: ser professor na EJA, as dificuldades enfrentadas no dia a dia de sala de aula no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar, as possibilidades apresentadas no dia a dia de sala de aula no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita de alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar as situações e ou experiências vivenciadas na sala de aula implicam e ou comprometem o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita na educação de jovens e adultos e que podem ou não causar o fracasso escolar e as sugestões para a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem na leitura e da escrita na educação de alunos em fase de alfabetização.

#### 2.3.6.3. A análise documental

No que se refere a análise documental, como técnica de coleta de dados, Michel (2015, p. 83) reafirma a importância dos documentos em pesquisa científica e afirma que este tipo de instrumento de coleta de dados “consulta documentos, registros pertencentes ou não ao objeto de pesquisa estudado, aos quais se recorre para buscar informações úteis para o entendimento e análise do problema”.

O documento a ser consultado, tem como propósito “ampliar informações sobre o objeto de interesse e em função da importância que o mesmo terá para a análise e interpretação dos dados” da investigação (Michel, 2015, p. 83).

Nesse âmbito, com foco no objetivo de averiguar quais os projetos voltados à leitura e a escrita são desenvolvidos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza

para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos, sentimos a necessidade de conhecer a proposta pedagógica da instituição, a qual está alicerçada em seu Projeto Político Pedagógico - PPP<sup>16</sup>. Aí aponta para necessidade de adentrar nas entrelinhas deste documento em busca dos projetos que são realizados no lócus de investigação para fomentar o processo de alfabetização tornou-se necessário e também elemento que veio a fortalecer responder a indagação que consolidou o objetivo proposto: quais os projetos voltados à leitura e a escrita são desenvolvidos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos?

Na tabela 3, apresentamos os critérios e os indicadores que nortearam a análise documental.

### **Tabela 3**

*Critérios e indicadores que nortearam a análise documental do Projeto Político Pedagógico*

<b>Critério</b>	<b>Indicadores</b>
Projetos de leitura e escrita na Educação de Jovens e Adultos	Nome do Projeto
	Problemática detectada
	Objetivos do projeto
	Metodologia de execução do projeto
	Formas de avaliação
	Periodicidade do projeto

#### 2.3.7. Validação dos instrumentos de coleta dos dados

<sup>16</sup> O projeto político-pedagógico deve ser entendido como um processo permanente de reflexão e discussão dos problemas da escola, na busca de alternativas viáveis à efetivação de sua intencionalidade, que "não é descritiva ou constatativa, mas é constitutiva" (Marques 1990, p. 23)

De forma generalizada entende-se que um instrumento de pesquisa para ser considerado como um “bom instrumento” deve atender e alcançar aquilo que se propõe. Como já foi dito anteriormente um instrumento de pesquisa deve estar para o objetivo que se quer alcançar. Assim, ao elaboramos um instrumento de pesquisa este precisa ser analisado, “corrigido”, e assim validado, pois atribui qualidade ao instrumento de medição.

Bauer e Graskell (2002, apud Ramalho, 2012, p. 38) afirma que a validade diz “o quanto o instrumento capta o que ele deveria mensurar”.

Levemos, portanto, em consideração que

a validade na pesquisa qualitativa é expressa em todos os momentos em que o pesquisador desenvolve a pesquisa: a) na problematização do assunto, por meio da coerência da base teórica utilizada com o enfoque dado; b) na estruturação da pesquisa, a validade envolve a adequação do desenho de pesquisa e os métodos usados para cada tópico, além dos objetivos que dão o direcionamento do estudo; c) na coleta de dados, está no cuidado ao checar os dados informados, respeito ao que está sendo expresso pelos participantes; d) na interpretação, refere-se à forma como as questões são colocadas no texto e à lógica das interpretações realizadas; e) na verificação, está relacionada tanto com a validade do conhecimento produzido como para quais formas de validação são relevantes em um estudo específicos, e a decisão de que é relevante para a comunidade no diálogo da validade. (Oliveira & Piccinini, 2009 apud Ramalho, 2012, p. 40).

Nesta investigação após a elaboração dos instrumentos estes passaram pelo momento de validação, onde foi entregue a 04 (quatro) doutores em Educação que realizam o debate do objeto de estudo aqui proposto, o processo de alfabetização de jovens e adultos.

Este momento de validação, o olhar dos especialistas possibilitou analisar a coerência das questões elaboradas com os objetivos propostos na investigação científica que trouxeram suas contribuições e proposições. Ao final, foi realizado as correções necessárias para a aplicação aos participantes da pesquisa no lócus de pesquisa já mencionado.

### 2.3.8. Técnica de Análise de dados

Para esta investigação optamos pela análise de conteúdo, para descrever, analisar e interpretar os dados. Então organizamos o trabalho focando cada objetivo, estabelecendo uma relação com as perguntas e as respostas, afim de que pudéssemos demonstrar seu alcance e por fim responder à questão problema.

Sampiere, Collado et al. (2013, p. 491) ressaltam que a “análise de dados em pesquisas qualitativas não é sinônimo de pura descrição nem de caos e nem de desordem”. “O enfoque qualitativo para a análise de dados é flexível”.

De acordo com Michel (2015, p. 157) este momento “é considerado um dos mais ricos do trabalho, pois direciona a discussão para o ambiente da vida real, apresentando a realidade, permitindo pratica as teorias vistas”. Enfatiza ainda que:

O autor poderá transcrever as falas do entrevistado, quando entender que estas são importantes para análise. Neste caso o texto deve ser transcrito exatamente como foi falado pelo respondente, inclusive com os erros de linguagem, eventualmente cometidos, acompanhada do autor da fala no formato de citação direta ou indireta. (Michel, 2015, p. 157).

Ainda neste viés, Minayo (2015, p. 79-80) salienta que “a análise e interpretação em uma pesquisa qualitativa não tem como finalidade contar a opinião de pessoas. Seu foco principal é a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que se quer investigar”. Para o autor “à interpretação, a preocupação do pesquisador deve concentrar-se no sentido das falas e das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação que vão além do descrito ou analisado”.

É oportuno destacar que, nesta investigação, todas as transcrições em relação aos dados coletados encontram-se em anexo, uma vez que ao analisarmos os dados por objetivo de pesquisa trouxemos as informações mais relevantes para os diferentes significados emanados pelas vozes dos participantes da presente investigação.

### 2.3.9. As questões éticas da investigação

Como uma investigação científica que envolve seres humanos, esta precisa levar em consideração alguns aspectos éticos. Em relação à eticidade em pesquisa, o Ministério da Saúde instituiu a Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012 para nortear e garantir as diretrizes que visem o respeito à dignidade humana em pesquisas que envolvem seres humanos.

Nesse véis buscou-se:

- a) respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;
- b) ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- c) garantia de que danos previsíveis serão evitados; e
- d) relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio humanitária. (Resolução nº 466/2012).

A seguir elencamos princípios éticos considerados neste estudo:

- a) Primeiro princípio ético: que os participantes recebam o termo de Consentimento livre e esclarecido que tem por objetivo apresentar as finalidades da pesquisa e como esta será desenvolvida. Este documento depois de lido pelo participante deve ser assinado em duas vias, onde a primeira via deve ser entregue ao pesquisador e a outra via é do participante. Neste documento também deve ser esclarecido os benefícios e os possíveis riscos que podem ocorrer durante o percurso da investigação.
- b) A garantia de anonimato: o participante precisa sentir que sua imagem será preservada e que todas as suas contribuições à pesquisa serão mantidas em sigilo. Ressalta-se que para esta investigação não utilizamos imagens e vídeos durante o momento de coleta de dados. E quando utilizado, para que estes sejam utilizados existe a necessidade de autorização prévia do participante.

- c) No que concerne à divulgação dos resultados: antes de qualquer divulgação dos resultados, o pesquisador deverá emitir um documento e entregar ao lócus de investigação, onde neste documento já deve constar as recomendações para a melhoria do objeto de estudo. Este momento acontece após a qualificação e defesa da presente dissertação de mestrado e deve estar assinado pela banca avaliadora da Universidade Autônoma de Assunção.

Fiorentini e Lorenzato (2009) afirmam que:

a publicação de certos resultados de pesquisa pode promover discriminações. Por exemplo, se uma pesquisa conclui, a partir de um estudo de campo, que alunos negros apresentam menor desempenho na resolução de problemas matemáticos que os brancos, esta informação pode levar a uma imagem pública de que os negros são menos capazes matematicamente que os brancos. A questão ética, neste caso, pode incidir sobre o modo como o processo de pesquisa foi conduzido e, sobretudo, no modo como as análises e argumentações são produzidas, sem considerar os contextos e as circunstâncias socioculturais que proporcionam tais resultados (p. 202).

Por fim apresentamos os benefícios e os riscos que a presente investigação científica pode oferecer.

Enquanto benefícios citamos:

- Possibilita a construção de conhecimento em nível científico ao objeto de estudo aqui proposto estando este relacionado ao analisar os desafios e as perspectivas do processo de alfabetização na educação de jovens e adultos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza;
- Contribui favorecendo a escola lócus de pesquisa um novo olhar na construção do processo de alfabetização na educação de jovens e adultos.

A presente investigação científica não ofereceu nenhum tipo de risco severo aos participantes, nem mesmo os possíveis riscos indiretos. Todavia, destacamos possibilidades de riscos que são considerados riscos de grau mínimo:

- Desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio;

- Alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões a educação de jovens e adultos, metodologias, praticas docentes, etc.
- A quebra de sigilo não intencional.

### 3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Neste momento iremos adentrar nas entrelinhas que o objeto de estudo a Alfabetização de Jovens e Adultos em um contexto que irá possibilitar ao final analisar os desafios e as perspectivas do processo de alfabetização na educação de jovens e adultos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza.

Para tanto iremos mergulhar nos dados, trazer seus significados, entendendo e interpretando cada aspecto, cada inferência que aparece nas vozes dos participantes da investigação. É o momento de “vestir” os dados como afirma Rosa & Arnoldi (2006, p. 61) “é a impregnação de dados pelo pesquisador”, onde o EU do pesquisador adentro nas informações e busca os mais diferentes significados que existente tanto naquilo que está “exposto” e no que está subentendido na voz que fala na pesquisa.

Nesta investigação primamos pelo discernimento, ética, a imparcialidade, não julgar e nem pré-julgar. As informações são sobre sigilo para preservar os seres humanos participantes da investigação, neste véis foi garantido o anonimato dos participantes, os quais estão nomeados a partir de siglas, as quais são apresentadas na tabela 4.

#### **Tabela 4**

*Siglas de reconhecimento dos participantes da pesquisa.*

<b>Participantes</b>	<b>Sigla de reconhecimento</b>
Professores	P
Coordenador Pedagógico	CP
Alunos da EJA- turma Alfabetização	Al. EJA

Ressalta-se que para esta investigação além dos participantes elencados acima temos o projeto político pedagógico da escola lócus de pesquisa, como elemento de análise documental.

A partir das incursões iremos apresentar os dados coletados que se encontram organizados por objetivo de investigação, onde trataremos as informações que mais destacam o objeto de estudo aqui proposto de forma a demonstrar o alcance dos

objetivos e também responder a questão problema ao final desta dissertação de mestrado.

### 3.1. Análise dos dados relacionados ao objetivo específico 1

Nas tabelas 5 exibimos os dados relacionados ao objetivo específico 1: Apresentar o perfil dos alunos da Educação de Jovens e Adultos em fase de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza/SESC LER).

**Tabela 5**

*Perfil dos alunos da EJA em fase de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza/SESC LER*

<b>Indicadores</b>	<b>Quantidade de alunos</b>
<b>Gênero</b>	
Masculino	12
Feminino	14
<b>Faixa Etária</b>	
15 a 20 anos	01
21 a 30 anos	07
31 a 40 anos	06
41 a 50 anos	06
Mais de 50 anos	06
<b>Religião</b>	
Católica	04
Evangélica	21
Outra	01
<b>Estado civil</b>	
Solteiro	10
Casado	13
Separado	01
Viúvo	02
<b>Renda familiar</b>	
Até 01 salário mínimo	15
De 01 a 02 salários mínimos	08
De 03 a 05 salários mínimos	03
<b>Estilo de vida</b>	
Mora sozinho	03
Com o pai e/ou mãe	02
Com o esposo	13
Pais e irmãos	02
Esposo e filhos	03
Com filhos	03
<b>Número de pessoas na casa</b>	

01-03 pessoas	07
04-06 pessoas	13
Mais de 06 pessoas	06
<b>Número de filhos</b>	
Nenhum	06
01-03 filhos	10
04-07 filhos	10
<b>Profissão</b>	
Gari	01
Autônomo (diarista, ajudante de pedreiro, roçador, caseiro, lavrador, soldador, turbineiro)	20
Porteiro	01
Doméstica	02
Merendeira	01
Vendedora	01
<b>Idade Início da Vida Escolar</b>	
09 – 11 Anos	03
20-30 Anos	12
40- 55 Anos	11
<b>História de Repetência Escolar</b>	
Sim	12
Não	14
<b>História de Evasão Escolar</b>	
Sim	15
Não	11
<b>Causas para Repetência Escolar</b>	
Dificuldades de Aprendizado	05
Notas Baixas	01
Faltas	04
Trabalho	01
Viagem/ Mudanças Constantes de endereço	01
<b>Causas para Evasão Escolar</b>	
Trabalho	05
Filhos	02
Viagem/trabalho/mudança	02
Dificuldades de Aprendizado	01
Falta de Interesse	01
Problemas de Saúde	02
Falta de Segurança	02

A análise dos dados coletados aponta que:

No que concerne à idade predomina a faixa etária de 20 a 30 anos e 40 a 55 anos. Este dado é um indicativo da defasagem idade série. Isto já aponta para necessidade de realizar um trabalho diferenciado com esse público.

Sampaio & Almeida (2009) postulam que história da Educação de Jovens e Adultos é uma história que se produz à margem do sistema de educação. Corroborando

Domingo e Teles (2018, p. 83) afirmam que a modalidade atende indivíduos que não tiveram oportunidade de estudar na idade correta. Muitos deles são trabalhadores, maduros, com larga experiência profissional ou com expectativa de (re)inserção no mercado de trabalho, os quais têm um olhar diferenciado sobre sua própria existência.

São alunos que trabalham e que a noite buscam a escola como meio de mudança de vida. Ouso neste momento rememorar uma situação relacionada às minhas vivências em turmas de jovens e adultos. Os alunos saiam do trabalho, em alguns casos vestiam o uniforme pelas ruas, chegavam cansados, com sono e fome, “isso quando estavam em sala”. Eu os olhava e pensava o que fazer, como ter uma aula diferente para que estes alunos estejam acordados, sintam-se interessados. Ai mora o problema na EJA, as questões metodológicas. São senhores e senhoras, mães e pais que ali estão buscando também sonhos, pois para muitos “só o fato” de aprender a assinar seu nome é uma alegria.

De acordo com Silva (2004) para exercer a prática pedagógica na educação de jovens e adultos faz-se necessário:

Conhecê-los bem. O papel do professor, neste sentido, deve ser um pesquisador da história de vida dos alunos, a fim de perceber o que leva essas pessoas a ingressarem/ retornarem à escola, o que as mesmas fazem (ocupação profissional e vida social), bem como o que elas esperam aprender na escola (p. 29).

Em relação ao sexo o feminino predominante (14 mulheres e 12 homens).

Sobre a religião: a prevalência se dá na religião evangélica.

No tocante a renda, os alunos recebem de um até dois salários mínimos, são famílias de baixa renda e com um número de pessoas de convívio grande, em geral famílias que tem em média seis pessoas o que caracteriza que a subsistência do dia a dia é complicada.

Sobre serem pais e ou mães: 20 (vinte) participantes afirmaram que possuem filhos e 06 (seis) afirmavam que ainda não eram pais. É interessante destacar que 10 (dez) sujeitos já exerceram o papel de pai e ou mãe, estes apresentavam um número de filhos elevados que varia de 04 (quatro) a 07 (sete) filhos.

Quanto a profissão, 20 (vinte) dos indivíduos são autônomos, ou seja, trabalham por conta própria como: diarista, ajudante de pedreiro, roçador, caseiro, lavrador, soldador e turbineiro. Em relação aos demais participantes: 01 (um) porteiro, 02 (duas) domésticas, 01 (uma) merendeira, 01 (uma) vendedora.

No que diz respeito, ao início da vida escolar, 12 (doze) participantes matricularam-se pela primeira vez estavam na faixa etária de 20 a 30 anos e 11 (onze) alunos buscaram a escola na faixa etária de 40 a 55 anos de idade.

No que tange a história de repetência, 12 (doze) em seu percurso estudantil, em algum momento não obtiveram rendimento suficiente para avançar para as séries subjacentes (foram reprovados). Os participantes que repetiram o ano apresentaram as possíveis causas: dificuldade de aprendizagem, as notas baixas, ausência do espaço escolar, o fazer laboral e as mudanças ocasionadas por viagens ou de endereço.

E quanto à evasão escolar 15 (quinze) participantes afirmaram que já desistiram dos estudos. Dentre os motivos alegados para evasão escolar citaram: o trabalho, os filhos, viagem, dificuldades de aprendizagem, falta de interesse, falta de segurança e problemas de saúde.

Passemos agora a considerar o perfil leitor dos alunos. Na tabela 6 exibimos os dados coletados.

**Tabela 6**

*O perfil leitor dos Alunos da EJA*

<b>Indicadores</b>	<b>Quantidade de alunos</b>
Você já sabe ler e escrever?	
Sim	12
Não	14
<b>Caso, sua resposta seja negativa. Que situações ocorrem em sala de aula que impedem a aprendizagem da leitura e da escrita?</b>	
Porque iniciei pouco tempo	01
Interpretação e escrita de palavras grandes	01
Dificuldades de aprendizagem	06
Memória e problemas de vista	01
Falta me esforçar mais/ desinteresse	03
Eu não sei escrever	01
Preciso de mais atenção e mais atividades da professora.	01
<b>Caso a resposta seja positiva, em seu processo de leitura e escrito quais são as principais dificuldades enfrentadas em sala de aula?</b>	
Não me esforço para aprender a ler e a escrever	01
Não acompanho as aulas	03

Sinto dificuldades na matemática	02
Gramática e regras de pontuação.	01
Dificuldades de escrever sem erros.	02
Palavras com sílabas complexas e leitura de textos.	01
Dificuldades de entender as letras e algumas palavras.	01
Letras, sílabas e na matemática.	01
<b>Atividades realizadas pelos professores que facilitam a aprendizagem da leitura e da escrita</b>	
A leitura.	07
Escrita diária.	04
A explicação e a atenção para cada aluno.	02
Atividades de leitura e escrita no quadro.	04
Atividades de português e de matemática.	04
Revisão da sílabas, construção de frases e palavras.	03
Atividades de leitura com os livros, pois consigo ler muitas palavras.	02
<b>Eu sempre leio:</b>	
<b>I. Romance, Crônica e ficção em geral.</b>	
Nunca	11
Algumas vezes	09
Quase sempre	01
Sempre	05
<b>II. Livros de poesia</b>	
Nunca	14
Algumas vezes	11
Sempre	01
<b>III. Jornais</b>	
Nunca	13
Algumas vezes	11
Sempre	02
<b>IV. Revistas de informação em geral</b>	
Nunca	11
Algumas vezes	11
Quase sempre	01
Sempre	03
<b>V. Revistas em Quadrinhos.</b>	
Nunca	16
Algumas vezes	07
Sempre	03
<b>VI. Sites na internet</b>	
Nunca	11
Algumas vezes	07
Quase sempre	04
Sempre	04
<b>Frequência de leitura</b>	
Não gosto de ler	02
Leio somente o necessário	08
Leio apenas o que o professor pede em sala de aula	07

Evidenciamos nos dados coletados que os alunos:

- Apresentam dificuldades de leitura e escrita e afirmam que as possíveis causas são: início tardio do processo de escolarização, dificuldades de aprendizagem, problemas de visão, comprometimento cognitivo, ausência de interesse, falta de atenção do professor, dificuldades em acompanhar as aulas, dificuldade em matemática, escrita de sílabas complexas e produção de frase e textos;
- Ressalta-se também que 14 alunos da educação de jovens e adultos informaram que não sabem ler e nem escrever;
- Na concepção dos alunos participantes da pesquisa, afirmaram que existem atividades que poderiam ajudar no processo de leitura e escrita como: a leitura e a escrita diária, revisão de sílabas, construção de frases e palavras, explicação e atenção aos alunos por parte do professor, utilização de livros didáticos;
- Sobre a ação de ler, os alunos da educação de jovens e adultos não tem relação e nem fazem exercício da leitura em seu dia a dia quando trouxeram informações sobre os possíveis textos que estes têm contato fora da escola. Os alunos afirmaram que às vezes ou nunca é seu contato com o mundo leitor.

Os dados exibidos são preocupantes, na ótica de Freire a leitura da palavra precede a leitura do mundo, haja vista que “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”.

### 3.2. Análise dos dados relacionados ao objetivo específico 2

Passamos neste momento a apresentar os dados apresentados a seguir estão relacionados ao objetivo específico 2: Verificar as metodologias utilizadas pelos professores para o Processo de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza.

Nas respostas relacionadas aos materiais didáticos utilizados pelos docentes em sua sala de aula para o ensino aprendizagem da leitura e da escrita na Educação de

Jovens e Adultos, de modo incisivo apontou que, todos os entrevistados utilizam materiais didáticos, como livros, apostilas de alfabetização, fichas de leitura e jogos pedagógicos. Acho oportuno destacar as seguintes falas:

- *“utilizo o quadro, caderno, lápis e pincéis”* (P3).

- *“jogos pedagógicos na Educação de Jovens e Adultos”* (P4).

Evidencia-se na fala de (P3) um distanciamento conceitual em relação ao que vem a ser um recurso didático. Já (P4) foi o único participante que alegou que utilizava jogos pedagógicos.

Quando questionados sobre o planejamento das aulas os participantes responderam que são apresentados os projetos da escola (temáticas geradoras) e a partir de então cada docente organiza suas atividades.

A seguir evidenciamos algumas falas sobre o planejamento:

- *Depende muito do Projeto, por exemplo, agora, o foco é a promoção dos bingos e festa, da prática do artesanato, da construção dos assuntos envolvendo a história da Festa Junina, na verdade planejo em cima dos objetivos do Projeto, aí o material que pego, como por exemplo, ontem eu trabalhei com letras de músicas, né, que tem haver com o Projeto.* (P2)

- *“Toda semana de acordo com o Projeto trabalhado”* (P1), (P2) e (P4).

- *“Uso a metodologia dos projetos”* (P6).

Evidenciamos que nas respostas que todos participantes utilização da metodologia de projetos. Esta metodologia de ensino propõe uma conexão entre o aluno e um projeto de pesquisa que desperte o interesse dele.

Na epistemologia freiriana o aluno trazia uma mala de conhecimentos e que deve ser valorizado e aproveitado no contexto de sala de aula e que o processo de alfabetização requer uma metodologia que permita realizar o dialogo verdadeiro, haja vista que o “diálogo” que permita adentar no mundo do aluno para descobrir o universo vocabular deles, sua cultura, onde vivem e como vivem. E daí parte das histórias dele para assim construir conhecimento organizado e significativo.

Ainda nos reportando ao planejamento os participantes alegam que:

- *“Os alunos são diferentes, tens uns muito atrasados. Por isso o documento não pode ser único, pronto e acabado”* (P1).

- *“Sempre há a possibilidade de rever e mudar para se adequar a eles, em determinadas situações”* (P2).

- *O planejamento nas aulas de Educação de Jovens e Adultos tem que ser diferenciado, a gente não pode pensar que aquele aluno, tá simplesmente aqui pra aprender a ler, essa aprendizagem dele tem um foco voltado ou pro mercado de trabalho, mas pra algo que seja de relevância pra vida dele, então assim através da metodologia dos projetos, isso já vai fortalecer, então eu tenho que pensar, o que esse projeto tá sendo trabalhado e como ele vai favorecer o aluno* (P5).

Evidenciamos nas vozes de (P1), (P2) e (P6) que o planejamento ocorre semanalmente e ele planejamento acontece a partir das dificuldades dos alunos da EJA. Faz-se necessário conhecer o aluno, entender seus limites e suas possibilidades de aprendizagem e assim, planejar. A fala de (P1) aponta para questão da flexibilidade do planejamento, já (P2) traz a questão de o planejamento ser um documento vivo. É oportuno que (P3) e (P4) não agregou mais informações sobre o planejamento.

Também visualizamos que na fala de (P5) que os alunos buscam a educação formal como meio de garantia de sua profissionalização, como forma de entrada no mercado de trabalho. Ele nos remete ao dia a dia do aluno da EJA e nos fazem lembrar o perfil construído no objetivo I desta pesquisa, que apontou que são alunos que trabalham para garantir o sustento de suas famílias, e neste caso busca na escola uma aprendizagem que oportunize um emprego, que garanta sua inclusão na sociedade em relação as questões laborais e que gerem renda.

Em seus estudos Domingos e Teles (2018, p. 83) postulam que a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, necessita de um currículo específico, o qual relacione os conhecimentos sistematizados pelos educadores e que “considere os conhecimentos de mundo e o contexto sociocultural dos alunos”.

Segundo Dreyer (2011, p. 3591) o educador precisa saber ouvir os alunos “em suas experiências e através delas elaborar seu roteiro de ação, apresentando materiais que apresentassem sentido para a vida dos alfabetizando, proporcionando a eles ricos

momentos de reflexão. Esta ação possibilitaria o respeito aos conhecimentos dos alunos, a leitura de mundo que eles têm”.

Ao adentrar nas questões relacionadas aos recursos didáticos e as metodologias que são utilizadas em sala de aula que possibilitam a aprendizagem da leitura e da escrita de alunos da EJA em processo de alfabetização. Os professores participantes da pesquisa enfatizaram que para possibilitar a aprendizagem da leitura e da escrita utilizam as seguintes metodologias:

- a) Leitura diária;
- b) Leitura e atividades que fortaleçam a aprendizagem das sílabas e também leitura de palavras “soltas”, pois os alunos confundem o som de algumas letras, como o caso das letras M e N;
- c) Utilização de textos pequenos, vídeos aulas, debates;
- d) Utilização de diferentes gêneros textuais;
- e) Iconografia;

Destacamos a fala de um dos participantes, o qual relata que é necessário

*voltar sempre as sílabas que já foram estudadas para tentar memorizar para poder passar para outra, porque esquecem muito rápido, creio que é falta de atenção, de preocupação em aprender, mas na questão de metodologia éééé escrita e leitura individual com eles sempre (P2).*

Neste caso, visualizamos a preocupação com a memorização, uma forma mecânica de aprendizagem, pois ação de memorizar induz a palavra “decorar” e neste viés a aprendizagem torna-se mecânica e o ensino pautado em ações desconexas com as possíveis competências e habilidades que os alunos possam desenvolver. Este processo exclui a prática do letramento.

Fernandes, (2010, p.19) destaca que os professores devem mover esforços para: “ensinar a aprender, ensinar a fazer, ensinar a ser, ensinar a conviver em paz, desenvolver a inteligência e ensinar a transformar informações em conhecimento”. Nesse viés para o “trabalho de alfabetização precisa desenvolver o letramento. O letramento é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia”.

Reiteramos que, alfabetizar é muito mais do que realizar a codificação e decodificação do código alfabético, por isso “letramento se soma com a alfabetização e, o educador precisa saber o momento certo para articular leitura e produção de texto, fazer as intervenções adequadas” para que os alunos possam progredir, porquanto “é uma fase de libertação, aquisição da escrita e não pode ser entendida como um recurso memorativo, alfabetizar é oferecer ao aluno a oportunidade de se expressar dando a oportunidade do mesmo construir o seu próprio conhecimento” (Santos, Pessoa, Garandau & Lima, 2016, p. 6).

Destacamos que a alfabetização não pode então estar [...] “limitada na compreensão do problema, cuja complexidade não capta ou esconde, suas respostas a ele são de caráter mecanicista. A alfabetização, assim, se reduz ao ato mecânico de “depositar” palavras, sílabas e letras nos alfabetizandos” (Freire, 2006, p. 16).

A alfabetização precisa estar alicerçada de uma prática pedagógica que entenda seus alunos como sujeitos histórico e social afim de que ao saírem da escola utilizem esta ferramenta para a materialização de sua própria cidadania. Neste caso ao reafirmar o processo de aquisição de leitura e escrita como condição inerente humana e assim que está atrelado as questões sociais, culturais e históricas afirmamos que alfabetizar é letrar e vice e versa, já que são ações indissociáveis.

Considerando esse fio condutor, achamos oportuno destacar a fala de outro participante, visto que há um indicio do trabalho com o letramento:

*Aí a gente vai voltar para questão do texto, que eu particularmente vejo essa diversidade textual, ela é muito favorável, porque a gente trabalha a questão dos valores, explora, pois eles já trazem consigo né, atitudes, então assim a poesia, tem muitos deles que se identificam, a música. Então você faz o recorte, mistura as frases, como ele já memorizou a música ele vai colocar certo, como ele já memorizou a poesia, ele vai colocar ali, em ordem, identificando, o quê? A letra inicial, a palavra final e assim por diante, esse é um processo muito louvável, porque às vezes a gente acha que ele só tá memorizando, mas a leitura querendo ou não ela é um processo de memorização também, ele precisa memorizar as letras, as formas das letras para poder chegar lá, tornar-se uma pessoa letrada alfabetizada (P5).*

Nesta fala observamos que apesar do participante enfatizar a memorização, ele relaciona esta ação ao contexto da diversidade textual. A ação de levar ao aluno situações vivenciadas e que eles podem relacionar com os conteúdos que “aparecem” em sala de aula. Visualizamos a valorização do conhecimento de mundo como elemento de construção e desenvolvimento da aprendizagem dos alunos da EJA.

Em relação as dificuldades que os participantes encontram para colocar em prática as diferentes metodologias em sala de aula para o ensino aprendizagem da leitura e da escrita. Foram destacadas:

- O próprio desinteresse dos alunos:  
*- Acho que a dificuldade maior é se deparar com alguns alunos, que tipo assim, acabou a aula, acabou, não estão preocupados em pegar em casa, não tem muito interesse em rever, folhear o caderno, fora de sala, não buscam mais nada (P3).*
- A questão do trabalho com textos, uma vez que aparecem letras, sílabas e sons que os alunos não conseguem assimilar e entender. (P2)
- As turmas serem multisseriadas (fala de todos participantes). Todavia achamos oportuno destacar a fala a seguir:  
*É as turmas multisseriadas, que isso é em todo os lugares e em todas as séries, não adianta a gente dizer que existe uma turma de EJA de 1º ano ao 5º ano, de 6º ao 9º e de ensino Médio que é todo mundo no mesmo nível, não tem como. Então cada um tem um nível diferenciado, há necessidade em situações, por exemplo, há dentro de uma sala uma turma multisseriada, eu tenho aluno que é realmente analfabeto, eu tenho um segundo nível de aluno que são alfabetizados e tenho um terceiro nível que além de ser alfabetizados eles já têm toda fluência de leitura, eu só posso, é, posso trabalhar atividades diferenciada, porém o mesmo conteúdo, não posso perder o foco do conteúdo. O conteúdo é aquele, mas a forma que eu vou trabalhar é outra, por conta dessa multissérie que haverá sempre (P5).*
- Resistência dos alunos em relação a algumas metodologias (P1), (P2) e (P4).
- Ausência de recursos didáticos (fala de todos participantes).
- Os alunos têm medo, receio e não acreditam que tem capacidade de aprendizagem. Ausência de autoestima (fala de todos participantes).

De acordo com Couto (1999, p. 43) o educador deve fazer a mediação dos saberes dos alunos, demonstrando que eles conhecem muitas coisas. Partimos da ideia de que o aluno tem conhecimento, sendo assim ele aprende de modo mais efetivo quando estes são considerados. Neste processo o educando constrói autoestima, pois se percebe como ator principal do contexto de sua aprendizagem. Eles precisam enxergar que a aprendizagem não é um processo de absorção passiva, mas um processo dinâmico, como afirma Lima (2019, p. 10).

Em resumo podemos afirmar no que concerne as metodologias utilizadas pelos professores para o Processo de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza, os docentes:

- partem da concepção da pedagogia de projetos que é uma concepção de ensino aprendizagem adotada pela escola lócus da investigação;
- utilizam ferramentas de ensino aprendizagem da leitura e da escrita a partir de apresentar aos alunos diferentes gêneros textuais;
- usam jogos pedagógicos, bem como músicas, leitura de imagens e debates orais em sala de aula.

Em relação as dificuldades encontradas para materializar as metodologias diferenciadas em sala de modo geral são:

- ausência de recursos didáticos;
- o desinteresse dos alunos;
- a ausência de autoestima dos alunos;
- turmas multisseriadas.

### 3.3. Análise dos dados relacionados ao objetivo específico 3

A partir de agora exibimos em dois blocos a análise dos dados coletados com foco no objetivo específico 3: Averiguar quais os projetos voltados à leitura e a escrita são desenvolvidos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos.

Destacamos que o primeiro bloco que traz as contribuições dos professores da escola e o segundo bloco apresenta as informações relacionadas ao Projeto Político Pedagógico da Escola.

### 3.3.1. Primeiro bloco: Entrevista com os docentes da EJA

Quando indagamos os professores sobre a importância da realização de projetos para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos. Evidenciamos pontos comuns e divergentes nas falas. Dentre elas destacamos as respostas que seguem:

- *“Mas se eu pudesse trabalhar solto com certeza eles aprenderiam mais rápido”* (P1).

- *“Trabalhar com projeto facilita a compreensão do aluno e o professor aprende a trabalhar de forma interdisciplinar. Às vezes eu gostaria de trabalhar outra temática e não posso”* (P3).

- *“Trabalhar com projetos é bom, porque através deles não ficamos limitados a livros ou a sequência de conteúdos, vamos além, trazendo novos textos, o conhecimento deles que amplia e o nosso também”* (P4).

Com base nos relatos apontamos que os professores enfatizam que em certos momentos gostariam de trabalhar em sala de aula mais livres, ou seja, trabalhar com temas diferentes aos pautados nos projetos. Eles alegam que os temas geradores impossibilitam a mudança/flexibilização do planejamento escolar.

Os professores afirmam também que trabalhar com projetos é essencial e amplia os conhecimentos dos alunos por estarem relacionados às suas realidades.

A educação de jovens e adultos então precisa perceber o aluno a partir de suas vivências no meio social, valorizando seus conhecimentos para que a partir deles a prática pedagógica possa ser estruturada e implementada como postula Freire. Quando há valorização do conhecimento que os alunos trazem, a escola passa a reconstruir caminhos para a aprendizagem diante a realidade de seu entorno e com isso apresenta a eles o mundo letrado e sua importância, tornando-os elementos vivos no processo educativo e favorecendo sua própria cidadania.

Com relação aos projetos voltados à leitura e a escrita para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos os professores declararam que:

- *“Já vem tudo pronto”* (P1).

- *“É trabalhar receitas prontas”* (P2).

- “Eles devem ser pensados dentro da necessidade do aluno. Então assim trabalhar a questão da escrita e da leitura ela tem que ser de forma individual, não tem jeito” (P3).

- “Os projetos são pensados como forma de ampliar e conciliar os conteúdos com temas da atualidade ou que fazem parte do cotidiano dos alunos, para que se obtenham melhores resultados, pois assim ampliar seus conhecimentos” (P4).

- Olha a educação de jovens e adultos, ela precisa ser trabalhada de forma diferenciada, e os projetos têm que fluir e surgir daí. É assim, de uma conversa de dentro da sala de aula, de uma necessidade específica, muitas vezes o aluno expressa e a gente simplesmente deixa passar, né? E aí a partir do momento vê que aquela necessidade não é única de um aluno só, esse projeto ele se torna relevante e há de ser trabalhado dentro da sala de aula. Às vezes, nós professores, nós não valorizamos um questionamento do aluno. A expressão do aluno, às vezes ele salta e ler o que está escrito, tá ali, observando, é... aprendizagem não apenas mecânica ou sistemática, é o que é o diferencial na educação de jovens e adultos, mas o que que um projeto vai trazer de relevante para o aluno, para o jovem e o adulto que ele tá ali ingressando ou está no mercado de trabalho, precisa se atualizar ou já um idoso, mas ele quer aprender, quer se informar, que viajar, então o projeto tem que ser pensado nessa aprendizagem significativa (P6).

Observamos nas respostas de P1 e P2 que o professor desconhece a forma como a escola realiza o planejamento, ou seja, com base em que são definidos os temas geradores e que estes passam de um ano para outro. Percebemos que a escola tentar trabalhar com a pedagogia de projetos, mas ao elaborar as temáticas não consideram que de um ano para o outros as turmas não possuem a mesma configuração e isso reflete nos interesses dos alunos.

Na ótica freiriana a proposta de alfabetização deveria ter como base: um método ativo, crítico, dialogal; o conteúdo programático deveria ser transformado, ressignificando; as técnicas de alfabetização deveriam reduzir o processo de decodificador.

Ao analisarmos as afirmações de P4 e P6, observamos que eles caminham no sentido de que deve ser considerada as dificuldades dos alunos. Eles ....

Segundo os docentes os projetos voltados à leitura e a escrita na Educação de Jovens e Adultos são: Comunicação e Expressão e o Sarau Literário e Projeto

Identidade. Segundo (P2) o projeto que mais fomenta a aquisição de leitura e escrita é o Comunicação e expressão, mas relata que este não avança *“pelo fato de estarmos recebendo matriculas quase que diárias no primeiro bimestre, sempre estaremos voltando ao início”*.

A partir das contribuições dos participantes da investigação sobre os avanços no ensino aprendizagem da leitura e da escrita a partir dos projetos evidenciamos que, os alunos chegam à escola lócus de pesquisa “crus” como afirma (P1) e os avanços começam quando é percebido pelos docentes que os alunos já leem pequenos textos. Todavia (P2) afirma que eles aprendem hoje e amanhã já esqueceram tudo, principalmente pelo fato que os alunos “faltam muito” e também pela idade de alguns a memória já se encontra comprometida.

É relatado também por (P4) como avanço, a aquisição da escrita e da oralidade, pois percebe-se o aumento no vocabulário dos alunos que verbalizam, comunicam-se melhor. E (P6) comunga com (P4) e diz que: *“eles conseguem ler e identificar algumas sílabas que não conhecia, identificar letras das palavras, até do próprio nome, então isso já é um avanço na leitura deles”*.

Ao serem questionados sobre o que precisa ser ressignificado em nível de planejamento e implementação de projetos voltados à leitura e a escrita para que os objetivos sejam alcançados, eles responderam que precisam:

- ter liberdade para planejar de acordo com a turma;
- estabelecer um processo de avaliação individualizado;
- redimensionar as metodologias em sala de aula;
- de apoio da Coordenação Pedagógica;

### 3.3.2. Segundo bloco: Análise documental

A partir desse momento iremos apresentar a análise do Projeto Político Pedagógico da Centro Educacional Fernando Matos de Souza os dados são exibidos na tabela 4.

**Tabela 7**

*Análise Documental – Projeto Político Pedagógico do Centro Educacional Fernando Matos de Souza.*

Critério	Indicadores	Análise documental
Projetos de leitura e escrita na Educação de Jovens e Adultos	Nome do Projeto	Comunicação e Expressão: <b>Despertar para a leitura e escrita</b>
	Problemática detectada	A leitura está presente em nosso cotidiano seja de forma oral ou escrita, em textos comerciais, vídeo, mensagens de e-mails, celulares, músicas, livros, revistas, jornais e etc., e é na escola que este merece um destaque, pois é possível analisá-la amplamente, aumentando o conhecimento e enriquecendo seu vocabulário. O Projeto “Comunicação e Expressão” têm como foco principal a interação dos alunos com a leitura, a escrita e a expressão, estudando os mais variados tipos de textos e manifestando opiniões diversas. Diante disso vimos à necessidade de se trabalhar o projeto sendo a leitura um instrumento fundamental no cotidiano dos mesmos, visto que, os alunos têm dificuldade na leitura, na interpretação e na expressão oral.
	Objetivos do projeto	Estimular nos alunos no processo de leitura permanente para estarem continuamente atualizados frente aos desafios e perspectivas do mundo moderno/contemporâneo, ajudando-os a se tornarem leitores e escritores.
Metodologia de execução do projeto	<p>Produções textuais, partindo de fotos, gravuras, palavras-chaves, fatos da sociedade, leitura de textos, discussões entre outros.</p> <p>Seminários, mesa redonda, painel integrado, roda de leitura, debates dirigidos.</p> <p>Trabalhos em duplas, trio ou grupos, com variados tipos de textos para que eles possam identificar o gênero textual.</p> <p>Interpretação oral e escrita com diversos tipos de textos.</p> <p>Confecções de murais e cartazes.</p> <p>Pesquisas sobre autores de livros com uso da sala de leitura.</p> <p>Conversas formais e informais sobre o tema gerador.</p> <p>Exposição dos trabalhos realizados.</p> <p>Recorte e colagem.</p> <p>Atividades diversas.</p> <p>Construção de jornais (parede, escrito e falado).</p>	

		<p>Contextualização com o Projeto Poesia.  Culminância com a exposição, recitação de textos, fantoches, contos etc.  Aulas sistemáticas em sala de aula.  Atividades geradas com materiais de embalagens.  Desenvolver estratégias e procedimentos de leitura eficiente para ensinar os alunos da EJA.  Construção do espaço da leitura (tenda, sala, um cantinho, uma mesa etc.)</p>
	Formas de avaliação	Pautas avaliativas, feitas juntas com o aluno, relatório mensal e atividades diversas.
	Periodicidade do projeto	08/04 a 30/04/2019
Projetos de leitura e escrita na Educação de Jovens e Adultos (c0ntinuacao)	Nome do Projeto	Identidade Quem sou eu?
	Problemática detectada	<p>A construção da identidade se dá por meio das interações do ser humano com o seu meio social. A escola é um universo social diferente da família, favorecendo novas interações, ampliando desta maneira seus conhecimentos a respeito de si e dos outros. Com isso, o projeto foi elaborado com o intuito de ajudar o aluno a descobrir sua identidade junto com o grupo, partilhando suas experiências e valorizando sua vivência e conhecimentos adquiridos. Através desse trabalho, estaremos promovendo a interação entre os alunos, e oferecendo a oportunidade de se expressar e relatar suas experiências de vida, onde eles mesmos possam se descobrir e descobrir o outro com quem convivem de maneira interativa e prazerosa, realizando atividades que vão de encontro com essas descobertas, fazendo valer também a interação entre a família e a escola.</p>
	Objetivo do Projeto	<p>Favorecer o resgate da identidade dos alunos da EJA proporcionando momentos de encontros e descobertas com a identidade pessoal de cada um por meio de atividades interessantes que os levem a pesquisas, criações, produções e leituras de textos.  Despertar interesses de participação nas aulas de forma lúdica e interativa;  Conhecer a história de seu nome e seu significado;  Identificar os costumes de sua família e do grupo social ao qual pertence;  Conhecer e respeitar costumes de outras famílias, grupos sociais e povos;  Identificar suas preferências e comportamentos diante do mundo em que vive;  Resgatar a história de vida, abrangendo o conhecimento dos dados culturais dos alunos.</p>

	Metodologia de Execução	<p>Serão realizadas aulas sistemáticas, contextualizado com as demais áreas do conhecimento. Será utilizado vários materiais paradidáticos para dar suporte ao explorado (crachás ou fichas; bingo letra-viva – Recompor o nome de um colega ficando cada aluno com uma letra do nome; dominó – de nome e sílabas, letra imprensa e/ou cursiva; classificações – letra inicial igual, primeira sílaba igual, nomes de igual número de sílabas e igual número de letras; cartela foto/nome do aluno ou desenho/caricatura e nome.</p> <p>Recorte e colagem de fatos marcantes de sua vida (confeccionar um pequeno cartaz para apresentar, produzir escritas a partir desse contexto oral);</p> <p>Relato do aluno: “Porque tenho esse nome?”, “O significado do meu nome é...”, relato dos alunos da EJA: “Porque vim para cidade?”, “Como era minha vida na minha terra natal?”, desenhar ou escrever;</p> <p>Será feito um levantamento sobre a vida dos alunos, como por exemplo: nome completo, endereço, seus hábitos, por que estuda, como é sua personalidade e, por fim, qual seria o seu maior sonho.</p>
	Forma de avaliação	Será feita junto com os alunos, analisando os pontos positivos e negativos de todas as atividades desenvolvidas por eles, assim como também a assiduidade, criatividade, trabalho em equipe, disposição, exposição e participação, pois os alunos estarão passando por um projeto diagnóstico.
	Periodicidade	04/02 à 01/03 de 2019

**Nota:** Construído com base no Projeto Político Pedagógico do Centro Educacional Fernando Matos de Souza

Com base no que foi apresentado sobre os dados coletados e relacionados ao objetivo específico 3, evidenciamos que os projetos voltados à leitura e a escrita são desenvolvidos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens. Passamos agora a citar os projetos:

- a) Projeto “Comunicação e Expressão” que objetiva estimular nos alunos os processos de leitura a fim de que se atualizem de acordo com as demandas do mundo moderno para neste cenário construir habilidades e competências leitoras;
- b) Projeto “Identidade Quem sou eu?” que objetiva:
  - Favorecer o resgate da identidade dos alunos da EJA proporcionando momentos de encontros e descobertas com a identidade pessoal de cada um por meio de atividades interessantes que os levem a pesquisas, criações, produções e leituras de textos;
  - Despertar interesses de participação nas aulas de forma lúdica e interativa;
  - Conhecer a história de seu nome e seu significado;
  - Identificar os costumes de sua família e do grupo social ao qual pertence;
  - Conhecer e respeitar costumes de outras famílias, grupos sociais e povos;
  - Identificar suas preferências e comportamentos diante do mundo em que vive;
  - Resgatar a história de vida, abrangendo o conhecimento;

A análise apontou também que os professores apresentam algumas necessidades em relação ao trabalho com projetos fortemente relacionado à ausência de formação continuada. Para, além disso, inferem que todo o planejamento não acontece com o envolvimento de todos e por isso sentem que precisam conhecer seus alunos, uma vez que os projetos devem ser pensados para este público, compreendendo seus limites e suas possibilidades. A assertiva aqui é fortemente alicerçada quando os professores rememoram que alguns alunos por sua faixa etária apresentam dificuldade de aprendizagem por seu desenvolvimento cognitivo comprometido.

Ressalta-se que para o fortalecimento da Pedagogia de Projetos e assim o ensino aprendizagem da leitura e da escrita na EJA seja possível faz-se necessário:

- liberdade para planejar de acordo com a turma;
- estabelecer um processo de avaliação individualizado;
- redimensionar as metodologias em sala de aula;
- apoio da Coordenação Pedagógica;

#### 3.4. Análise dos dados relacionados ao objetivo específico 4

Dirigindo as atenções ao objetivo específico 4: Identificar as possibilidades e os limites enfrentados pelos professores no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos na fase de alfabetização escolar.

A fim de identificar as possibilidades e os limites enfrentados pelos professores no processo de ensino e aprendizagem dos alunos perguntamos aos docentes: Como é ser professor na Educação de Jovens e Adultos?

- *“é bom”* (fala de todos participantes).

Observamos nos dados coletados que o sentimento de satisfação expressado está relacionado ao alcance de resultados positivos no que concerne a aprendizagem de seus alunos.

- *“É gratificante ver que eles agora estão correndo atrás daquilo que não tiveram e passam há aproveitar esse tempo e dar valor, é gratificante”* (P2).

- *No SESC ser professora de EJA é um ganho muito grande, porque... eu tô falando de SESC, porque eu ouço tantos questionamentos na escola pública de alunos que afronta o professor, de alunos que entra e sai a hora que quer, aluno que é audacioso, aluno que ameaça e no SESC a gente não tem esse tipo de comportamento. Então o professor do SESC ele é um professor que conquista o aluno, né, que ele mantém o aluno dentro das suas condições, porque às vezes, a gente faz tudo para que o aluno permaneça, mas é o próprio aluno que desfazendo do local, deixando o espaço, mas eu penso que é um tesouro que ganhamos aqui* (P3).

- *Pra mim é um encantamento, ser professora já é viver no paraíso, mas educação de jovens e adultos, pra mim é aquele despertar, é uma paixão,*

*porque você., eu me vejo sendo útil, podendo ajudar outras pessoas, a se encaminharem. Às vezes é algo tão simples e eles não conseguem ver, como é simples isso e você tá levando oportunidade pra um aluno tirar sua carteira de trabalho, você ali, você é uma mão ajudadora, nada mais do que isso, então é muito gratificante ser professora na educação de jovens e adultos, porque você ver pessoas, dando assim, sabe o suor, seu sangue, dando tudo de si, querendo aprender, pra buscar melhoria na qualidade de vida, buscar um trabalho melhor, é ter uma qualidade de vida diferente, acho que é isso, é ser apenas uma mão que encaminha sempre pro melhor (P5).*

A educação de jovens e adultos apresenta desafios relevantes no cenário da Educação Brasileira. O perfil destes alunos, já enfatizado nestas linhas de análise e interpretação nos remetem a história da defasagem idade série, da evasão, das histórias de repetência que se entrelaçam as próprias histórias de vida dos alunos.

Certamente, ensinar na EJA é tarefa que envolve não somente habilidades técnicas. Pelo contrário, o professor dessa modalidade precisa estar imbuído de habilidades que possam motivar, acolher e, sobretudo incluir estes alunos na escola e no mundo de suas práticas sociais.

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência.

[...] Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (Freire, 2016, p.25).

Neste prisma, a aprendizagem tem movimento, é criada e recriada a partir das transformações do mundo e da influência que este mundo exerce sobre seus sujeitos, onde é a vida, a forma como o sujeito de forma pessoal, única interage com as suas possibilidades na arte de aprender e também percebe seus limites. Por isso, o educador deve criar condições que favoreçam seus alunos a perceberem a importância do processo de escolarização, as quais estejam para além da sala de aula. Situação essa enfatizada por Freire (2016) ao enfatizar que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”. (p.31).

Na epistemologia freiriana a aprendizagem ocorre quando os conteúdos tem significado com o contexto de vida, o meio é fator determinante e precisa ser problematizado. As dificuldades devem ser transformadas em possibilidades e não potencializadas a fim de gerar problemas como medo, frustração, ausência de autoestima e quem sabe uma possível evasão escolar.

Adentrando na temática das dificuldades que o professor enfrenta no dia a dia de sala de aula no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos na fase de alfabetização escolar os participantes falaram que:

- *“A ausência deles, às vezes eles faltam muito no dia a dia da semana”* (P1), (P3) e (P6).

- *“Eles perdem o interesse de ler, pra ir buscar onde está a resposta com o colega”* (P2).

- *“Inicialmente eles vêm, porque eles têm interesse e pra mim o mais difícil é manter eles empolgados, porque na primeira decepção que eles sofrem, no primeiro entrave que eles se veem aí sem sair, muitos deles são tímidos, não chegam com a gente e não falam, e chegam muitas vezes pensando em desistir”* (P3).

A partir das vozes dos professores as dificuldades de aprendizagem estão fortemente relacionadas às questões sociais, culturais, emocionais e históricas. Tais dificuldades são apresentadas por Abreu (2012) em suas pesquisas.

Gómez e Terán (2009) enfatizam que “a aprendizagem supõe uma construção que ocorre por meio de um processo mental que implica na aquisição de um conhecimento novo”. (p.31)

Corroborando Barbosa (2015) afirmando embora haja dificuldade para aprender, ela “não significa que a aprendizagem não possa ocorrer”. (p.13). Nesse viés a desmotivação dos alunos que não estudam em suas casas e veem na escola o único lugar de aprendizagem, a ausência de apoio da família, a ausência de autoestima dos alunos, ausência de resiliência não determinam que os alunos deixem de aprender. Aí reside a importância do trabalho dos professores para selecionarem metodologias que combatam os elementos que podem atrapalhar a aprendizagem.

Após nos debruçarmos nas dificuldades apresentadas pelos docentes perguntamos, estes foram questionados sobre as possibilidades apresentadas no dia a dia

de sala de aula no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita de alunos da Educação de Jovens e Adultos na fase de alfabetização escolar.

Segundo os investigados as respostas relacionadas as possibilidades ao processo de alfabetização apresentadas são:

- ler e escrever de forma correta;
- de perceber que a leitura não está somente na escola;
- de conhecer o mundo de forma diferenciada;
- de manusear um livro, que ele não tem na casa dele;
- de dialogar com o outro, que às vezes também, ele não consegue expor a opinião dele em casa, ele expõe aqui;
- otimização da vida pessoal e profissional;

De acordo com Zorzi (2009) para que a aprendizagem da leitura e da escrita se concretize é necessário desenvolver ações indissociáveis a prática docente, as quais devem considerar a habilidades e competências., dentre elas:

- Desenvolver a capacidade para segmentar palavras;
- Compreender, ou constatar que as diferentes palavras se constituem a partir da combinação dos fonemas que compõem tal conjunto;
- Compreender a relação grafo fônica; etc.

No que diz respeito as situações e ou experiências vivenciadas na sala de aula implicam e ou comprometem o ensino aprendizagem da leitura e da escrita na Educação de Jovens e Adultos e que podem ou não causar o fracasso escolar. Os participantes apresentaram as seguintes situações:

- o desânimo, a falta de autoestima e a baixa assiduidade;
- as questões emocionais, o namoro, as decepções, a vida pessoal;
- questões que envolvem a saúde do aluno;
- a ausência da família;
- a ausência de transporte escolar.

Ainda nos reportando as situações achamos oportuno apresentar algumas falas, as quais passamos a exibir a seguir:

- Bom, eu coloco a família em primeiro lugar, como um fator desmotivador. A família ela tem esse poder, de elevar a estima, mas também de cortar e quebrar os sonhos de muitos. Eu lembro de alguns alunos que deixaram de estudar porque o esposo, a mulher não apoiava, ou os filhos, a mãe dizia: - não, vai cuidar do teu filho, porque agora, que você tá adulto, você vai querer estudar, né? E quantas vezes a gente já viu casal vindo estudar, abrindo portas depois esse mesmo casal em outro nível de ensino, e assim a família tem esse papel, assim como os amigos também, tanto para o bem, quanto para o outro lado, mesmo, o mal. Dentro de sala de aula, eles se motivam, falam bem da Instituição lá fora, eles elevam o nome, porque na Instituição, eles têm um tratamento diferenciado. (P5)

- porque às vezes esse aluno anda alguns quilômetros pra chegar a um determinado lugar e o transporte escolar não passa e aí ele vai um dia, dois dias, vai três dias e isso acaba facilitando também, né, esse desestímulo dele a questão da evasão. (P3)

Neste momento passaremos a abordar o fracasso e ou sucesso escolar, este depende de vários fatores que estão intrínsecos a escola como metodologia, formação docente, recursos materiais, o acolhimento escolar e etc., bem como os fatores extrínsecos, os quais eu chamo de “a vida lá fora”, como: a família, as questões conjugais, ao uso indevido de drogas, enfim um emaranhado de situações que acabam conduzindo a Educação de Jovens e Adultos a “Unidade de tratamento intensivo” de forma metaforizada.

Dentre as sugestões para tornar o ensino aprendizagem da leitura e da escrita na Educação de Jovens e Adultos em fase de alfabetização fosse um processo com qualidade, os participantes sugeriram:

- a utilização de metodologias que utilizem a leitura diária em sala de aula;
- ressignificar a proposta metodológica da escola estabelecendo uma prática docente que resgate o método tradicional e ensino;
- inserir o uso de jogos pedagógicos como ferramenta de ensino aprendizagem para alunos em processo de alfabetização;

- que a escola tivesse espaço amplo para que os professores pudessem realizar atividades práticas, bem como uma biblioteca adaptada para receber estes alunos.

Sintetizando as análises relacionadas ao objetivo específico 4 podemos elencar as seguintes possibilidades frente ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar, identificamos:

- a leitura e “escrita correta”;
- perceber que a leitura não está no mundo e não somente na escola;
- conhecer o mundo de forma diferenciada;
- trabalhar com livros que os alunos não tenham em casa, ou seja, outros livros que não fazem parte da rotina da escola (livro didático).

Enquanto limites os professores enfrentam as seguintes situações:

- o desânimo, a falta de autoestima e a baixa assiduidade;
- as questões emocionais, o namoro, as decepções, a vida pessoal;
- questões que envolvem a saúde do aluno;
- a ausência da família e transporte.

Evidenciamos algumas estratégias, que na ótica deles, podem diminuir os limites que interferem o ensino aprendizagem da leitura e da escrita na Educação de Jovens e Adultos como:

- metodologias que utilizem a leitura diária em sala de aula;
- ressignificar a proposta metodológica da escola estabelecendo uma prática docente que resgate o método tradicional e ensino;
- inserir o uso de jogos pedagógicos como ferramenta de ensino aprendizagem para alunos em processo de alfabetização;
- que a escola ofereça um espaço amplo para que os professores pudessem realizar atividades práticas, bem como uma biblioteca adaptada para receber estes alunos.

Percebeu-se que não existe a preocupação dos docentes no que concerne a importância da formação docente e que estes ainda apresentam uma visão fragmentada para o exercício de seu fazer laboral em turmas de educação de jovens e adultos.

### 3.5. Análise dos dados relacionados ao objetivo específico 5

Neste instante passamos a exibir os dados coletados em relação ao objetivo específico 5: Descrever as dificuldades e as possibilidades dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar no que concerne a aprendizagem dos conteúdos e na relação de seu dia a dia na escola.

Na tabela 8 podemos visualizar as duas dimensões exploradas: as dificuldades dos alunos na fase de alfabetização e as possibilidades. Nela vemos refletido o que os alunos pensam ao refletirem suas aprendizagens e assim temos a missão de descrever a partir das subjetividades os diferentes significados que aparecem neste momento da pesquisa.

#### **Tabela 8**

*As dificuldades e as possibilidades dos alunos da EJA na fase de alfabetização escolar*

<b>Dificuldades</b>	<b>Possibilidades</b>
Escrever e ler bem; Ler as palavras no quadro, devido à visão. Ortografia e interpretação textual. Realizar cálculos matemáticos. Leitura das sílabas complexas. Produzir frases e textos.	Ser melhor na matemática e no português. Arrumar um trabalho. Fazer uma faculdade. Melhorar de vida. Aprender com qualidade para ser no futuro técnico agrícola. Aprender a ler escrever. Ser autônomo. Ampliar o conhecimento.

É de notoria pública que grande parte do jovem e do adulto quando retornam a escola buscam resgatar sua própria existência. Esta investigação evidencia isso. Muitos estão ausentes dos bancos escolares a bastante tempo e suas dificuldades de aprendizagem são avassaladoras.

Estes revelaram o medo e o receio de aprender. Alunos “mais velhos” tem comprometimento de autoestima em relação a sua aprendizagem. Sentem-se incapazes e com isso a prática docente deve ser diferenciada.

São alunos com um contexto social de certa forma vulnerável. Eles retornam a escola em busca de seus próprios sonhos, querem melhorar suas vidas. Em alguns casos essa melhoria de vida está relacionada a proporcionar melhores condições para os próprios, pois na EJA temos pais e mães, às vezes até avós. Validando esse dado Gadotti (2008)

afirma em seus estudos que “os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida”, e que estes “são fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego” (p.31).

É importante destacar que os alunos da EJA (participantes desta investigação) afirmam que ao aprenderem os conteúdos e serem alfabetizado irão: “*arrumar trabalho, poderão ser autônomos, a vida será melhor, poderão ter uma profissão, etc*”. Mas, sabem que este processo não é fácil e que a caminhada tem obstáculos. Ponto estes afirmado quando expressam suas dificuldades fortemente atreladas ao ensino aprendizagem da matemática e da língua portuguesa no que concerne a aprendizagem da leitura e da escrita.

Como já foi dito nas linhas desta análise e interpretação de dados pelos professores participantes da pesquisa, muitos alunos chegam na EJA “crus”, ou seja, o que os alunos quando chegarem na sala de aula, muitos não sabem nem assinar seu próprio nome e isso é um problema, é uma dificuldade.

Outro ponto que também dificulta a aprendizagem dos alunos investigados diz respeito aos problemas na visão. Eles são cegos, mas que desenvolvem problemas na visão ao longo de suas vidas, estes torna mais complicado o processo de aprender a ler e a escrever.

Estes jovens e adultos foram postos de lado pela sociedade e vão a escola buscar libertação. Mas para que isto se concretize a escola precisa reconhecer estes alunos como seres humanos que precisam exercer protagonismo e não meros expectadores. A escola precisa superar as dificuldades criando ambiente propício de aprendizagem, já que os alunos buscam, também, melhoria de sua própria vida em um contexto de sua própria existência. Dito isto cabe a escola como não se deter no rigor metodológico, mas sobre tudo possibilitar uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador. Caso contrário estar caminhando para o fracasso como afirma Gadotti (2008, p. 32).

Nessa ótica cabe aos professores “respeitar as condições culturais do jovem e do adulto analfabeto” e realizarem um diagnóstico histórico-econômico do grupo ou comunidade onde irão trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico (erudito) e o saber popular”. Gadotti (2008, p. 17)

Diante do que foi apresentado sobre as dificuldades enunciadas pelos investigados em resumo podemos dizer que: os cálculos matemáticos, bem como nas questões que envolvem ortografia, pontuação, formação de palavras com sílabas

complexas, produção de frases e textos o que caracteriza comprometimento no processo de alfabetização.

Podemos evidenciar que na ótica deles a escola compreende uma ferramenta para a melhoria de suas vidas em um cenário profissional, de ampliação de conhecimento e para a garantia de sua própria autonomia.

## 4. CONCLUSÕES

Este capítulo apresenta a avaliação e interpretação dos dados tratados no capítulo análise e interpretação de dados que tratou dos resultados. Ele segue a estrutura metodológica apresentada na introdução desta investigação (questão principal, objetivo geral e objetivos específicos).

A questão que moveu esta pesquisa: Quais os desafios e as perspectivas do processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza?

Neste viés, os resultados obtidos apresentam-se de grande relevância culminando nas respostas relativas ao objetivo geral e aos objetivos específicos.

Objetivo Geral: Analisar os desafios e as perspectivas do processo de alfabetização na educação de jovens e adultos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza.

Os resultados dos dados apontados trazem 8 (oito) desafios do processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza:

- **Primeiro desafio:** ausência de diagnóstico - Os professores não conhecem seus alunos e assim desconhecem suas potencialidades e seus limites no que concerne ao seu processo de ensino aprendizagem;
- **Segundo desafio:** A Pedagogia de Projetos desvinculada da realidade dos alunos – Os professores não tem liberdade para construir suas aulas a partir da realidade de seus educandos.
- **Terceiro desafio:** permitir a flexibilidade no planejamento e a participação dos professores na elaboração. A pesquisa apontou que este é feito por um grupo de profissionais e não por todos os sujeitos envolvidos e também o planejamento demonstrou ser um documento estático na instituição de ensino, ou seja, “pronto e acabado”.
- **Quarto desafio:** utilizar metodologias atrativas para motivar os alunos. As aulas na EJA precisam ser mais prazerosas. A pesquisa apontou que os professores não utilizam estratégias de ensino que reconstruam seu

fazer pedagógico. As aulas seguem a partir de metodologias tradicionais que tem na ação de ensinar as letras, formar as sílabas, uma forma de ensinar a ler e a escrever garantido ao processo de alfabetização e letramento uma ação dissociável;

- **Quinto desafio:** repensar a formação docente- os professores da Educação de Jovens e Adultos demonstram fragilidades em seu debate teórico e a relação que este estabelece com o fazer pedagógico.
- **Sexto desafio:** ausência de recursos materiais e didáticos- a pesquisa aponta que a escola não dispõe de materiais e ou recursos que possibilitem a ressignificação da práxis docente;
- **Sétimo desafio:** a evasão escolar - que está vinculado às histórias de vida dos alunos da educação de jovens e adultos que propiciam: desmotivação, o desinteresse e a baixa autoestima dos alunos, onde o trabalho e a ausência do apoio familiar;
- **Oitavo desafio:** as dificuldades de aprendizagem por parte dos alunos.

No tocante as perspectivas do processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza a investigação apontou que:

- A escola ainda é reconhecida pelos alunos como ambiente de aprendizagem e como ferramenta de ascensão social;
- A Educação de Jovens e Adultos do SESC Ler proporciona a comunidade o retorno ao processo de escolarização;
- Aprender a ler e a escrever e assim ser incluído em sociedade como sujeito letrado;
- Utilizar a leitura e a escrita como reconhecimento de leitura de seu próprio mundo criando assim uma nossa identidade de si e dos outros;
- Melhora da qualidade de vida pessoal e profissional do aluno a fim de apresentá-lo como sujeito de direitos, fomentando condições para o exercício pleno da cidadania;
- Realizar leituras diárias em sala de aula;
- Ressignificar a proposta metodológica da escola;
- Utilizar jogos pedagógicos como ferramenta de ensino aprendizagem para alunos em processo de alfabetização;

- Melhorar os espaços físicos da escola, para que os professores possam realizar atividades diversificadas.

Constatou-se no **objetivo específico 1**: Apresentar o perfil dos alunos da Educação de Jovens e Adultos em fase de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza/SESC LER. Evidenciamos o seguinte perfil dos alunos no que concerne as questões:

A. Sociodemográfico e escolar:

- **Idade:** no que concerne à idade apresentam-se com maior prevalência na faixa etária de 20 a 30 anos e 40 a 55 anos;
- **Sexo:** 12 (doze) são do sexo masculino e 14 (quatorze) do sexo feminino;
- **Religião:** prevalência está na religião evangélica;
- **Renda Familiar:** pertencem as famílias de baixa renda tendo maior incidência a faixa salarial de 01 (um) a 02 (dois) salários mínimos;
- **Profissão:** prevalência no trabalho autônomo (diarista, ajudante de pedreiro, roçador, caseiro, lavrador, soldador e turbineiro) com pequeno grupo de 06 (alunos) que desenvolvem atividades de doméstica, merendeira, vendedora e porteiro;
- **Vida Escolar:** marcada pela defasagem idade série, abandono escolar e repetência;
- **Possíveis causas para o fracasso escolar:** dificuldade de aprendizagem, as notas baixas, ausência do espaço escolar, o fazer laboral e as mudanças ocasionadas por viagens ou de endereço, falta de interesse, falta de segurança e problemas de saúde.

B. Leitura e escrita:

- Dificuldades de leitura e escrita;
- Prevalência de alunos que não sabem ler;
- Causas para as dificuldades de leitura e escrita: início tardio do processo de escolarização, dificuldades de aprendizagem, problemas de visão, comprometimento cognitivo, ausência de interesse, falta de atenção do professor, dificuldades em acompanhar as aulas, dificuldade em matemática, escrita de sílabas complexas e produção de frase e textos;

- Os participantes da pesquisa não têm o hábito da leitura em seu dia a dia;

No **objetivo específico 2**: Verificar as metodologias utilizadas pelos professores para o Processo de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza. Comprovamos que os professores:

- Partem da concepção da pedagogia de projetos que é uma concepção de ensino aprendizagem adotada pela escola lócus da investigação;
- Utilizam ferramentas de ensino aprendizagem da leitura e da escrita a partir de apresentar aos alunos diferentes gêneros textuais;
- Usam jogos pedagógicos, bem como músicas, leitura de imagens e debates orais em sala de aula.

Evidenciou-se no **objetivo específico 3**: Averiguar quais os projetos voltados à leitura e a escrita são desenvolvidos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos. Na perspectiva de fortalecer o processo de Alfabetização são desenvolvidos os seguintes projetos:

- Comunicação e expressão: este tem como objetivo estimular nos alunos os processos de leitura a fim de que se atualizem de acordo com as demandas do mundo moderno para neste cenário construir habilidades e competências leitoras;
- “Identidade Quem sou eu?” que objetiva:
  - Favorecer o resgate da identidade dos alunos da EJA proporcionando momentos de encontros e descobertas com a identidade pessoal de cada um por meio de atividades interessantes que os levem a pesquisas, criações, produções e leituras de textos;
  - Despertar interesses de participação nas aulas de forma lúdica e interativa;
  - Conhecer a história de seu nome e seu significado;
  - Identificar os costumes de sua família e do grupo social ao qual pertence;
  - Conhecer e respeitar costumes de outras famílias, grupos sociais e povos;

- Identificar suas preferências e comportamentos diante do mundo em que vive;
- Resgatar a história de vida, abrangendo o conhecimento;

Contatou-se no **objetivo específico 4**: Identificar as possibilidades e os limites enfrentados pelos professores no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar. Através das respostas evidencia-se como:

A. Possibilidades:

- A leitura e “escrita correta”;
- Perceber que a leitura não está no mundo e não somente na escola;
- Conhecer o mundo de forma diferenciada;
- Trabalhar com livros que os alunos não tenham em casa, ou seja, outros livros que não fazem parte da rotina da escola (livro didático).

B. limites:

- O desânimo, a falta de autoestima e a baixa assiduidade;
- As questões emocionais, o namoro, as decepções, a vida pessoal;
- Questões que envolvem a saúde do aluno;
- A ausência da família e transporte.

No que diz respeito ao **objetivo específico 5**: Descrever as dificuldades e as possibilidades dos alunos da Educação de Jovens e Adultos na fase de alfabetização escolar no que concerne a aprendizagem dos conteúdos e na relação de seu dia a dia na escola. Evidenciamos como:

A. Dificuldades:

- Os cálculos matemáticos;
- Questões que envolvem ortografia, pontuação, formação de palavras com sílabas complexas, produção de frases e textos;
- Interpretação de textos.

B. Possibilidades: a escola compreende uma ferramenta para a melhoria de suas vidas em um cenário profissional, de ampliação de conhecimento e para a garantia de sua própria autonomia.

A pesquisa demonstrou que o dia a dia na escola lócus da investigação é estático situação apresentada através das vozes dos participantes da pesquisa, há evasão escolar e a baixa assiduidade dos alunos, além de apresentarem dificuldades em acompanhar os conteúdos em sala de aula.

Concluimos que os professores precisam buscar alternativas para superar os 8 (oito) desafios apresentados. Destacamos que as perspectivas do processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos apresentadas nesta investigação compreendem pistas para reorganizar o trabalho e assim traçar caminhos mais efetivos para viabilizar a alfabetização e o letramento dos alunos.

No tocante as implicações teorias, este estudo deixa como contribuição que a instituição precisa oportoportunizar o diálogo constante como postula Freire, haja vista a importancia dele para avaliar os implactos da prática pedagógica junto aos alunos, para que as mesma viabilizem o sucesso dos educandos e com isso permitir que eles exercam liberdade para assumirem o papel de protagonista de suas vidas. Como também:

- Na **dimensão científica**: a investigação trouxe a comunidade científica ampliou o olhar sobre os alunos da Educação de Jovens e Adultos no que concerne ao processo de alfabetização entendendo que estes são sujeitos sociais e que possuem sua cidadania fortemente atrelada a sua história de vida. Na perspectiva de fomentar novas pesquisas e novas possibilidades de intervenções para o objeto de estudo investigado;
- E na **dimensão Educacional**: a escola passa a compreender que a pesquisa faz parte do dia a dia e que somente assim podemos concretizar ações que abarcam as ciências da educação, oportunizando um novo olhar para questões que envolvem: a prática docente, metodologias e o processo de ensino aprendizagem na educação de jovens e adultos. A escola passa a perceber que o conhecimento não é estático, pelo contrário, tem movimento e que ela precisa ressignificar seu papel e sua própria função social que é passível da ação e da reflexão e com isso de transformação de seus saberes e de seus fazeres na Educação de Jovens e Adultos.

Para finalizar afirmamos que na nossa ótica o fim do trabalho aponta para necessidade de um novo recomeço (simpósios, palestras, seminários, jornadas, bem

como a publicação de artigos científicos em revistas), pois somos sabedores que a pesquisa aqui proposta oportuniza novas realidades e descobertas na comunidade científica. Para, além disso, a investigação traz aportes relevantes ao meu processo de doutoramento.

## 5. RECOMENDAÇÕES

Essa pesquisa foi realizada com o propósito de analisar os desafios e as perspectivas do processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza e sugere-se:

- A. Em relação a formação continuada:
  - Realizar semestralmente a semana pedagógica a fim de promover reflexões sobre: metodologias docentes na EJA, Avaliação da Aprendizagem; ações realizadas na escola permitindo assim um debate sobre o que deu certo e o que não certo;
  - Possibilitar aos docentes, formação continuada em serviço sobre metodologias para o ensino aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos de forma contínua.
- B. Vê o aluno enquanto individualidade para partir construir o coletivo:
  - Construir o perfil do educando da EJA na dimensão socioeconômica e no que concernem suas habilidades e competências de leitura e escrita para que assim a escola possa planejar suas ações;
  - Despertar na sala de aula, a criatividade e o interesse dos educandos recriando possibilidades de aprendizagem que estejam relacionadas ao dia a dia dos alunos como: o supermercado na sala de aula, o cine debate, a música, o teatro, etc.
- C. Em relação aos projetos:
  - Criar e implementar em sala de aula o Projeto Contar e Recriar. Este projeto tem como foco alfabetização e o letramento de forma prazerosa. A partir desta ação as histórias contadas estariam livres e do contexto do mundo dos alunos. Estas serviriam de ponto de partida para trabalhar com sequências didáticas adaptadas a partir das competências leitoras a serem alcançadas;
  - Garantir aos alunos o brincar como forma de construir saberes e relacionar estes as experiências com os conhecimentos dos conteúdos que estão sendo desenvolvidos em sala de aula. As atividades lúdicas permitem que os alunos da EJA se tornem mais participantes na sala de aula, as aulas mais prazerosas e o ensino aprendizagem mais significativo;

- Sugerimos a utilização de projetos que utilizem: jogos de memória, a utilização do quizz, jogo dos sete erros, jogos de tabuleiro que exercitem o raciocínio dos alunos como banco imobiliário, detetive, etc., bingo dos números, das letras, das palavras, boliche da matemática e outras atividades que desenvolvam os aspectos inerentes ao desenvolvimento cognitivo dos alunos;
  - A escola precisa fomentar projetos que promovam: a resiliência e a autoestima dos educandos da educação de jovens e adultos;
  - Criação de projetos que estejam relacionados aos conteúdos indispensáveis a fase de alfabetização e letramento de jovens e adultos a partir de temas geradores que estejam relacionados que estejam associados ao perfil dos alunos da EJA que a escola possui em suas salas de aula;
  - Desenvolver projetos que possam envolver as famílias dos educandos da EJA a fim de sensibilizá-los sobre o processo de escolarização;
  - Que a escolha dos projetos seja realizada por todos os pares que compõe a escola fortalecendo assim a relação família, escola e comunidade.
- D. No tocante aos materiais e os recursos didáticos pedagógicos utilizados:
- Realizar a oficina de jogos e brinquedos pedagógicos para os docentes da escola a partir da logística reversa que traz a importância de utilizarmos materiais reciclados diminuindo inclusive a produção de lixo e garantindo a sustentabilidade do meio ambiente;
  - A partir da oficina de jogos e brinquedos pedagógicos criar a brinquedoteca da escola implementando assim as aulas de reforço aos alunos com dificuldade de aprendizagem a partir de aulas em um ambiente diferenciado, inovador e com uma prática docente mais prazerosa aos educandos;
  - Implementar ações que utilizem as tecnologias como ferramenta de ensino aprendizagem a partir da utilização de aplicativos que fomentem o processo de alfabetização como: silabando, o ABC do Bitá, Ler e Contar, entre outros aplicativos disponíveis no mercado da indústria de jogos pedagógicos on line.

## REFERÊNCIAS

- Abreu, M.M.O. (2012). Alfabetização e letramento: desafios contemporâneos à docência nas séries iniciais. Uberlândia, UFU. Disponível:<http://periodicos.puccampinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/253/236>
- Almeida, A. & Corso, A. M. (2015). *A Educação de Jovens e Adultos: Aspectos Históricos e Sociais*, 2015.
- Arruda, M. L. (2006). *A História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Moderna.
- Barbosa, M.B (2015). Dificuldades de aprendizagem no contexto escolar: perspectivas para sua compreensão e superação. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro. Disponível em:  
<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/128232/000851216.pdf?sequence=1>
- Barreto, V. (2004). Paulo Freire para educadores. 6.ed. São Paulo: Arte e Ciência.
- Beozzo, J. O. (Org.) (2005). *Curso de Verão XVIII: Educar para a Justiça, a Solidariedade e a Paz*. São Paulo: Paulus; CESEP, 2004. Coleção Teologia Popular.
- Brasil. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- Brasil. (1961). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF.
- Brasil. (1996). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF.
- Brasil (2000). Ministério da Educação e do Desporto. Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos. Brasília, DF

- Campoy, T. J. (2018). *Metodología de la Investigación Científica: Manual para elaboración de tesis y trabajos de investigación*. Marben Editora : Asunción-Paraguay.
- Carvalho, M. (2010). *Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a pratica*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Cervo, A. L; Bervian, P.A; Silva, R da (2007). *Metodologia Científica*. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Chizzotti, A. (2014). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 11. ed. São Paulo: Cortez.
- Couto, S. S. F. (1999). *Paulo Freire: Princípios e Práticas de uma Concepção Popular de Educação*. Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Fe-USP, São Paulo.
- Demo, P. (2002). *Educar pela pesquisa*. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados.
- Domingos, A. P. B & Teles, M. N. (2017). *A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DE PAULO FREIRE ÀS METAS DO PNE*. Pesquisa em Foco, São Luís, vol. 22, n. 2, p. 81- 99. Jul./Dez. Disponível em: [http://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA\\_EM\\_FOCO](http://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO)
- Dreyer, L. (2011). *Alfabetização: o olhar de Paulo Freire*. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. X Congresso Nacional de Educação- Educere. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2011/5217\\_2780.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2011/5217_2780.pdf)
- Durante, M. (1998). *Alfabetização de Adultos: leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Grupo A. 114p.
- Frade, I. C. A. S. (2005). *Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor*. Belo Horizonte : Ceale/FaE/UFMG.
- Figueiredo, I. R. (2018). *O processo histórico da educação de jovens e adultos na escola Estadual Maria das Dores Brasil em Boa Vista-RR, nos anos de 2008 a 2017*. Universidade Federal de Roraima. Boa vista. Disponível em: [http://ufrr.br/historia/index.php?option=com\\_phocadownload&view=category&download=205:tcc-corrigido-dia-20-07-dona-inalda-completo&id=4:publicacoes&Itemid=204](http://ufrr.br/historia/index.php?option=com_phocadownload&view=category&download=205:tcc-corrigido-dia-20-07-dona-inalda-completo&id=4:publicacoes&Itemid=204)
- Fiorentini, D. & Lorenzato, S. (2009). *Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos*. 3ª Edição Revisada. Campinas: Autores Associados, p. 193-206.

- Fontes, F. C. O. & Benevides, A. S. (2013). Alfabetização de crianças: dos métodos à alfabetização em uma perspectiva de letramento. In: Fórum Internacional de Pedagogia, 2013, Vitória da Conquista - BA. Anais Fiped V (2013). Vitória da Conquista - BA, 2013. v. I. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho\\_Comunicacao](http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao)>
- Freire, P. (1979a). *Conscientização: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez e Moraes
- Freire, P. (1979b). *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1980). *Conscientização teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes.
- Freire, P. (1982) *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Freire, P. (1986). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Freire, P. (1994). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2011). *Educação como prática de liberdade*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1991). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários para a prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1989). *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 23.ed. São Paulo. Autores associados: Cortez.
- Freire, P. (2016). *Pedagogia do Oprimido*. 60.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gadotti, M. (2008). *Educação de Jovens e Adultos: Teoria, Prática e Proposta*. 10. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire.
- Ghiraldelli Junior, P. (2000). *História da Educação*. 2ª edição. São Paulo: Cortez.
- Gil, A. C. (2014). *Métodos e Técnicas de pesquisa social*. 6ª edição. São Paulo: Atlas.
- Gómez, A. M. S.; Terán, N. E. (2009). O que é aprender? In: \_\_\_\_\_. *Dificuldades de aprendizagem: detecção e estratégias de ajuda: manual de orientação para pais e professores*. Equipe Cultural. Edição MMIX.
- Guimarães, C. S. (2015). *A Educação no Brasil após a Redemocratização (1985-2002)*. Revista Fundamentos, V.2, n.1. Revista do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Piauí. ISSN 2317-2754

- Haddad, S. & Di Pierro, M. C. (2000). *Escolarização de jovens e adultos*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n. 14, p. 108-30, mai./jun./jul./ago. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07.pdf>.
- Haddad, S. & Di Pierro, M. C. (2015). *Transformações nas políticas de educação de jovens e adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas nacional e internacional*. In: Cad. Cedes, Campinas, v. 35, n. 96, p. 197-217, maio-ago. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35n96/1678-7110-ccedes-35-96-00197.pdf>
- Lima, V. M (2019). O Processo de Letramento e da aquisição da linguagem escrita pelas crianças. In: Revista Científica Intraciência, edição 17, março. Faculdade do Guarujá.
- Maciel, J. J. (2017). O Método Paulo Freire: Origens Históricas, Influências Teóricas e Aspectos Metodológicos. XV Congresso Nacional de Educação- EDUCERE. Formação de professores: Contextos, Sujeitos e Práticas. ISSN 2176-1396. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25509\\_13013.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25509_13013.pdf)
- Marconi, M. A; Lakatos, E. M. (2017). *Metodologia Científica*. 7ª edição. São Paulo: Atlas.
- Martins, A. (2014). Fundamentos da educação de jovens e adultos e educação popular. Rio de Janeiro: SESES. 112 p. : il. ISBN 978-85-5548-080-5
- Michel, M. H. (2015). *Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais: Um Guia Prático para o Acompanhamento da Disciplina e Elaboração de Trabalhos Monográficos*. 3ª Edição- São Paulo: Atlas.
- Minayo, M.C.S. (2015). *Pesquisa Social: teoria, métodos e criatividade*. Edição 34ª, Petrópolis: Vozes.
- Oliveira, S. M. (2015). *Educação em Perspectiva*. 1. ed. São Paulo: Livrus Negócios Editoriais. 142 p.
- Paiva, V. (2003). História da educação popular no Brasil. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola.
- Parecer CNE/CEB 11/2000. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares para a Educação de jovens e Adultos. Disponível em: [onfinteabrazilmais6.mec.gov.br/images/documentos/parecer\\_CNE\\_CEB\\_11\\_2000.pdf](http://onfinteabrazilmais6.mec.gov.br/images/documentos/parecer_CNE_CEB_11_2000.pdf).
- Ramalho, D. (2012). *Conceitos e procedimentos de validação da pesquisa qualitativa e sua utilização na pesquisa de mercado*. Universidade de São Paulo. Escola de comunicações e artes. Monografia apresentada ao Departamento de Relações

- Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pospesquisa/monografias/Dalila.pdf>.
- Sampieri, R.H; Collado, C.F & Lucio, P.B. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. 3. ed. Trad.: Fátima Conceição Murad; Melissa Kassner; Sheila Clara Dystyler Ladeira. São Paulo: McGraw-Hill Interamericana do Brasil Ltda.
- Santos, A.C.S; Pessoa, M. J; Garandau, J.P & Lima, R. N. (2016). Alfabetização e Letramento: dois conceitos, um processo. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc3-6.pdf>
- Santos, D.M; Leal, N.M (2018). *A pedagogia de projetos e sua relevância como práxis pedagógica e instrumento de avaliação inovadora no processo de ensino aprendizagem*. In: Revista Científica da FASETE. Disponível em: [https://www.fasete.edu.br/revistarios/media/revistas/2018/19/a\\_pedagogia\\_de\\_projetos\\_e\\_sua\\_relevancia\\_como\\_praxis\\_pedagogica\\_e\\_instrumento\\_de\\_avaliacao\\_inovadora.pdf](https://www.fasete.edu.br/revistarios/media/revistas/2018/19/a_pedagogia_de_projetos_e_sua_relevancia_como_praxis_pedagogica_e_instrumento_de_avaliacao_inovadora.pdf)
- Santos, M.G.B & Dias, P.G. (2018). A importância do letramento no processo de alfabetização: um olhar crítico sobre as metodologias de ensino. Instituto Federal de Alagoas Ciências e Tecnologia (IFAL). In: Educação e Resistência: A Formação de professores em tempos de crise democrática. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/enalic/trabalhos/443-54952-30112018-183548.pdf> .
- Saviani, D. (2009). Formação de professores: *aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro*. Revista Brasileira de Educação. v. 14. N. 40 jan/abr.
- Silva, R. P (2004). Educação de jovens e adultos: os significados do ingresso na escola. Monografia. Paraíba: Universidade Federal de Campina Grande.
- Soares, M. (2004). Alfabetização e letramento: *Caminhos e Descaminhos*. Revista Pátio. Ano VIII, n. 29, fev./abr.
- Soares, M.(2017). Alfabetização e letramento. 7. ed. São Paulo: Contexto.
- Soares, Magda (2004). Letramento e alfabetização: *as muitas facetas*. 26ª Reunião Anual da Anped.
- Urbano, W.L. A. (2009). *A História da Educação no Brasil: da Descoberta à Lei de Diretrizes e Bases de 1996*. UNISALESIANO- Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium. São Paulo- Lins.

Zorzi, J. L. (2009). A Alfabetização: uma proposta para ensinar Crianças com Dificuldade de aprendizagem. In: ZORZI, J. L.; CAPELLINI, S. A. (Org). Dislexia e outros distúrbios de leitura-escrita: letras desafiando a aprendizagem. 2. Ed. São José dos Campos: Pulso, p. 149-193. Disponível em:  
<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>

## **ANEXOS**

Anexo 1. Questionário do aluno

Aluno (a): \_\_\_\_\_

Questionário EJA

1. Qual a sua faixa etária?  
 15 a 20 anos  21 a 30 anos  31 a 40 anos  41 a 50 anos  mais de 50 anos
2. Qual gênero?  
 Feminino  Masculino
3. Raça?  Branca  Afrodescendente  Indígena  Outra
4. Qual sua Religião?  
 Católica  Evangélica  Ateu  Espiritista Kardecista  Umbanda/  
Candomblé  Outra
5. Qual seu estado civil?  
 Solteiro(a)  Casado(a)  Separado(a)  Viúvo (a)
6. Renda Familiar?  
 Até 1 salário mínimo  De 1 a 2 salários mínimos  De 2 a 5 salários  
mínimos  De 5 a 10 salários
7. Estilo de vida?  
 Mora sozinho  Com Pai/ Mãe.  Com esposo(a).  Com irmãos.  Com  
amigos).  
 Outra situação \_\_\_\_\_
8. Número de pessoas na casa?  
 2.  3.  4.  5  6  Mais de 6.
9. Número de filhos?  Nenhum  1 filho  2 filhos  3 filhos  4filhos   
mais de 4 filhos
10. Trabalha?  Sim  Não
11. Em quê? ( profissão)
12. Início da vida escolar?
13. Você Repetiu algum ano em sua vida escolar?  Sim  Não

14. Quais as causas da Repetência escolar:  
15. Você abandonou a sala de aula/ estudos? ( ) Sim ( ) Não  
16. Quais as causas do abandono escolar:

Anexo 2. Formulário de validação de instrumentos de pesquisa



## FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Prezado (a) professor (a),

Este formulário destina-se à validação do instrumento que será utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo cujo tema é: O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: Desafios e Perspectivas.

**1. Problemática:** Quais os desafios e as perspectivas do processo de alfabetização na educação de jovens e adultos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza?

**2. Objetivo geral da Pesquisa:**

➤ Analisar os desafios e as perspectivas do processo de alfabetização na educação de jovens e adultos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza.

**3. Objetivos Específicos**

1. Apresentar o perfil dos alunos da Educação de Jovens e Adultos em fase de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza/SESC LER.
2. Verificar as metodologias utilizadas pelos professores para o Processo de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza.
3. Averiguar quais os projetos voltados à leitura e a escrita são desenvolvidos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos.

4. Identificar as possibilidades e os limites enfrentados pelos professores no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar.
5. Descrever as dificuldades e as possibilidades dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar no que concerne a aprendizagem dos conteúdos e na relação de seu dia a dia na escola.

Solicito, assim, que se possível, analise as questões propostas nos instrumentos de coleta dos dados e verifique se as mesmas estão correlacionadas ao objetivo geral e aos específicos propostos na pesquisa, observando ainda se existe: Coerência e Clareza nas questões propostas. A coluna I apresenta as questões que após esta validação serão utilizadas para a coleta dos dados e a coluna II e III deverão ser preenchidas utilizando **uma escala de 1 à 5 pontos**, sendo ( 1 ) sem importância ou coerência e ( 5 ) para indicar o máximo de importância e coerência das questões.

Sinta-se à vontade para fazer suas considerações e sugerir melhorias.

Sem mais para o momento, antecipadamente, agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir como desenvolvimento da minha pesquisa.

---

**Eliane Souza dos Santos**  
Mestranda em Ciências da Educação  
Universidade Autônoma de Assunção- Paraguai

## Anexo 3. Questionário dos alunos da 1ª Etapa da EJA

<b>Instrumento de Coleta de Dados: Questionário dos alunos da 1ª Etapa da EJA</b>		
<b>1º Objetivo Específico:</b> Apresentar o perfil dos alunos da Educação de Jovens e Adultos em fase de Alfabetização no Centro Educacional Fernando Matos de Souza/SESC LER.		
<b>QUESTÕES E OPÇÕES DE RESPOSTAS</b>	<b>Coerência</b>	<b>Clareza</b>
<b>INFORMAÇÕES GERAIS</b>	<b>1-5</b>	<b>1-5</b>
<b>1. SEXO:</b> (A) Feminino. (B) Masculino.		
<b>2. IDADE</b> (A) Menos de 17 anos. (B) 17 anos. (C) 18 anos. (D) Entre 19 e 25 anos (inclusive). (E) Entre 26 e 33 anos (inclusive). (F) Entre 34 e 41 anos (inclusive). (G) Entre 42 e 49 anos (inclusive). (H) 50 anos ou mais		
<b>3. RAÇA</b> (A) Branco (a). (B) Pardo (a). (C) Preto (a). (D) Amarelo (a). (E) Indígena.		
<b>4. RELIGIÃO</b> (A) Católica. (B) Protestante ou Evangélica. (C) Espírita. (D) Umbanda ou Candomblé. (E) Outra. (F) Sem religião		
<b>5. ESTADO CIVIL</b> (A) Solteiro (a). (B) Casado (a) / mora com um (a) companheiro (a). (C) Separado (a) / divorciado (a) / desquitado (a). (D) Viúvo (a)		
<b>6. RENDA FAMILIAR</b> (A) Até 01 salário mínimo. (B) De 1 a 2 salários mínimos (C) De 2 a 5 salários mínimos (D) De 5 a 10 salários mínimos		
<b>7. Você mora onde?</b> (A) Em casa ou apartamento, com minha família. (B) Em casa ou apartamento, sozinho (a). (C) Em quarto ou cômodo alugado, sozinho (a). (D) Em habitação coletiva: hotel, hospedaria, quartel, pensionato, república etc. (E) Outra situação.		

<p><b>8. Com quem você mora?</b></p> <p>a) Moro sozinho (a)</p> <p>b) Com o Pai e/ou mãe</p> <p>c) Esposo (a) / companheiro (a)</p> <p>d) Filhos (as)</p> <p>e) Irmãos (ãs)</p> <p>f) Outros parentes, amigos (as) ou colegas.</p> <p>g) Outra situação. Especifique: _____</p>		
<p><b>9. Quantas pessoas moram em sua casa? (Contando com seus pais, irmãos ou outras pessoas que moram em uma mesma casa).</b></p> <p>(A) Duas pessoas.</p> <p>(B) Três.</p> <p>(C) Quatro.</p> <p>(D) Cinco.</p> <p>(E) Mais de seis.</p> <p>(F) Moro sozinho (a)</p>		
<p><b>10. Quantos (as) filhos (as) você tem?</b></p> <p>(A) Um (a).</p> <p>(B) Dois (duas).</p> <p>(C) Três.</p> <p>(D) Quatro ou mais.</p> <p>(E) Não tenho filhos (as).</p>		
<p><b>11. Até quando seu pai estudou?</b></p> <p>(A) Não estudou.</p> <p>(B) Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (antigo primário).</p> <p>(C) Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio).</p> <p>(D) Ensino médio (antigo 2º grau) incompleto.</p> <p>(E) Ensino médio completo.</p> <p>(F) Ensino superior incompleto.</p> <p>(G) Ensino superior completo.</p> <p>(H) Pós-graduação.</p> <p>(I) Não sei.</p>		
<p><b>11. Até quando sua mãe estudou?</b></p> <p>(A) Não estudou.</p> <p>(B) Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental.</p> <p>(C) Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental.</p> <p>(D) Ensino médio incompleto.</p> <p>(E) Ensino médio completo.</p> <p>(F) Ensino superior incompleto.</p> <p>(G) Ensino superior completo.</p> <p>(H) Pós-graduação.</p> <p>(I) Não sei.</p>		
<p><b>12. TRABALHA</b></p> <p>a) sim</p> <p>b) não</p> <p><b>Em caso de resposta afirmativa, em que você trabalha?</b></p> <p>a) Na agricultura, no campo, na fazenda ou na pesca.</p> <p>b) Na indústria.</p> <p>c) Na construção civil.</p> <p>d) No comércio, banco, transporte, hotelaria ou outros serviços.</p> <p>e) Como funcionário(a) do governo federal, estadual ou municipal.</p> <p>f) Como profissional liberal, professora ou técnica de nível superior.</p> <p>g) Trabalho fora de casa em atividades informais (pintor,</p>		

<p>eletricista, encanador, feirante, ambulante, guardador/a de carros, catador/a de lixo).</p> <p>h) Trabalho em minha casa em serviços (costura, aulas particulares, cozinha, artesanato, carpintaria etc).</p> <p>i) Faço trabalho doméstico em casa de outras pessoas (cozinheiro/a, mordomo/governanta, jardineiro, babá, lavadeira, faxineiro/a, acompanhante de idosos/as etc.).</p> <p>j) No lar (sem remuneração).</p> <p>k) Outro.</p> <p>l) Não trabalho.</p> <p>m) Não sei.</p>				
<b>13. Interesse pelos assuntos relacionados abaixo:</b>				
Nº	Assunto de interesse	Muito interesse	Pouco interesse	Não tenho interesse
13.1	Política.			
13.2	Globalização.			
13.3	Esportes.			
13.4	Religião.			
13.5	Meio ambiente, poluição etc.			
13.6	Desigualdade social, pobreza, desemprego, miséria.			
13.7	Artes, teatro, cinema, música.			
13.8	A questão das drogas.			
13.9	O acesso e a qualidade dos serviços públicos de saúde e educação.			
13.10	Sexualidade (prazer, sexo seguro, gravidez, doenças sexualmente transmissíveis etc.).			
13.11	O racismo contra negros, indígenas, orientais, ciganos, judeus etc.			
13.12	Discriminação e violência contra mulheres.			
13.13	Discriminação e violência contra homossexuais / gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais.			
13.14	Discriminação e violência contra crianças e adolescentes			
13.15	Discriminação e violência contra pessoas idosas.			
13.16	Discriminação e violência contra pessoas com deficiência.			
14. Com que idade você iniciou a sua vida escolar?				
15. Durante sua vida escolar, quantas vezes você repetiu de ano?				
16. Durante sua vida escolar, já parou de estudar?				
17. Em caso de já ter abandonado a escola, quais os motivos que o levaram a isso?				



Anexo 5. Planilha para registro das respostas relacionadas a entrevista com a coordenação pedagógica

<b>Instrumento de Coleta de Dados: Entrevista - Coordenação Pedagógica</b>		
<b>3º objetivo específico:</b> Averiguar quais os projetos voltados à leitura e a escrita são desenvolvidos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos.		
<b>Questões</b>	<b>Coerência</b>	<b>Clareza</b>
	<b>1-5</b>	<b>1-5</b>
1. Qual a importância da realização de projetos para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos?		
2. Como são pensados os projetos voltados à leitura e a escrita para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos?		
3. Quais os projetos voltados à leitura e a escrita são desenvolvidos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos?		
4. Quais os avanços no ensino aprendizagem da leitura e da escrita foram alcançados a partir dos projetos já realizados?		
5. O que precisa ser resignificado em nível de planejamento e implementação de projetos voltados a leitura e a escrita para que os objetivos neles propostos		
<b>Contribuições do Especialista Avaliador:</b>		

## Anexo 6. Planilha para registro das respostas relacionadas a análise documental

<b>Instrumento de Coleta de Dados: Análise documental- Projeto Político Pedagógico.</b>				
<b>3º objetivo específico:</b> Averiguar quais os projetos voltados à leitura e a escrita são desenvolvidos no Centro Educacional Fernando Matos de Souza para o fortalecimento do processo de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos.				
<b>QUESTÕES E OPÇÕES DE RESPOSTAS</b>			<b>Coerência</b>	<b>Clareza</b>
			<b>1-5</b>	<b>1-5</b>
<b>Critério</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Análise documental</b>		
Projetos de leitura e escrita na Educação de Jovens e Adultos	Nome do Projeto			
	Problemática detectada			
	Objetivos do projeto			
	Metodologia de execução do projeto			
	Formas de avaliação			
	Periodicidade do projeto			

**Contribuições do Especialista Avaliador:**

## Anexo 7. Planilha para registro das respostas relacionadas a entrevista com os docentes

<b>Instrumento de Coleta de Dados: Entrevista com os Docentes</b>		
<b>4º Objetivo Específico:</b> Identificar as possibilidades e os limites enfrentados pelos professores no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar.		
<b>QUESTÕES</b>	<b>Coerência</b>	<b>Clareza</b>
	<b>1-5</b>	<b>1-5</b>
1. Como é ser professor na Educação de Jovens e Adultos?		
2. Quais as dificuldades que você professor enfrenta no dia a dia de sala de aula no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar?		
3. Quais são as possibilidades apresentadas no dia a dia de sala de aula no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita de alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar?		
4. Quais as situações e ou experiências vivenciadas na sala de aula implicam e ou comprometem o ensino aprendizagem da leitura e da escrita na educação de jovens e adultos e que podem ou não causar o fracasso escolar?		
5. Quais as suas sugestões para a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem na leitura e da escrita na educação de alunos em fase de alfabetização?		

**Contribuições do Especialista Avaliador:**

## Anexo 8. Planilha para registro das respostas relacionadas ao questionário

<b>Instrumento de Coleta de Dados: Questionário</b>		
<b>5º Objetivo Específico:</b> Descrever as dificuldades e as possibilidades dos alunos da educação de jovens e adultos na fase de alfabetização escolar no que concerne a aprendizagem dos conteúdos e na relação de seu dia a dia na escola.		
<b>QUESTÕES</b>	<b>Coerência</b>	<b>Clareza</b>
	<b>1-5</b>	<b>1-5</b>
<p>1. Você já sabe ler e escrever?</p> <p>( ) sim ( ) não</p> <p>Caso, sua resposta seja negativa. Que situações ocorrem em sala de aula que impedem a aprendizagem da leitura e da escrita?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>Caso a resposta seja positiva, em seu processo de leitura e escrito quais são as principais dificuldades enfrentadas em sala de aula</p>		
<p>2. Quais atividades realizadas pelos professores que facilitam a aprendizagem da leitura e da escrita?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>		
<p>3. As questões a seguir você deverá assinalar apenas uma alternativa.</p> <p><b>3.1. Você costuma ler?</b></p> <p><b>I. Romance, Crônica e ficção em geral.</b></p> <p>( ) nunca</p> <p>( ) Algumas vezes</p> <p>( ) Quase sempre</p> <p>( ) Sempre</p>		

<p><b>II. Livros de poesia</b></p> <p><input type="checkbox"/> nunca</p> <p><input type="checkbox"/> Algumas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Quase sempre</p> <p><input type="checkbox"/> Sempre</p> <p><b>III. Jornais</b></p> <p><input type="checkbox"/> nunca</p> <p><input type="checkbox"/> Algumas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Quase sempre</p> <p><input type="checkbox"/> Sempre</p> <p><b>IV. Revistas de informação em geral</b></p> <p><input type="checkbox"/> nunca</p> <p><input type="checkbox"/> Algumas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Quase sempre</p> <p><input type="checkbox"/> Sempre</p> <p><b>V. Revistas em Quadrinhos</b></p> <p><input type="checkbox"/> nunca</p> <p><input type="checkbox"/> Algumas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Quase sempre</p> <p><input type="checkbox"/> Sempre</p> <p><b>VI. Sites na internet</b></p> <p><input type="checkbox"/> nunca</p> <p><input type="checkbox"/> Algumas vezes</p> <p><input type="checkbox"/> Quase sempre</p> <p><input type="checkbox"/> Sempre</p> <p><b>3.2. Frequência de leitura</b></p> <p><input type="checkbox"/> não gosto de ler</p> <p><input type="checkbox"/> leio somente o necessário</p> <p><input type="checkbox"/> leio apenas o que o professor pede em sala de aula</p> <p><input type="checkbox"/> ler é meu passatempo favorito.</p>		
<p>5. O que torna a escola menos atrativa pra você?</p> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>		

